

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS

RAIMUNDA PEREIRA DA SILVA BALIZA

ESCOLHAS LEXICAIS DE ALUNOS DA EDUCAÇÃO BÁSICA:
VOZES SOCIAIS, ASPECTOS CULTURAIS


Liberada em: 22/10/2021.

MONTES CLAROS – MG
2021



Raimunda Pereira da Silva Baliza

Escolhas lexicais de alunos da educação básica: vozes sociais, aspectos culturais

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Letras, do Departamento de Comunicação e Letras da Universidade Estadual de Montes Claros, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Prof.^a Maria do Socorro Vieira Coelho.

Coorientadora: Prof.^a Dr.^a Ana Márcia Ruas de Aquino

Área de concentração: Linguagens e Letramentos

Linha de Pesquisa: Leitura e Produção Textual: diversidade social e práticas docentes

B186e Baliza, Raimunda Pereira da Silva.
Escolhas lexicais de alunos da Educação Básica [manuscrito] : vozes sociais, aspectos culturais / Raimunda Pereira da Silva Baliza. – Montes Claros, 2021.
110 f. : il.

Bibliografia: f. 85-90.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Montes Claros - Unimontes, Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Letras/ Profletras, 2021.

Orientadora: Profa. Dra. Maria do Socorro Vieira Coelho.
Coorientadora: Profa. Dra. Ana Márcia Ruas de Aquino.

1. Léxico. 2. Vozes sociais - Polifonia. 3. Preconceito e discriminação. 4. Aspectos Culturais. 5. Educação Básica. 6. Proposta de ensino. I. Coelho, Maria do Socorro Vieira. II. Aquino, Ana Márcia Ruas de. III. Universidade Estadual de Montes Claros. IV. Título. V. Título: Vozes sociais, aspectos culturais.

Catálogo: Biblioteca Central Professor Antônio Jorge

Raimunda Pereira da Silva Baliza

Escolhas lexicais de alunos da Educação Básica: vozes sociais, aspectos culturais.

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Letras, do Departamento de Comunicação e Letras da Universidade Estadual de Montes Claros, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Prof.^a Maria do Socorro Vieira Coelho

Coorientadora: Prof.^a Dr.^a Ana Márcia Ruas de Aquino

Área de Concentração: Linguagens e Letramentos

Linha de Pesquisa: Leitura e Produção Textual: diversidade social e práticas docentes

Prof.^a Maria do Socorro Vieira Coelho – Orientadora (Unimontes)

Prof.^a Dr.^a Ana Márcia Ruas de Aquino – Coorientadora (Unimontes)

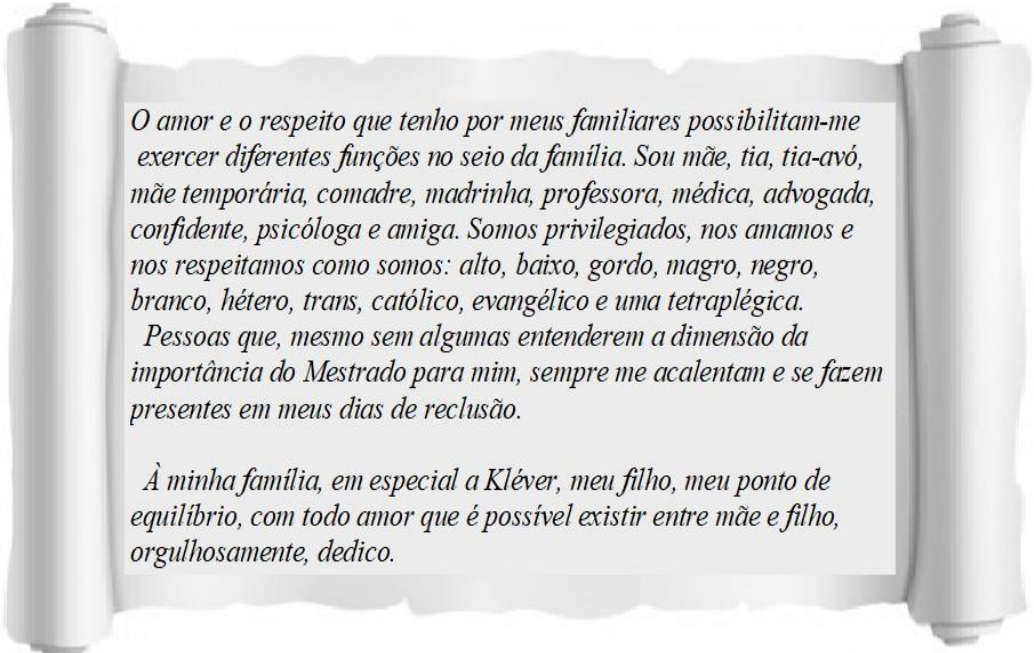
Prof.^a Dr.^a Carla Roselma de Athayde – Banca Examinadora (Unimontes)

Prof. Dr. Gilvan Mateus Soares – Banca Examinadora (E. M. Alvina Campos)

Prof.^a Dr.^a Márcia Verônica Ramos de Macedo – Suplente (UFAC-PPGMPLetras)

Prof.^a Dr.^a Vera Lúcia Dias dos Santos Augusto – Suplente (UFMS)

Montes Claros, 13 de setembro de 2021.



O amor e o respeito que tenho por meus familiares possibilitam-me exercer diferentes funções no seio da família. Sou mãe, tia, tia-avó, mãe temporária, comadre, madrinha, professora, médica, advogada, confidente, psicóloga e amiga. Somos privilegiados, nos amamos e nos respeitamos como somos: alto, baixo, gordo, magro, negro, branco, hétero, trans, católico, evangélico e uma tetraplégica.

Pessoas que, mesmo sem algumas entenderem a dimensão da importância do Mestrado para mim, sempre me acalentam e se fazem presentes em meus dias de reclusão.

À minha família, em especial a Kléver, meu filho, meu ponto de equilíbrio, com todo amor que é possível existir entre mãe e filho, orgulhosamente, dedico.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por todas as experiências vividas, e por ter me permitido nascer em uma família sem prestígio social, marcada pelos estereótipos da pobreza econômica, porém marcada pela riqueza em amor, dignidade e respeito.

À minha mãe (*in memoriam*), Dona Baia, que me amou de forma extrema e transformou meus sonhos em seu projeto de vida, pelos ensinamentos, relatos de superação e incentivo quando eu me sentia impotente frente às dificuldades diárias, e pelas proibições que me impediram de trilhar caminhos tortuosos.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, pela concessão da bolsa de estudo sem a qual eu não teria condições de realizar o curso.

Às Professoras Marly Viana Lopes Figueiredo, Ana Maria Ribeiro Vilas Boas, Ivete Barros Viana e Maria do Socorro Barros Viana, por terem despertado em mim o fascínio pela leitura nas séries iniciais da escolaridade.

Aos Professores da Universidade Estadual de Montes Claros, por fazerem parte de minha formação acadêmica.

Às muitas pessoas que me emprestavam e ainda emprestam livros para eu ler.

À professora Maria do Socorro Vieira Coelho, pela orientação do meu trabalho, com valiosas sugestões.

À professora Dr.^a Ana Márcia Ruas de Aquino, coorientadora de minha pesquisa, por sua constante disponibilidade para me socorrer.

Aos alunos do 8º1, turma de 2019, por me permitirem uma amizade para além da sala de aula, por confiarem no meu trabalho e, por extensão, a todos os meus alunos, com os quais aprendo diariamente.

Ao meu amigo, professor Walisson Fernando de Sousa, pela ajuda, sempre que solicitada.

Às amigas, Angélica, por compreender minha ausência, e à Doralice, por estar presente mesmo quando imperava o silêncio.

À Beth Viana Silva Medrado, ex-diretora da Escola Estadual de Montalvânia e à Ivany Rosa da Silva, atual gestora daquela instituição, e demais colegas de trabalho, pelo incentivo e pela colaboração quando da organização de nosso horário de trabalho.

Aos colegas de mestrado, em particular à admirável Penha, por partilharem suas experiências, pela parceria, pelos “minutinhos” de conversa, e pelo carinho especial que nutrem por mim.

Ao meu filho, meu parceirinho, que ainda tão jovem e já tão autônomo, sabe compreender meu sorriso de alerta, meu pedido de socorro e minhas ausências, irritações.

Ao sobrinho, afilhado e quase filho, João Lucas, por cuidar de mim dias e noites sem fim, pelos cafés revigorantes, pela alimentação na hora certa, por escutar meus desabafos.

A todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho.

RESUMO

Esta pesquisa desenvolve um estudo sobre as vozes sociais que emergem do discurso da fala de alunos do oitavo ano de uma escola pública estadual, especialmente focando as unidades lexicais proferidas por esses indivíduos, e que geram atitudes desrespeitosas. O texto objetiva prover conhecimentos para a desconstrução de significados desrespeitosos e naturalizados no discurso dos alunos do Ensino Fundamental da Escola Estadual de Montalvânia, com vista à construção de uma relação de respeito mútuo entre os pares, porquanto tais unidades linguísticas expressam crenças equivocadas que geram atitudes negativas e agressivas, que, por sua vez, culminam em tratamento ultrajante. O aporte teórico inclui postulados sobre linguagem, léxico, polifonia, identidade, ideologia e desigualdade social, com destaque para a dialogia bakhtiniana. Para o desenvolvimento da pesquisa, levantaram-se duas hipóteses: i) os alunos ignoram ou negligenciam os significados e conceitos de unidades lexicais desrespeitosas e as naturalizam, por estarem no imaginário coletivo, por serem reproduzidas na sociedade, ofendendo, assim, seus colegas; ii) as ideologias socio-histórica e culturalmente construídas, ecognitivamente impregnadas na memória discursiva, originam atitudes insultuosas resultantes do uso de uma linguagem violenta e de desprezo motivadas pelo preconceito que aflora do discurso dos alunos em estudo. No tocante à metodologia, além das pesquisas bibliográfica e documental, elegeram-se a pesquisa-ação e a abordagem qualitativa, esta, para se proceder à análise de dados. No que concerne aos resultados, considerando as respostas ao questionário aplicado na fase diagnóstica, e examinando-se o discurso, com foco em fatores que geram tratamentos injuriosos, detectaram-se práticas preconceituosas e discriminatórias envolvendo diversos aspectos como raça, etnia (xenofobia), gênero, aparência física (fobia contra: pessoas gordas ou muito magras, estatura, formato e tamanho de orelhas, olhos e lábios, entre outros), condição social e religião. Com base nessas (re)ocorrências, elaborou-se uma proposta de ensino com o objetivo de promover uma educação linguística eficiente, e com uma abordagem que apregoe e motive o respeito ao próximo nos alunos partícipes desta pesquisa.

Palavras-chave: Léxico. Vozes sociais (polifonia). Preconceito e discriminação. Educação. Proposta de ensino.

ABSTRACT

This research develops a study on the social voices emerging from the discourse of the speech of eighth grade students in a state public school, especially focusing on the lexical units uttered by those individual, and which generate disrespectful attitudes. The objective of text is to deconstruct these meanings naturalized in the discourse of the students, aiming at building a relationship of mutual respect between peers, as such linguistic units express mistaken beliefs that generate negative and aggressive attitudes, which, in their turn, culminate in outrageous treatment. The theoretical contribution includes postulates about language, lexicon, polyphony, identity, ideology and social inequality, with emphasis on the Bakhtinian dialogism. For the development of the research, two hypotheses were raised: i) students ignore or neglect meanings and notions of disrespectful lexical units and naturalize them, as they are in the collective imagination and because they are reproduced in society, offending thus their colleagues. ii) the socio-historically and culturally constructed ideologies, and cognitively impregnated in the discursive memory originate insulting attitudes resulting from the use of violent and disrespectful language motivated by the prejudice that emerges from the discourse of the students under study. Regarding the methodology, in addition to the bibliographical and documental research, action research and a qualitative approach were chosen, the latter to carry out data analysis. Regarding the results, considering the answers to the questionnaire applied in the diagnostic phase, and examining the discourse focusing on factors that generate harmful treatments, prejudiced and discriminatory practices were detected involving various aspects such as race, ethnicity (xenophobia), gender, appearance physical (phobia against: too fat or skinny people, height, shape and size of ears, eyes and thickness lips, among others, social status and religion. Based on these (re)occurrences, a teaching proposal was elaborated with the aim of promoting an efficient language education, through an approach which promotes and motivates respect for others in the students participating in this research.

Keywords: Lexicon. Social Voices (polyphony). Prejudice and Discrimination. Education. Teaching Project.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Desrespeito à variação linguística.....	15
Figura 2 - Discriminação por aparência	16
Figura 3 - Prática da injúria étnica.....	17
Figura 4 - Qual o problema do texto?	17
Figura 5 - Localização do município de Montalvânia	51
Figura 6 - Uma visão panorâmica da cidade de Montalvânia	51
Figura 7 - Escola Estadual de Montalvânia.	52
Figura 8 - Atividade 1 – Fase diagnóstica – Exibição do vídeo	54
Figura 9 - Fase diagnóstica, atividade 1 - Parte da turma, durante exibição do vídeo	55
Figura 10 - Atividade 1 - Fase diagnóstica - Rol de enunciados extraídos do vídeo	55
Figura 11 - Etnia do Leste Asiático	75
Figura 12 - Jovem com lábios grossos.....	76
Figura 13 - Carolina Monteiro reage ao bullying	77
Figura 14 - Pessoa obesa.....	78
Figura 15 - Denominação religiosa – Umbandista	78
Figura 16 - Garota com orelhas de abano	79
Figura 17 - Preconceito racial.....	80
Figura 18 - Problemas de visão	81
Figura 19 - Característica física.....	81
Figura 20 - Jovem muito alto devido à genética ou disfunção hormonal.....	82
 Gráfico 1 - Sobre afirmar que alguém fala errado	 63
Gráfico 2 - Sobre como as pessoas falam.....	64
Gráfico 3 - O ato de corrigir a fala do outro ou ser corrigido.....	64
Gráfico 4 - A interferência do modo de falar na relação com os colegas e professora	65
Gráfico 5 - Como o aluno se sente ao conversar na escola.....	66
Gráfico 6 - Identificando a diferença na fala das pessoas.....	66
Gráfico 7 - Percepção da ofensa por causa da origem, cor, religião, orientação sexual ou outra situação	67
 Quadro 1 - Definição dicionarística das unidades lexicais analisadas.....	 58

SUMÁRIO

1	CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	12
2	LÉXICO E DISCURSO.....	22
2.1	Linguagem.....	22
2.2	Léxico.....	23
2.2.1	<i>Lexema, vocábulo, termo e palavra</i>	<i>25</i>
2.3	Discurso.....	26
3	IDENTIDADE, IDEOLOGIA E DESIGUALDADE SOCIAL.....	30
3.1	Respeito e tolerância na linguagem.....	43
4	METODOLOGIA	48
4.1	Metodologia	48
4.2	Universo da pesquisa.....	50
4.2.1	<i>A Escola Estadual de Montalvânia e os participantes da pesquisa.....</i>	<i>51</i>
4.3	Descrição das Atividades da Fase diagnóstica.....	53
4.4	Análise da fase diagnóstica	57
4.4.1	<i>Atividade 1 – Apresentação de vídeo</i>	<i>57</i>
4.4.2	<i>Atividade 2 – Questionário</i>	<i>61</i>
5	PROPOSTA DE ENSINO	69
5.1	Descrição da proposta de ensino	71
5.1.1	<i>Minicurso – Conhecer as leis para exercer os direitos de cidadão.....</i>	<i>71</i>
5.1.2	<i>Oficina – VER PARA CRER.....</i>	<i>74</i>
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	83
	REFERÊNCIAS	85
	APÊNDICE A - QUADRO PERFIL DOS ALUNOS PARTICIPANTES DA	
	PESQUISA.....	91
	APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO	92
	APÊNDICE C - EXEMPLOS DE RESPOSTAS AO QUESTIONÁRIO	93
	ANEXO - PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP.....	107

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A educação é um dos mais importantes pilares da sociedade, pois dá sustentação aos outros setores sociais, os quais, sem ela, não se desenvolveriam de forma satisfatória. Assim, “assegurar a educação inclusiva e equitativa e de qualidade, e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos” (ONU, 2015)¹ tornou-se um objetivo dos Chefes de Estado e do Governo e Altos Representantes do Brasil e de demais países que compõem a Organização das Nações Unidas (ONU), por meio do documento “Transformando Nosso Mundo: a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável” (ONU, 2015)², de setembro de 2015. Embora tenha passado por mudanças consideráveis, ao longo dos tempos, a educação no Brasil ainda apresenta lacunas que precisam ser preenchidas por todos, em especial, pelos educadores.

De acordo com o Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA), órgão que é referência mundial em estudos sobre o assunto, em 2016, entre setenta países avaliados, o Brasil ocupava o 59º lugar em leitura, o 63º em Ciências, e o 65º em Matemática. Esses dados retratam que precisamos estar atentos e trabalhar para melhorar esses resultados. Muito se tem feito objetivando alcançar a qualidade desejável da educação. No entanto, temos ciência de que essa proposta de melhoria precisa ser contínua e encarada por todos os envolvidos no sistema educacional.

O que entendemos como ideal de escola exigiria a adoção de vários critérios, a começar pela valorização do professor, em todos os níveis de ensino, mas, com um olhar especial para os professores da Educação Básica, principalmente os das séries iniciais do Ensino Fundamental, nas escolas públicas, porquanto serem o ponto crucial do processo de ensino e aprendizagem.

A vivência em sala de aula, por alguns anos, tem nos permitido observar que, se o aluno é bem direcionado nas séries iniciais, muito dificilmente terá maiores dificuldades nas séries seguintes, ao passo que, se o aprendiz não transpuser as barreiras encontradas no início da vida estudantil, elas tendem a se tornar intransponíveis, no decorrer do percurso escolar.

Algumas das dificuldades dos discentes detectadas nas escolas públicas podem estar relacionadas à questão pedagógica propriamente dita, como a dificuldade para a leitura e escrita, mas, também, as de ordem pessoal, como a inserção na vida social, interação com os

¹ Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/tema/ods4/page/3/>>. Acesso em: 11 de jun. 2020.

² Disponível em: <[undp-br-Agenda2030-completo-pt-br-2016.pdf](#)>. Acesso em: 30 maio 2021.

colegas, problemas de visão, audição, dificuldades motoras, distúrbios de aprendizagem e até a ideia negativa pré-concebida que costumam ter da instituição escolar. Tudo isso deve ser avaliado no início da vida escolar, pois, quanto mais cedo se identificar a necessidade de um tratamento especial, maiores serão as chances de se obter êxito. Daí, a necessidade de psicólogos e psicopedagogos comporem o quadro de servidores da comunidade escolar para ajudarem na condução do aspecto pedagógico de forma satisfatória.

Outro ponto que deveria ser melhorado nas escolas públicas, visando à qualidade da educação, seria o investimento em recursos e na formação dos profissionais do ensino na área das tecnologias, para que o professor possa preparar suas aulas sabendo que a escola onde ele trabalha dispõe dos recursos didático-tecnológico-metodológicos necessários, e que não precisará levar um arsenal de equipamentos pessoais para a escola, além do fato de que a escola desburocratizará o uso dos aparelhos de seu patrimônio escolar.

Mais um fator a ser considerado diz respeito à formação profissional dos alunos, porque nem todos querem prosseguir com os estudos no Ensino Superior, devendo o sistema educacional, seja por parte do Ministério da Educação ou mesmo das Secretarias Estadual e Municipal de Educação, oferecer possibilidades de profissões que independem de se cursar uma faculdade, e merecem o respeito, tanto quanto as que dela necessitam. Existem cursos profissionalizantes para pessoas que possuem apenas o Ensino Fundamental e outros tantos para quem cursou o Ensino Médio. As escolas deveriam ofertar tais cursos profissionalizantes mesmo para turmas com número de alunos reduzido, pois sabemos que há uma exigência de ordem legal para a formação de turmas numerosas, e isso nem sempre é possível.

Sobre os problemas em relação às diferenças linguísticas que os alunos apresentam, sabemos que a língua é dinâmica e heterogênea. Essa heterogeneidade, naturalmente, não se restringe à língua portuguesa, mas, de forma geral, a todas as línguas em uso. É exatamente essa diversidade linguística que enriquece os idiomas. São várias as possibilidades de (re)criação em todos os níveis de uma língua em uso: no fonético, morfológico, sintático e no lexical. Nessa linha, também encontramos, obviamente, variações de natureza histórica, social e cultural, passíveis de influenciar os usos linguísticos dos moradores de uma comunidade.

Nessa direção, conforme Calvet (2002, p. 79),

[...] as línguas mudam todos os dias, evoluem, mas a essa mudança diacrônica se acrescenta outra, sincrônica: pode-se perceber numa língua, continuamente, a coexistência de formas diferentes de um mesmo significado. Essas *variáveis* podem ser geográficas: a mesma língua pode ser pronunciada diferentemente, ou ter um léxico diferente em diferentes pontos do território.

Se assim é, a heterogeneidade linguística precisa ser levada em conta em sala de aula, uma vez que, se os professores insistirem em considerar a língua como um fato social homogêneo, eles poderão interferir de forma negativa na construção das identidades linguística e social dos discentes, causando-lhes transtornos ao longo da vida.

Além disso, a diversidade linguística se faz presente no ambiente escolar no qual os alunos passam grande parte de suas vidas, e isso requer um olhar especial. A eles, a escola deve oferecer um ambiente propício à aprendizagem, de forma que eles se sintam à vontade para se expressarem como são: pertencentes à classe social privilegiada ou não privilegiada, usuários da variedade linguística padrão ou não padrão, enfim, sem temerem retaliações e críticas advindas de colegas e de alguns professores.

É no contexto escolar que se percebe, claramente, a diversidade que existe nos modos de falar e de agir dos discentes em geral. Sobre o modo de falar, é preciso instruir o aluno, ensinar-lhes que a língua não é estática, ela varia, se modifica com a sociedade, acompanhando as mudanças históricas e sociais. Quando não se aceita a variação linguística, instaura-se o preconceito linguístico e, por meio deste, advêm outros tantos e outras formas de exclusão.

Nesse sentido, Bagno (2019, p. 64) esclarece que

[...]o preconceito linguístico se baseia na crença de que só existe uma única língua portuguesa digna desse nome e que seria a língua ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas e catalogada nos dicionários. Qualquer manifestação linguística que escape desse triângulo escola-gramática-dicionário é considerada, pela ótica do preconceito linguístico, “errada, feia, estropiada, rudimentar, deficiente”.

O autor pontua, ainda, que “pouquíssimas pessoas reconhecem a existência do preconceito linguístico, que dirá a sua gravidade, como um sério problema social” (BAGNO, 2019, p. 22).

A título de ilustrarmos o exposto anteriormente, citamos, a seguir, três exemplos de práticas desrespeitosas advindas de conceitos equivocados de pessoas interessadas em perpetuar uma relação em que sempre há um dominador e um dominado, modelo que, desde muito tempo, perpassa as gerações.

Dessa forma, os conceitos enraizados no inconsciente dos sujeitos se fazem presentes nas suas práticas discursivas espontâneas, sem levarem em conta o contexto histórico, social, cultural e político em que tais unidades lexicais foram cunhadas.

Identificamos, desse modo, a memória discursiva que se revela por meio do interdiscurso, o qual, segundo Pêcheux (1999, p. 49-50), “se dá através da repetição de

enunciados, que forma uma regularidade discursiva. Esta, por sua vez, invoca significados através dos pré-construídos estabelecidos nas séries enunciativas”. Essas ações repetitivas naturalizam e estabilizam os estigmas.

A respeito disso, Viana (2013, p. 73 *apud* AQUINO, 2019, p. 120) afirma que “as desigualdades sociais são produtos históricos e, portanto, podem ser naturalizadas. Em síntese, o que é natural não pode ser naturalizado, isso pode ocorrer apenas com o que não é natural, ou seja, o que é produzido social e historicamente”.

Vejamos alguns exemplos que corroboram essas assertivas, por meio das Figuras que se seguem.

Na Figura 1, apresentamos um exemplo de desrespeito à variação linguística “varêia”, cuja forma verbal correta, segundo a norma-padrão da língua portuguesa, é “varia”; uma crítica clara e inadequada às variedades, dialetos e idioletos linguísticos, embora não atendam às normatizações da língua.

Figura 1 - Desrespeito à variação linguística



Fonte: Disponível em: <<https://brainly.com.br/tarefa/15568217>>. Acesso: 25 jun. 2019.

Já na Figura 2, o humor advém do uso sábio da ambiguidade linguística do termo acento - “Mocreia perdeu o acento”, mas, lamentavelmente, o texto traz o desrespeito e a abominável discriminação por via da aparência física, pois, conforme o dicionário Houaiss

(2011, p. 642), a palavra “mocreia” é usada na linguagem informal, no sentido pejorativo, e significa mulher muito feia e/ou velha, o mesmo que “bruaca”.

Figura 2 - Discriminação por aparência



Fonte: Disponível em: <<http://www.queridosvizinhos.com.br/p/lucas-lima.html>>. Acesso em: 25 jun. 2019.

Na Figura 3, a seguir, percebemos a prática da injúria étnica, manifestada por meio do desprezo pelos nordestinos e por seu linguajar regional (“sotaque nordestino”). O texto reduz a população originária do Nordeste ao clã dos desonestos, interpretação dada pelo autor da reportagem, Fernando Rodrigues (2007)³. A situação de um político alagoano mergulhado em crise moral, que apresenta fatos contrários à conduta de um cidadão respeitável. O que o coloca na condição de ser odiado, especificamente, pelas regiões Sul e Sudeste, é sua origem nordestina, deixando clara a incitação ao ódio pelos procedentes daquela região.

³ Rodrigues, Fernando. Folha de São Paulo, 16 jun. 2007 *apud* LEITE, 2008, p. 29.

Figura 3 - Prática da injúria étnica

É impossível prever o desfecho da crise na qual mergulhou o presidente do Senado, Renan Calheiros (PMDB-AL). Como o processo já começou, ele só pode ser absolvido ou cassado. Não há mais a hipótese de renunciar para fugir de uma eventual punição. Há um certo tom patético em todo o caso, como nos escândalos políticos midiáticos de qualquer país. Homem casado, relação fora do casamento, filha, mulher bonita, pensão em dinheiro vivo e rebanho de gado fabuloso no interior de Alagoas. O azar de Renan é a fácil inteligibilidade da sua encrenca. Poucos brasileiros sabem descrever o longínquo caso dos precatórios ou mesmo o conteúdo da recente Operação Hurricane, da PF.

Mas filha fora do casamento, dinheiro vivo e vacas milionárias suspeitas todos entendem. Para completar, Renan Calheiros não é um qualquer. Preside o Senado. Foi aliado de todos os governos pós-ditadura militar: Sarney, Collor, Itamar, FHC e Lula. Tem sotaque nordestino. É o protótipo do político marcado para ser detestado no Sul e no Sudeste -mesmo que os eleitores dessas regiões despachem para Brasília certos clones caucasianos do mesmo Renan. (Grifo nosso)

Inocentado ou condenado, o senador alagoano já é um político em processo avançado de desidratação. Antes do Renagate, ajudava a conduzir a aliança de seu partido, o PMDB, com Lula. Exalava perspectiva de poder. Sonhava ser candidato a vice-presidente numa Chapa competitiva em 2010. A chance de Renan vir a ser vice-presidente agora tende a zero. Do ponto de vista político, pouco importa se os bois renanzistas existem ou qual foi o valor de venda. O presidente do Senado fragilizou-se de maneira irreversível. Se não for cassado, poderá continuar no Congresso ainda muitos anos. Mas sua carreira terá entrado numa longa e cinzenta fase crepuscular.

Fonte: Leite (2008, p. 18).

Leite (2008) complementa (Figura 4) a seguir.

Figura 4 - Qual o problema do texto?

Qual é o problema do texto? A crítica do jornalista à situação em que o senador se envolveu? A crítica ao político? Não. O que denigre o texto é a declaração de que o senador pode ser odiado por ter uma dada origem, denunciada pela linguagem – nesse caso a nordestina –, e que por isso não é probo. Pela afirmação, ou melhor, pelos argumentos apresentados, várias pressuposições ficam plantadas: primeira, a de que todos os políticos nordestinos são desonestos; segunda, a de que os habitantes do Sul e Sudeste odeiam o sotaque nordestino e, conseqüentemente, seus usuários; terceira, a de que somente o Sul e Sudeste podem ter homens brancos (caucasianos) e que raros seriam desonestos; e, finalmente, que os nordestinos são de outra raça/etnia que não a branca, própria das pessoas do Sul e Sudeste, e que por isso não são honestos. Está aí materializado pela linguagem o preconceito social, racial e lingüístico, simultaneamente. Seria diferente se dissesse: “É desonesto. É o protótipo do político marcado para ser detestado no país inteiro”.

Fonte⁴: Leite (2008, p. 19), grifo nosso.

⁴ Sociodiscursivamente falando, o uso da palavra denegrir, no texto não é de bom tom, por se saber “que *denegrir* é constituído com a raiz de *negro*” (FIORIN, 2008, p. 5), entretanto ela se mantém, aqui, por ser parte do texto de que se usam outros aspectos como exemplos, ou seja, não está em questão, neste momento, qualquer relação preconceituosa que nela [denegrir] possa existir.

Os exemplos ilustrados anteriormente são ocorrências usuais praticadas e vivenciadas em nosso país.

Nesse sentido, sobre preconceito linguístico, os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998, p. 31) preconizam que, “no ensino-aprendizagem de diferentes padrões de fala e escrita, o que se almeja não é levar os alunos a falar certo, mas permitir-lhes a escolha da forma de fala a utilizar, considerando as características e condições do contexto de produção”. Deve-se compreender que existem diferentes formas de se expressar, isso implica portanto, em analisar as circunstâncias e a quem o texto é dirigido.

Aliado a isso, há a questão da variação linguística e a transferência de traços da oralidade para a modalidade escrita, tópicos que devem ser tratados com atenção especial, haja vista a dificuldade que os alunos apresentam em escrever de acordo com a norma culta, considerada como variedade linguística de prestígio. À evidência disso, Bortoni-Ricardo (2005, p. 36) advoga que “[...] qualquer pessoa precisa dominar a variedade linguística de prestígio para poder ter acesso a níveis superiores de ensino e assim obter empregos bem remunerados”.

Nesse trabalho entendemos como norma culta “as variedades que correm em usos mais monitorados da língua por segmentos sociais urbanos, posicionados do meio para cima na hierarquia econômica, com amplo acesso aos bens culturais, em especial à educação formal e à cultura escrita (FARACO, 2008, P. 171).

Como vemos, o ensino da norma culta deve ser feito não porque esta seja considerada a variedade oficial do País, mas porque constitui, com outros bens sociais, um direito do cidadão, para que ele possa se inserir plenamente na vida urbana, ter acesso aos bens culturais valorizados e dispor dos mesmos recursos de expressão verbal (oral e escrita) dos membros das elites socioculturais e socioeconômicas.

A escola deve estar preparada para isso, pois há um relacionamento diário de professores com alunos, o que permite a esses docentes vivenciarem as mais diversas situações no ambiente escolar, e isso os deixa em uma posição de conhecedores de boa parte da vida de seus alunos. Torna-se perceptível, na sala de aula, que alguns alunos temem expor suas opiniões, porque acreditam que vão sofrer críticas dos colegas, devido ao modo como falam e, por isso, sentem-se constrangidos. Outros se abstêm de ler em voz alta, por não saberem fazer uma leitura oral expressiva, o que poderia gerar críticas e comentários maldosos que, feitos por meio de palavras e/ou expressões, são desrespeitosos, preconceituosos e revelam crenças equivocadas presentes e veiculadas nos usos lexicais da língua portuguesa, conforme salienta Correia (2006, p. 156):

A língua portuguesa, como as demais línguas, está eivada de unidades lexicais ou expressões que denotam muitos dos preconceitos que marcaram a sociedade portuguesa e as sociedades lusófonas ao longo dos tempos. Esses preconceitos podem visar grupos raciais e/ou étnicos (exs.: negros, judeus, ciganos), nacionalidades específicas (exs: chineses, indianos), grupos religiosos (exs.: judeus, muçulmanos), mas também grupos profissionais e etários, entre outros. Claro que os preconceitos podem também ser de natureza sexual.

Salientamos que, neste trabalho, a palavra crença está relacionada aos construtos culturais. Nessa linha, consoante Colombo-Gomes (2014, p. 1), falar de crenças implica se pronunciar sobre “as lembranças, os pensamentos e a compreensão sobre fatos traduzidos no discurso de cada indivíduo”, uma vez que tudo isso traduz as crenças que cada um tem sobre si e o mundo que o cerca. Entendemos que crença se atrela à cultura. À vista disso, subentende-se que preconceitos são construtos sociais e culturais que reverberam novos preconceitos, e novas crenças.

Barcelos (2004, p. 1) pontua que houve um crescimento considerável nos estudos sobre crenças, no que se refere ao ensino e à aprendizagem de línguas, tanto no Brasil quanto em outros países. No entanto, pelas considerações apresentadas percebemos que ainda não há unanimidade no que concerne à definição de crença. Todavia, comungamos com o pensamento da autora, quando expõe sua visão de crença, ao afirmar que,

[...] como uma forma de pensamento, como construções da realidade, maneiras de ver e perceber o mundo e seus fenômenos, co-construídas (sic) em nossas experiências resultantes de um processo interativo de interpretação e (re)significação. Como tal, crenças são sociais (mas também individuais), dinâmicas, contextuais e paradoxais. (BARCELOS, 2004, p. 2).

Nessa seara, Leite (2008, p. 13) postula que “a linguagem é o que o homem tem de mais íntimo e o que representa a sua subjetividade. Não é exagero, portanto, dizer que uma crítica à linguagem do outro é uma arma que fere tanto quanto todas as outras”.

Diante do exposto, nesta pesquisa, desenvolvemos uma proposta para o ensino do léxico, especificamente, o estudo das unidades lexicais discursivas utilizadas pelos alunos do 8º Ano da Escola Estadual de Montalvânia, e outras muito comuns no Brasil, e que geram atitudes desrespeitosas.

Com base no apresentado até este ponto, questionamos: atitudes desrespeitosas que reverberam o preconceito e a discriminação estariam fundamentadas na ideologia que respalda a formação discursiva da língua em uso?

Bagno (2007, p. 9) pontua que “tratar da língua é tratar de um tema político, já que também é tratar de seres humanos”. Assim, a língua deve ser abordada com o mesmo respeito

com que se abordam os falantes que dela fazem uso. A esse respeito, citamos uma das considerações da Declaração Universal dos Direitos Humanos:

Considerando que o desprezo e o desrespeito pelos direitos humanos resultaram em atos bárbaros que ultrajaram a consciência da Humanidade e que o advento de um mundo em que **todos gozem de liberdade de palavra, de crença e da liberdade de viverem a salvo do temor** e da necessidade foi proclamado como a mais alta aspiração do ser humano comum.⁵ (**Grifo nosso**).

O respeito deve ser a base de todas as relações. Tendo por princípio a dignidade humana e o respeito ao léxico, tomamos como propósito estudar o léxico, especificamente, expressões e palavras do português brasileiro que expressam crenças equivocadas que, por sua vez, geram atitudes negativas, culminando em tratamentos desrespeitosos.

A preferência por essa temática de pesquisa surgiu da observação aleatória, em sala de aula, de algumas atitudes desconfortáveis e inquietações dos discentes do Ensino Fundamental da Escola Estadual de Montalvânia. Estudar esse assunto nos fez observar que é necessário orientar os estudantes sobre como se manifestarem de forma adequada em suas interações sociais e durante as práticas discursivas.

Por essas razões, nossa investigação fundamenta-se na investigação do léxico, especificamente o das expressões e palavras do português brasileiro selecionadas para este estudo, que expressam crenças que geram atitudes negativas, culminando em tratamentos desrespeitosos, preconceituosos.

Ressaltamos, pois, a necessidade de se trabalhar a educação linguística como forma de se prevenir a disseminação do desrespeito, do preconceito e da intolerância, ou seja, construir a cultura do respeito linguístico. Nessa linha de pensamento, Leite (2008, p. 11) salienta que “[...] a intolerância e o preconceito na linguagem estão, em geral, bem camuflados nos discursos ou neles servem para esconder outras formas de intolerância, menos aceitas ou mesmo proibidas socialmente”, ou seja, outras vozes atravessam esses discursos, dialogicamente.

Com base no exposto, hipotetizamos que i) os alunos ignoram significados e conceitos de unidades lexicais desrespeitosas e as naturalizam por estarem no imaginário coletivo, por serem reproduzidas na sociedade, ofendendo, assim, seus colegas; ii) as ideologias socio-histórica e culturalmente construídas, e cognitivamente impregnadas na memória discursiva, originam atitudes insultuosas resultantes do uso de uma linguagem violenta e de desprezo motivada pelo preconceito que aflora do discurso dos alunos em estudo.

⁵ Disponível em: <<https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>>. Acesso em: 11 jun. 2020.

Em consonância com essas hipóteses, e para obtermos argumentos para comprová-las, ou refutá-las, como objetivo geral, definimos prover conhecimentos para a desconstrução de significados desrespeitosos e naturalizados no discurso dos alunos do Ensino Fundamental da Escola Estadual de Montalvânia, com vista à construção de uma relação de respeito mútuo. Especificamente, objetivamos, i) discutir sobre preconceito, discriminação e tratamento desrespeitoso; ii) elaborar uma proposta de ensino que trabalhe os conhecimentos sobre léxico e vozes sociais; iii) demonstrar aos alunos as consequências negativas advindas de usos indevidos das unidades lexicais; iv) construir, por via dessa proposta de ensino, uma relação de respeito mútuo.

Esta pesquisa insere-se na área de concentração “Linguagens e Letramentos”, Linha “Leitura e Produção Textual: diversidade social e práticas docentes”. Sob o título “Escolhas lexicais de alunos da Educação Básica: vozes sociais, aspectos culturais”, este trabalho segue esta organização: na Introdução, tecemos considerações iniciais, posicionamos a pesquisa historicamente, fazemos nossa justificativa pela escolha do tema, levantamos as hipóteses para o trabalho, definimos os objetivos e mostramos a estrutura da dissertação.

No Capítulo 2, Léxico e Discurso, apresentamos um breve estudo sobre o léxico e a dimensão dialógica do discurso, segundo as vozes de Bakhtin e Volóchinov, por meio de seções que abordam: léxico, lexema, vocábulo, termo, palavra e discurso.

Expomos, no Capítulo 3, intitulado Identidade, Ideologia e Desigualdade Social, teorias que sustentam nossa pesquisa, mediante os tópicos: discurso e desigualdade social na escola e na sociedade; valores sociais da linguagem e do discurso; crenças, atitudes, preconceito e intolerância em relação à linguagem; discriminação, preconceito e legislação pertinente; tolerância e interpretação, intolerância e linguagem, cidadania, valores éticos e morais e os aspectos linguísticos em estudo – unidades lexicais pejorativas e desrespeitosas na fala de alunos do 8º Ano do Ensino Fundamental. No Capítulo 4, Metodologia, descrevemos os procedimentos metodológicos adotados na pesquisa, e procedemos a uma breve diagnose sobre o trabalho. No Capítulo 5, apresentamos nossa Proposta de Ensino, composta por um minicurso e uma oficina. Em seguida, nas Considerações Finais, retomamos as hipóteses, os objetivos e os resultados esperados e os obtidos.

Concluída a Introdução, dedicamo-nos, no Capítulo 2, ao estudo do léxico e do discurso.

2 LÉXICO E DISCURSO

Esta investigação é pautada pelo estudo das palavras, aqui identificadas como unidades lexicais. Dedicamos este capítulo ao léxico, bem como às palavras nos moldes bakhtinianos, ou seja, à sua relação com o discurso. Desse modo, exploramos a teoria do léxico, até chegarmos à outra seara, a palavra na visão de Bakhtin, que aborda as palavras proferidas na fala real, dotadas de um sentido e uma apreciação. Consequentemente, este capítulo terá como abordagem a palavra como unidade lexical e como espectro dialógico dotado de sentido e apreciação.

2.1 Linguagem

Os estudos da linguagem apresentam divergências teóricas ao longo da história que devem ser consideradas. A respeito de *langue et parole* (língua e palavra), discutidos por Ferdinand de Saussure (1993), Coseriu (1959-60, p. 4) admite que “os próprios fundamentos da distinção devem ser novamente discutidos e precisados”. De acordo com o autor, tanto para Saussure quanto para Buhler, *langue* é um sistema de formas linguísticas. Diante da contraposição de Saussure a Humboldt, observando como elas se colocam no esquema combinado quadripartido elaborado por Buhler, a oposição saussuriana se identifica com a distinção entre concreto e abstrato ou material e formal, caindo sob o conceito de *parole* aquilo que Buhler chama ação verbal e produto linguístico, como sob o conceito de *langue* deveria recair aquilo que esse autor denomina ato verbal e forma linguística.

É evidente que, à distinção saussuriana fundamental, se acresce uma distinção secundária, embora apenas sobre o plano das formas, entre individual e interindividual. Para Humboldt, os fenômenos da linguagem são considerados em relação ao sujeito falante – individual e os mesmos fenômenos considerados fora de tal relação – interindividual. Ademais, a *langue* pode conceber-se como instituição social, isto é, como sistema normal, denominada norma e, num sentido mais restrito, identificado como sistema funcional, dado que nem tudo o que é normal (social, constante) é necessariamente, e, no mesmo plano, funcional.

Portanto, conforme Coseriu (1959-60), o indivíduo cria sua expressão, recriando no seu falar modelos e estruturas, que são, simplesmente, constantes, normais e tradicionais na comunidade, constituindo-se naquilo que chamamos de norma. Sob outro prisma, considerando apenas as estruturas que são essenciais, identifica-se o sistema. No que se refere à fala, o mesmo

autor a considera, junto com a norma, graus sucessivos de realização do mesmo sistema, uma atividade linguística concreta. Ele explica que

[...] a distinção entre sistema e norma é importante porque resolve as dificuldades da dicotomia langue-parole e contribui para esclarecer o funcionamento da linguagem, a atividade linguística, como criação e repetição (recriação), movimento obrigado e movimento livre no quadro das possibilidades oferecidas pelo sistema (COSERIU, 1959-60, p. 29).

Definidos os conceitos de norma, sistema e fala, é importante discorrer também sobre um dos componentes do sistema linguístico, o léxico, ou seja, o conjunto de palavras que compõem uma determinada língua. Portanto, estudar o léxico de uma língua é buscar conhecer suas palavras, sob múltiplos enfoques, tais como sua origem, forma, seu significado e uso.

2.2 Léxico

De acordo com Biderman (2001, p. 9), léxico é um “saber partilhado que existe na consciência dos falantes de uma língua, constitui-se no acervo do saber vocabular de um grupo sócio-linguístico-cultural”. Ainda, Biderman (2001) afirma que o processo de nomeação dos seres e objetos e a atitude do homem de classificá-los geraram o léxico das línguas naturais, considerado o início da apropriação da realidade.

As palavras advêm da consolidação da percepção da realidade por meio da associação de conceitos que representam os referentes. Assim, a criatividade do homem em organizar os signos linguísticos em sistemas possibilitou a constituição do léxico das línguas naturais. “Embora, provavelmente se baseiem num processo de conceptualização universal, as línguas constituem sistemas muito distintos e variados” (BIDERMAN, 2001, p. 14).

Nesse sentido,

o léxico é entendido como o conjunto de todas as palavras de uma língua, também chamadas de lexias. As lexias são unidades de características complexas cuja organização enunciativa é interdependente, ou seja, a sua textualização no tempo e no espaço obedece a certas combinações. Embora possa parecer um conjunto finito, o léxico de cada uma das línguas é tão rico e dinâmico que mesmo o melhor dos linguistas não seria capaz de enumerá-lo. Isto ocorre porque dele faz parte a totalidade das palavras, desde as preposições, conjunções ou interjeições, até os neologismos, regionalismos ou terminologias, passando pelas gírias, expressões idiomáticas, provérbios ou palavrões (ZAVAGLIA; WELKER, 2008, *online*)⁶.

⁶ Grupo de Trabalho de Lexicologia, Lexicografia e Terminologia da ANPOLL. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/gtlex/>>. Acesso em: 21 maio 2020.

Ainda de acordo com os autores, o léxico de uma língua natural é a representação de uma comunidade linguística, ao longo de sua história. Para compreendermos a riqueza vocabular de uma determinada língua, contamos com as ciências que se encarregam de estudar o léxico e suas idiossincrasias. Apesar de usarem formas distintas, essas ciências se encarregam da descrição do léxico, a saber: a Lexicologia estuda a palavra, a categorização lexical e a estruturação do léxico; a Lexicografia organiza o repertório lexical por meio de dicionários e a Terminologia tem como objeto de estudo um subconjunto, abordando cada área específica do conhecimento humano.

Conforme Zavaglia; Welker, a Lexicologia é

a ciência que estuda o léxico e a sua organização de pontos de vista diversos. Cada palavra remete a particularidades relacionadas ao período histórico em que ocorre, à região geográfica a que pertence, à sua realização fonética, aos morfemas que a compõem, à sua distribuição sintagmática, ao seu uso social e cultural, político e institucional. Desse modo, cabe à Lexicologia dizer cientificamente em seus variados níveis o que diz o léxico, ou seja, a sua significação. Ao lexicólogo, especialista da área, incumbe levar a termo essa tarefa tão complexa sobre uma ou mais línguas. (ZAVAGLIA; WELKER, 2008, *online*).

Biderman (2001, p. 16) explica que, por considerar a dimensão significativa da palavra, a Lexicologia caminha lado a lado com a Semântica. Da mesma forma, é amparada pela Morfologia, pois tem se ocupado, também, das questões concernentes à formação de palavras – o valor discursivo dos afixos, por exemplo. Para a referida autora, como ciência linguística, a Lexicologia não se desenvolve de forma isolada, muito pelo contrário, “faz fronteiras com outras ciências, tais como a Dialetoлогия e a Etnolinguística”. Biderman (2001, p. 17) completa afirmando que “mais recentemente a Psicolinguística e a Neurolinguística têm feito muitas pesquisas experimentais sobre a estocagem do vocabulário e o problema do acesso ao repertório armazenado na memória”, o que evidencia o fato de que a Lexicologia vai além da relação signo/significado e está conectada interdisciplinarmente com outras disciplinas.

A Lexicografia é uma ciência que tem estreita relação com a Lexicologia incumbindo-se de

elaborar obras de referência, principalmente dicionários, impressos ou *on-line*, além de bases de dados lexicais. Dessa Lexicografia prática distingue-se a Lexicografia teórica, ou Metalexicografia, que estuda todas as questões ligadas aos dicionários (história, problemas de elaboração, análise, uso) (ZAVAGLIA; WELKER, 2008; DURAN; REUILLARD, 2008; ZAVAGLIA, 2013, *online*)⁷.

⁷ Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/gtlex/>>. Acesso em: 7 ago. 2021.

A Terminologia, por sua vez, pode

ter duas acepções distintas. A primeira refere-se ao conjunto vocabular próprio de uma ciência, técnica, arte ou atividade profissional (TERMISUL1; O Pavel), como, por exemplo, a terminologia da Informática, da Biotecnologia, do Direito, da Música, etc. A segunda acepção designa não só o conjunto de práticas e métodos utilizados na compilação, descrição, gestão e apresentação dos termos de uma determinada linguagem de especialidade (=terminologia enquanto atividade) (SAGER, 1993), como também o conjunto de postulados teóricos necessários para dar suporte à análise de fenômenos linguísticos concernentes à comunicação especializada, incluídos aí os termos, evidentemente (=terminologia enquanto teoria) (ALMEIDA; CORREIA, 2008, *online*)⁹.

Barbosa (2001, p. 43) apregoa que não existe um consenso no tocante aos conceitos e denominações das obras que dissertam sobre a Lexicografia e Terminologia. O que temos, na verdade, são algumas concepções que podem ajudar nas discussões teóricas concernentes à delimitação de tais conceitos.

2.2.1 *Lexema, vocábulo, termo e palavra*

Em suas reflexões, Barbosa (2001, p. 43) define as unidades de base, o lexema, como unidade padrão do dicionário de língua, que tem um significado abrangente e trata-se de unidade de sistema. Por outro lado, vocábulo e/ou termo é uma unidade padrão de um vocabulário técnico-científico, ou especializado, que tem um significado restrito e se trata de unidade de norma.

A palavra, por sua vez, como unidade padrão de glossário, tem significado específico e se trata de um discurso manifestado. De acordo com Bechara (2019, p. 358), “o termo *palavra* se nos apresenta com aplicações diferentes, que devem ser distinguidas e, portanto, classificadas de maneira diversa”. O mesmo autor reporta que o termo referido pode ser visto sob três enfoques específicos: a) seu aspecto material, fônico; b) sua significação gramatical e c) sua significação lexical. Compreende-se, dessa forma, que a definição de palavra segue os critérios fonológico, sintático e lexical, e que a unidade fonológica é carregada de sentido.

A palavra, como mencionado anteriormente, por si só, nada significa; ela precisa estar relacionada a algo que lhe atribua sentido. Esse sentido que a palavra assume depende do contexto discursivo. E é dele que passamos a tratar, a seguir.

2.3 Discurso

Para tratar do discurso, optamos por estudar Bakhtin, o que constitui um desafio, diante da riqueza, complexidade e fascínio que permeiam sua obra. Esse estudo nos permitiu comprovar a veracidade do provérbio popular que apregoa que “santo de casa não faz milagre”, porque, segundo Fiorin (2011), embora, durante toda a sua vida, o linguista russo tenha se dedicado intensamente à atividade de reflexão e escrita, e de ter se tornado um dos grandes pensadores do século XX, Bakhtin teve uma carreira apagada, sem glórias. “Sua trajetória foi marcada pelo ostracismo, pelo exílio e pela marginalidade dos círculos acadêmicos mais prestigiados” (FIORIN, 2011, p. 12).

A obra de Bakhtin é fundamentada no dialogismo, vocábulo que aparentemente é de fácil entendimento, por estar diretamente relacionado ao conceito de diálogo, na verdade, pode ser analisado sob diferentes enfoques. De acordo com Fiorin (2011) Bakhtin⁸ analisa o dialogismo sob três conceitos descritos a seguir.

Já o diálogo, como bem explica Fiorin (2011, p. 18), significa, entre outras coisas, “solução de conflitos”, “entendimento”, “promoção de consenso”, “busca de acordo”. Na linguagem, a dialogia é o cerne da realização da língua. Para que haja um discurso, o enunciador deve considerar o discurso de outro sujeito. Essa asserção nos direciona ao pensamento de que toda manifestação da linguagem é entremeada pelo discurso alheio. Dessa forma, ratificamos a definição proposta por Fiorin (2011, p. 17-18), “o dialogismo são as relações de sentido que se estabelecem entre dois enunciados”. Assim, temos que o real desenvolvimento da linguagem fundamenta-se no dialogismo, o que, segundo Fiorin (2011, p. 21), “é o princípio constitutivo do enunciado” e configura o primeiro conceito de dialogismo dentro da teoria bakhtiniana.

Retomando o discurso, tendo em conta a presença do outro em todo e qualquer enunciado, é possível que, em um dado momento, ocorra uma luta entre vozes sociais, se os sujeitos do discurso pertencerem a grupos sociais que não comungam dos mesmos interesses. Em sua teoria, Bakhtin admite os dois tipos de vozes, as sociais e a individual. Social é a voz verbalizada, enquanto a individual é a interior, representada pelo pensamento.

⁸ É preciso esclarecer que, neste trabalho, reconhecemos Valentin Volóchinov como legítimo autor da obra “Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem” e que, apesar de todo cuidado científico, é possível que, em algum momento, essa autoria seja creditada a Bakhtin. Essa ressalva se presta a evitar o que Faraco (2021) denomina *mixórdia de autoria*, uma vez que, embora Volóchinov tenha sido amigo de Bakhtin e convivido com ele, não é justo negar-lhe a autoria de sua obra. No entanto, vale dizer, o pensamento de um corrobora o do outro.

O segundo conceito de dialogismo dispõe sobre a inserção da voz do outro no enunciado, doravante denominado discurso alheio. Já o terceiro conceito de dialogismo bakhtiniano, pontuado por Fiorin (2011, p. 43), trata da subjetividade, pois o sujeito é determinado pela ação do outro, “é o princípio de constituição do indivíduo”.

A natureza é composta por uma imensidão de signos, ou seja, objetos com suas características específicas. Bakhtin (2018) postula que a significação dessas coisas representa um conceito ideológico, sendo que a palavra é o que melhor representa os signos e, para além disso, é neutra. Isso a coloca em condição de superioridade dentro do contexto de materialização ideológica dos signos. Para o linguista, a palavra pode apropriar-se de qualquer função ideológica, seja ela de natureza moral, estética, religiosa ou mesmo científica. Nessa perspectiva, Bakhtin apregoa que

[...] todas as propriedades da palavra [...] – sua pureza semiótica, sua neutralidade ideológica, sua implicação na comunicação humana ordinária, sua possibilidade de interiorização e, finalmente, sua presença obrigatória, como fenômeno acompanhante, em todo ato consciente – todas essas propriedades fazem dela o objeto fundamental do estudo das ideologias. As leis de refração ideológica da existência em signos e em consciência, suas formas e seus mecanismos, devem ser estudados, antes de mais nada, a partir desse material que é a palavra (BAKHTIN, 2002, p. 38).

Segundo o autor, uma das especificidades da palavra é ser inerente ao ser humano e dele depender para ser realizada. Dessa forma, por realizar-se no indivíduo, ela pode ser corporificada apenas no interior, sem que, necessariamente, seja exteriorizada, podendo ficar apenas na consciência individual. Já a consciência se materializa por meio da interação dos indivíduos de forma sistematizada. Contudo, “a consciência individual é um fato social e ideológico” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 97).

A palavra está presente em todas as manifestações ideológicas por meio da consciência individual, que Bakhtin (2018, p. 100) identifica como discurso interior. Considerando que a consciência é externada a partir da interação e que esta acontece mediante a coletividade, fica mais fácil compreender porque o autor afirma que o eu só existe em relação ao outro.

Estudando a abordagem bakhtiniana, percebemos que o autor toma por base a dimensão dialógica do discurso. Isso quer dizer que a atenção está centrada no diálogo, na interação. Bakhtin considera diferentes posicionamentos na estruturação de posturas ideológicas.

Ele constrói uma concepção dialógica por meio do *eu-outro* e explica que, nessa inter-relação, o eu só existe em relação ao outro. Sob esse raciocínio, o autor considera a inter-relação *eu-outro* como fator crucial para o desenvolvimento de toda e qualquer ação referente ao eu. Desse modo, o linguista destaca alguns pontos importantes, sem hierarquizá-los, mas, de

forma que se entrecruzem: 1) o homem necessita do outro; 2) o eu pode completar o outro; 3) é a partir do outro que nos moldamos; e 4) é preciso colocar-se no lugar do outro para, enfim, compreendê-lo: “eu devo vivenciar – ver e inteirar-me – do que ele vivencia, colocar-me no lugar dele, como que coincidir com ele” BAKHTIN, 2018, p. 23).

Dada a importância do outro na vivência real, na formação do eu, “pode-se dizer que o homem tem uma necessidade estética absoluta do outro” (BAKHTIN, 2018, p. 33). Essa necessidade que temos do outro, do olhar do outro, causa-nos certo desconforto, haja vista que nem sempre o outro age com boas intenções ou retribui à nossa cordialidade, podendo causar-nos situações vexatórias, pois “tentamos vivificar e enformar a nós mesmos a partir do outro” (BAKHTIN, 2018, p. 30). Essa assertiva corrobora nossa pesquisa que trata do uso de unidades lexicais desrespeitosas que provocam situações humilhantes.

O meio social é fator decisivo para os modos de ocorrência da comunicação discursiva. O discurso interior, por si só, não sobrevive. Assim, passamos a considerar não apenas o enunciado monológico, mas a relação dialógica, ou seja, o diálogo estabelecido por, no mínimo, dois enunciados. Assim sendo, passam a existir o discurso autoral e o discurso alheio.

O discurso ou enunciado alheio é considerado um dentre os demais fenômenos da língua em uso. Um dos seguidores do pensamento de Bakhtin, Volóchinov (2018) aborda sobre o que compõe o discurso alheio: o discurso direto, o discurso indireto e o discurso indireto livre, destacando que, “se o diálogo estiver incluído no contexto autoral, temos diante de nós um caso de discurso direto, isto é, uma das formas do fenômeno denominado *reação da palavra a palavra*” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 251).

A construção do discurso indireto pode seguir perspectivas bem delineadas. Se o autor expõe o enunciado tal como o falante disse, temos o modelo de discurso analítico-objetual, o qual preserva os limites entre a palavra alheia e a do autor. Por outro lado, a modificação analítico-verbal permite explicitar, claramente, o subjetivismo do enunciado alheio e geralmente aparece entre aspas. Se, por um lado, esse recurso torna o discurso alheio mais vívido, por outro, possibilita ao autor externar seu humor, ironia, etc. Por fim, uma terceira modificação considerável no processo de construção do discurso indireto, denominada impressionista, é considerada como um ponto de equilíbrio entre a analítico-objetual e a analítico-verbal. O modelo impressionista deixa clara a autoria alheia e, de forma sutil, também expõe seu posicionamento sobre o enunciado.

Quando acontece de, no discurso direto, o autor se antecipar ao seu personagem, e fala por ele o que convém à situação, ocorre o que chamamos de discurso direto substituído,

inferindo-se que o discurso direto substituído seja um ramo do discurso direto retórico e se aproxima do discurso indireto livre. Segundo o linguista, para transformar esse modelo no discurso indireto livre, é necessário intercalar as interferências entre o discurso autoral e o alheio.

Volóchinov relata que a língua toma seu aspecto real por meio do discurso verbal concreto, dando a entender que a língua, por si só, não existe. Dessa forma, compreendemos que é por meio do enunciado que a língua se realiza e permite a comunicação entre os falantes.

Assim, o meio social é fator decisivo para os modos de ocorrência da comunicação discursiva. Bakhtin(2018) nos permite momentos de profunda reflexão, ao nos colocar frente a frente com a singularidade do ser humano.

O discurso, portanto, por meio das palavras, as quais evocam vozes sociais dialógicas, pode ser um dos fatores responsáveis pela propagação de atitudes discriminatórias e desrespeitosas e, também, pode estar relacionado a questões de identidade, ideologia, liberdade de expressão e desigualdade social, pois as conexões ocorrem pelo entendimento da linguagem como ação dialógica. Conforme Koch (2003, p. 30), “[...]Um texto se constitui enquanto tal no momento em que os parceiros de uma atividade comunicativa global, [...] pela atuação conjunta de uma complexa rede de fatores de ordem situacional, cognitiva, sociocultural e interacional, são capazes de construir, para ela, determinado sentido”.

Tratamos dessas categorias, no Capítulo 3, a seguir.

3 IDENTIDADE, IDEOLOGIA E DESIGUALDADE SOCIAL

No que tange à conceptualização de identidade, de acordo com o dicionário Houaiss (2011), a palavra recebe cinco definições distintas:

Identidade s.f. **1.** conjunto das características próprias e exclusivas de um indivíduo **2** consciência da própria personalidade [*crise de i.*] **3** o que faz que uma coisa seja da mesma natureza que outra [*i. de pensamentos*] **4** estado do que fica sempre igual [*a i. das impressões digitais revelaram o assassino*] **5** documento de identificação [ETIM: lat. *identitas, âtis*, do lat.cl. *idem* ‘o mesmo’] (HOUAISS, 2011, p. 510).

Sob o viés sociológico, Hall (2006, p. 10) elenca três concepções de identidade, a saber: a) a de identidade do sujeito do Iluminismo; b) a de identidade do sujeito sociológico e c) a de identidade do sujeito pós-moderno.

O primeiro sujeito, à luz da argumentação elaborada por Hall (2006), apresenta-se como um ser pleno dotado das capacidades da razão, consciência e ação, e traz consigo todas essas capacidades desde o seu nascimento. Tal concepção, por sua vez, justifica as atitudes que se fizeram presentes nas sociedades, décadas após décadas. Porém, a sociedade está em constante transformação, devido a fatores externos, e boa parte dessa estrutura sólida cedeu a interferências, e, assim, a concepção da identidade como sujeito do Iluminismo “centrado” deu lugar a uma nova concepção, a do sujeito sociológico.

Para o autor, a

[...] noção de sujeito sociológico refletia a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que este núcleo interior do sujeito não era autônomo e auto-suficiente, mas era formado na relação com “outras pessoas importantes para ele”, que mediavam para o sujeito os valores, sentidos e símbolos – a cultura – dos mundos que ele/ela habitava (HALL, 2006, p. 11).

Nessa concepção, a identidade passa a ter um caráter interativo entre o eu e a sociedade. O sujeito já não é mais tão centrado, mais individualizado, ele ainda conserva seu núcleo, sua singularidade, porém está em constante mudança, graças às intervenções culturais adjacentes e às identidades que essas intervenções possibilitam. Sentindo-se parte dessa versão da sociedade, o sujeito sente-se à vontade para incorporar essas identidades culturais e sentir-se realmente ocupante do seu lugar nos espaços sociais e culturais que lhe são devidos. No entanto, mesmo acontecendo essa união entre o sujeito e a estrutura social, isso não é o bastante para manter a hegemonia social e talvez, exatamente por isso, “o sujeito previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não

de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas” (HALL, 2006, p. 12).

As sociedades modernas passaram por uma mudança estrutural e isso vem alterando o cenário cultural no que diz respeito à classe, ao gênero, à etnia, à raça, à sexualidade e à nacionalidade. Consequentemente, nossas identidades pessoais também são modificadas, a ponto de colocarmos em dúvida o conceito que cada um tem de si mesmo como sujeito. Altera-se a estabilidade em dois segmentos: a) como sujeito pertencente à sociedade e b) como sujeito dono de si. Esse é um processo muito complexo, pois envolve a “descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos”, é o que postula Hall (2006, p. 9).

A junção desses processos de mudanças desencadeia uma série de questionamentos, percepções e atitudes que desafiam as estruturas sociais. Surgem novas concepções de mundo, que por sua vez, produzem o que Hall (2006, p. 12) qualifica como “o sujeito pós-moderno, conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente”. O sujeito vai se adaptando, moldando-se dentro dos conceitos vivenciados, e o processo de construção de sua identidade passa por diversos caminhos, entre eles o cultural, que se ajusta às experiências que compõem o cenário de vida do indivíduo.

Dentro do contexto de construção da identidade, das várias identidades que o ser humano possui, vale ressaltar que esta não é algo fixo no contínuo tempo e espaço. Ela acompanha as tendências históricas e sociais. No tocante à identidade linguística, importa-nos explicitar que há mudanças na realização do discurso, conforme a relação existente entre os usuários – pais/filhos, professor/aluno, vizinho, etc. Tais mudanças servem, ainda, conforme apregoa Signorini (2001), para promover a união ou a exclusão entre as pessoas, mediante a realização, por meio das variedades linguísticas.

Consoante o pensamento de Signorini (2001, p. 205), a “identidade não se aprende”, uma vez que os sentidos e os sujeitos são construídos a partir do envolvimento com paradigmas ideológicos. Não se sabe onde começa, no entanto, nós nos sentimos parte do processo, “identificamo-nos com certas ideias, certos assuntos, com certas afirmações, porque temos a sensação de que elas batem com algo que temos em nós” (SIGNORINI, 2001, p. 206), e, por conseguinte, reverberamos ou não a prática preconceituosa e discriminatória.

Segundo a autora, esse “algo” é o saber discursivo. É por meio do discurso que se concretiza a ligação do sujeito com a ideologia e, consequentemente, a formação da sua identidade.

O discurso é sobretudo ação sobre o outro, é a representação do pensamento de alguém, na escrita ou na oralidade, e está sempre pautado pelas normas. Para Foucault (2009, p. 7), “há muito tempo se cuida da sua aparição, que lhe foi preparado um lugar que o honra, mas o desarma; e que, se lhe ocorre ter algum poder, é de nós, só de nós, que ele lhe advém”.

Desse modo, deve-se cuidar para que o discurso proferido não venha a ofender o outro. Não há nenhum problema no ato de se expressar; o perigo está no sentido com que determinadas palavras, termos e expressões são usados, porque podem causar uma dupla interpretação, ou, de imediato, agir como ferramentas que ferem o outro, como acontece com as que são usadas no sentido pejorativo. No ambiente escolar, isso é muito comum. Cabe à escola cuidar para que as “brincadeiras” não se transformem em atos de agressão psicológica.

Partindo desse cenário, analisamos que as identidades não são formadas ao acaso, dentro do jogo de interesses de cada segmento. Ao contrário, seguem um padrão que, de certa forma, é gerenciado por ideologias, como assevera Signorini (2001, p. 42) ao postular que “a própria questão da identidade está ligada à ideia de interesses e está investida de ideologias”.

Sobre o conceito de ideologia, no entanto, é muito amplo e se distingue conforme os contextos. Chauí (2008, p. 25) ensina que “o termo ideologia aparece pela primeira vez na França, após a Revolução Francesa (1789), no início do século XIX, em 1801, no livro de Destutt de Tracy”. O filósofo Tracy (1754-1836) é autor do livro “Elementos de ideologia” (1801), no qual procura elaborar uma explicação para fenômenos sensíveis que interferem na formação das ideias, ou seja, a vontade (querer), a razão (julgar), a percepção (sentir) e a memória (recordar).

Definir um conceito para o termo ideologia é objetivo almejado por filósofos e sociólogos. Assim, Chauí (2008) faz alusão ao livro “A ideologia alemã”, de Karl Marx, em que ele se refere à ideologia como um sistema elaborado de representações e de ideias que correspondem a formas de consciência que os homens têm em determinada época.

Marx constatou, ainda, que as ideias dominantes, em qualquer época, são sempre as de quem domina a vida material e, portanto, a vida intelectual. Confrontando muitos autores que acreditavam que as ideias transformavam e definiam a realidade, o sociólogo afirmava que a existência social condicionava a consciência dos indivíduos sobre a situação em que viviam. Destarte, Marx ampliou a concepção de ideologia, afirmando que não se trata de meras ilusões e aparências, mas de se configurar como uma realidade objetiva, essencial e atuante, desenvolvendo a tese de que a ideologia é a inversão da realidade.

Chauí (2008, p. 118) indaga: “quem e o que pode dismantelar a ideologia?” A própria autora responde que “somente uma prática política nascida dos explorados e dominados e dirigida por eles próprios”. A filósofa chama essa “solução” de crítica da ideologia, “que consiste em preencher as lacunas e os silêncios do pensamento e discurso ideológicos, obrigando-os a dizer tudo que não está dito [...]” (CHAUÍ, 2008, p. 118). No entanto, dizer tudo o que não está dito poderia colocar em xeque outra questão, a liberdade de expressão, que pode reverberar preconceitos e discriminações.

De acordo com Foucault (2009, p. 9), em uma sociedade como a nossa, conhecemos procedimentos de exclusão, sendo a interdição o mais evidente. E o que isso quer dizer? As pessoas não têm o direito de dizer tudo o que querem, onde, quando e da forma que lhe aprazem. Embora exista a Lei nº 5.250, (BRASIL, 1967) que “regula a liberdade de manifestação do pensamento e de informação” e lhe garanta a liberdade de expressão, existe também o princípio constitucional que versa sobre a dignidade da pessoa humana. O seu direito não pode ferir o direito do outro.

Pertencemos a uma sociedade regida por leis e normas que nos orientam sobre como devemos nos comportar em cada ambiente e situação, caso contrário, se vivêssemos em uma terra sem leis, seria uma terrível confusão. A propósito, quando nos referimos às leis, queremos que as entendam como o código de condutas em torno do qual se organiza um grupo social, não apenas as convenções sociais.

Signorini aponta o que seria uma das funções da escola quando afirma que

a escola deve levar ao ‘deslocamento’ da identidade para que o sujeito não seja o lugar cego que resulta automaticamente dos processos de identificação. Isto é, a Escola deve criar condições para que ele possa se movimentar nos mecanismos de subjetivação que o afetam. (SIGNORINI, 2001, p. 211).

Partindo disso, devemos orientar nossos alunos sobre a força que as palavras têm, bem como sobre o respeito que devemos ter para com os outros. Precisamos estar atentos para que nosso discurso não seja proferido no sentido de ofender o outro.

Por outro lado, também o discurso como linguagem, e que dela aflora, propicia a inclusão das pessoas em determinados grupos sociais. Um exemplo disso são as gírias, muito comuns entre os jovens. Normalmente, o recurso vocabular revela o contexto ao qual pertence este ou aquele sujeito. Porém, engana-se quem pensa ser esse um ato descomplicado, porque, segundo Foucault (2009, p. 37),

[...] ninguém entrará na ordem do discurso se não satisfizer a certas exigências ou se não for, de início, qualificado para fazê-lo. Mais precisamente: nem todas as regiões do discurso são igualmente abertas e penetráveis; algumas são altamente proibidas (diferenciadas e diferenciantes), enquanto outras parecem quase abertas a todos os ventos e postas, sem restrição prévia, à disposição de cada sujeito que fala.

Portanto, vale afirmar que a linguagem também é usada como fator de exclusão. Sobre isso, Foucault (2009) discorre em sua aula inaugural dada no *Collège de France* em 2 de dezembro de 1970. O autor considera que há grandes sistemas de exclusão que atingem o discurso: a palavra proibida, a segregação da loucura e a vontade de verdades, sobre as quais ele tece comentários e afirma que concernem, sem dúvida, à parte do discurso que põe em jogo o poder e o desejo (FOUCAULT, 2009).

Usamos a linguagem em todos os momentos, até mesmo no exercício do pensamento, considerando que este se concretiza no discurso, a língua empregada socialmente, de acordo com as múltiplas e distintas identidades culturais. Entendemos que, na sociedade em que vivemos, a linguagem perpassa cada uma de nossas atividades, individuais e coletivas.

Isso propicia indagações quanto à nossa existência e ao nosso pertencimento ao próprio mundo ou ao mundo do outro, a ponto de não distinguirmos com nitidez “qual exatamente é a parte de nossa singularidade” (CHARAUDEAU, 2015, p. 14). Para esse autor, o encontro de si com o outro se dá por meio de representações que evidenciam imaginários coletivos produzidos pelos indivíduos que vivem em sociedade, e que se manifestam por meio de valores compartilhados que constituem sua memória identitária.

Essa memória refere-se a termos mais específicos, como os de cultura e identidade. É sabido que cultura é um conjunto de criações humanas de uma sociedade, de seus usos, costumes, conhecimentos, suas crenças, leis, artes, entre outros. Já identidade, assunto bastante percorrido anteriormente, é o que nos identifica como pessoa, não apenas em relação às características físicas, mas também aos caracteres pessoais: valores, preferências, enfim, a maneira como somos e nos revelamos perante as pessoas e a sociedade.

A palavra cultura adquire representações específicas de acordo com o contexto analisado que pode ser na Antropologia, na Agricultura, na Filosofia, na Sociologia entre outros. Aqui, tomamos por base, o conceito dicionarístico, pois abrange a definição de um modogeral, a saber,

Cul.tu.ra s.f 1 ação ou efeito de cultivar a terra; cultivo 2 criação de certos animais 3 p.ext. produto de tal cultivo ou tal criação 4 conjunto de padrões de comportamento, crenças, costumes, atividades etc. de um grupo social 5 forma ou etapa evolutiva das tradições e dos valores de um lugar ou período específico; civilização 6 fig. conhecimento; instrução C ignorância [ETIM: lat. *cultūra* 'ae ação de tratar, venerar (no sentido físico e moral)'] (HOUAISS, 2011, P. 250).

Todavia, qual a relação entre identidade e desigualdade social? Tomemos por base o pensamento de Charaudeau (2015, p. 18), quando postula que “[...] não há tomada de consciência da própria existência sem percepção da existência de outro que seja diferente”. O autor apregoa que é a partir da diferença que surge a atração ou a rejeição em relação ao outro. Essas diferenças, quando não aceitas pelos sujeitos, provocam estereótipos e, em sendo estes negativos, abre-se espaço para o preconceito e, a partir dele, desencadeia-se a marginalização dos considerados desiguais. Nesse sentido, uma das principais formas de exposição do preconceito é a sua manifestação por meio do discurso.

Barros (2015, p. 65) nos apresenta uma forma de discurso violenta e presente em nossa realidade. São as manifestações de intolerância, os textos xenófobos e racistas que aparecem em redes sociais. Esses discursos configuram-se como violência e expõem o lado mais cruel e dramático da sociedade: o preconceito e a discriminação, expostos por meio do discurso do ódio que acentua as diferenças e as várias formas de difundir a maldade e o desprezo na sociedade.

Essa diferença, como afirma Charaudeau (2015), que nos faz aproximar ou repelir o outro, tem acentuado problemas antigos na convivência humana ou propiciado que outras formas de preconceito e violência surjam, manifestando-se de diferentes modos e desencadeando diversas consequências nocivas, tanto físicas quanto psicológicas.

Uma forma de violência e preconceito reconfigurada pela *internet* é o *bullying*. Em pleno século XXI, primeiro do terceiro milênio, em que vivemos a era da *internet*, dos computadores, telefones celulares, *tablets* – tecnologias que vieram para facilitar a vida do homem, vêm sendo usadas para o mal, considerando não apenas as falcaturas de *hackers* e de maus cidadãos com apropriações indébitas recorrentes, bem como a propagação da intolerância, do preconceito e daquilo que se denomina *cyberbullying*, ou seja, o *bullying* por meio da *internet*.

De acordo com o dicionário Houaiss (2011, p. 142), a palavra *bullying* tem sua origem no inglês, a partir do verbo *bully*, que significa intimidar, e é definida como o “comportamento insistente de quem procura intimidar, por meio de violência física ou

psicológica, alguém que é incapaz de se defender, geralmente em ambiente escolar”. Acontece principalmente entre os jovens e pode ser percebido em qualquer classe social.

Como mencionado, o *bullying* pode ser manifestado por meio da agressão física ou psicológica. O *cyberbullying*, por sua vez, é a prática preconceituosa e discriminatória pela *internet*, sobretudo, das redes sociais e aplicativos de celular. É a apregoação clara da disseminação do ódio, das mentiras e das perseguições.

O *bullying* é uma prática por meio da qual os indivíduos rotulados como fracos ou diferentes são provocados, humilhados e, em muitos casos, até agredidos. É o que nos revelam as matérias jornalísticas com as quais nos deparamos quase que diariamente. Exemplo disso é a jornalista da TV Globo, Maria Júlia Coutinho, a Maju, que foi vítima de injúria e racismo na *internet*, não apenas uma vez. Em 2017, após a jornalista participar do programa Altas Horas, foi insultada por um internauta em suas redes sociais⁹, cujas ofensas passaram a se dirigir a todos os negros. O problema é que, na maioria das vezes, as pessoas sentem-se livres na *Internet* para comentar ou dizer o que bem entendem ou querem. Na verdade, elas estão confundindo liberdade de expressão com intolerância, com propagação do ódio, com preconceito, o que é punível em lei.

Outra forma de disseminar violência e expor a desigualdade social é a xenofobia, um dos muitos obstáculos que os sujeitos migrantes ou refugiados têm que enfrentar, o que causa estranheza, porque a ação de migrar é inerente ao ser humano, do ponto de vista da historiografia. Afinal, antes de o homem ser sedentário, era nômade.

A imigração é um tema atual, mas é processo histórico. A vida de um imigrante não é fácil, como podemos comprovar pela foto de um pai e sua filha afogados ao tentarem cruzar a fronteira dos EUA com o México, por meio do Rio Grande, e que comoveu o mundo¹⁰.

Como uma de suas funções, a escola deve promover o conhecimento, superar formas tradicionais de práticas educativas, organizar e gerir, levando em conta a realidade social e cultural de seus alunos. A instituição não deve naturalizar nem legitimar as desigualdades sociais e as manifestações violentas, criando meios para combatê-las, seja por palestras, debates, rodas de conversas ou projetos pedagógicos, entre outros.

Nesse sentido, fica a cargo da escola e da família promover ações contrárias a esses eventos nefastos. À escola, cabe desenvolver atividades específicas orientadas para o processo

⁹ Disponível em: < <http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2015/07/maria-julia-coutinho-maju-e-vitima-de-racismo-no-facebook.html>>. Acesso em: 27 mar. 2021.

¹⁰ Disponível em: < <https://www.bol.uol.com.br/noticias/2019/06/26/a-tragica-historia-por-tras-e-foto-de-pai-filha-afogados-ao-tentar-cruzar-fronteira-dos-eua.htm>>. Acesso em: 27 mar. 2021.

de formação dos alunos intervindo, por meio de minicursos, oficinas, palestras e debates referentes ao assunto. À família, fica a obrigação de acompanhar e buscar compreender seus filhos, analisando se eles passam pela situação de vítimas ou de agressores.

A prática social absorve e compartilha, ainda que, algumas vezes, de forma velada, todo o processo discriminatório esteado em preconceitos de cunho religioso, étnico, homofóbico, entre outros. Nessa linha de raciocínio, busquemos o conceito de preconceito, a fim de que possamos alinhar o conhecimento sobre os termos em estudo e estabelecer as diferenças e igualdades entre preconceito e discriminação, considerando que o preconceito pode gerar a discriminação.

Conforme Houaiss (2011, p. 749), **preconceito**:

s.m. (1817-1819 cf. Eli Comp) 1 Qualquer opinião ou sentimento quer favorável, concebido sem exame crítico. 2 Atitude, sentimento ou parecer insensato, esp. de natureza hostil, assumido em consequência de generalização apressada de uma experiência pessoal ou imposta pelo meio; intolerância. ♦ p. linguístico LING. qualquer crença sem fundamento científico acerca das línguas e de seus usuários, como p. ex., a crença de que existem línguas desenvolvidas e línguas primitivas, ou de que só a língua das classes cultas possui gramática, ou de que os povos indígenas da África e da América não possuem línguas, apenas dialetos ETIM *pre* + *conceito*.

Esse conceito remete às definições apresentadas pelo dicionário Aurélio (2010, p. 1695),

[De pre- + conceito.] S.m. 1 Conceito ou opinião formados antecipadamente, sem maior ponderação ou conhecimento dos fatos; ideia preconcebida; 2. Julgamento ou opinião formada sem levar em conta o fato que os conteste; prejuízo; 4. Suspeita, intolerância, ódio irracional ou aversão a outras raças ou credos, religiões etc.

Por seu lado, de acordo com o dicionário etimológico da língua portuguesa (CUNHA, 2010, p. 222), *discriminação* significa “linha divisória, discernimento, combate” e tem sua origem no latim *discriminare*. Já de acordo com o dicionário Houaiss (2011, p. 308), **discriminação**

v. (1833RevPhil 96) 1 t.d.bit perceber diferenças; distinguir < d. bem as cores > <d. o certo do errado> <d. entre uma cópia e o original> 2 t.d. colocar à parte por algum critério; especificar, classificar, listar <é preciso d. os artigos em falta> 3.não (se) misturar; formar grupo à parte por alguma característica étnica, cultural, religiosa etc.; separar(se), apartar(se), afastar(se) 4 t.d. p.ext. tratar mal ou de modo injusto, desigual, um indivíduo ou grupo de indivíduos, em razão de alguma característica pessoal, a cor de pele, classe social, convicções etc. ETIM. lat. *-discrimīno,as,āvi,atum,āre* ‘separar, distinguir, diferenciar, variar.

Finalizando o conceito da palavra em questão, o dicionário Aurélio (2010, p. 724) a define como “[Do latim *discriminare*] V.t d. 1 diferenciar, distinguir; discernir; 2 Separar, especificar; 4 Separar, estremar”.

Percebemos que as definições remetem à ideia de negação. Esta pesquisa trata do preconceito e da discriminação sob diversos enfoques. Por exemplo, quando nos referimos ao outro de maneira não amável, quando o tratamos mal por ele pertencer a outra cultura, por praticar outras crenças, estamos praticando a discriminação.

A discriminação das mulheres tem por base os preconceitos denominados machismo, misoginia e sexismo. O machismo surge da crença de que ao homem tudo é permitido, e, às mulheres, cabem a eles obedecer, sendo servis e submissas; misoginia é entendida como o ódio que se tem pelo simples fato de ela ser mulher; o sexismo é a discriminação com base no sexo da pessoa, independentemente de masculino ou feminino, no entanto as estatísticas apresentadas nos telejornais deixam evidente que essa prática está direcionada muito mais para as mulheres.

Na luta por direitos iguais, surgiu o feminismo – movimento social que visa a combater as atitudes discriminatórias contra a mulher. O movimento vem ganhando força e fortalecendo o empoderamento feminino, e as mulheres se veem mais garantidas para o enfrentamento ao machismo, amparadas por leis¹¹, como: Lei Maria da Penha, nº 11.340, de agosto de 2006; Lei Carolina Dieckmann, nº 12.737, de 2012; Lei do Minuto Seguinte, nº 12.845, de 2013; Lei Joana Maranhão, nº 12.650, de 2015; Lei do Feminicídio, nº 13.104, de 2015; Projeto de Lei 4742/2001– Crime de assédio moral; e Lei nº 10.224, de 15 de maio de 2001 – dispõe sobre o crime de assédio sexual.

O preconceito racial, o racismo, resulta na discriminação contra outras raças que não a branca, como a amarela, negra ou vermelha, uma antiga divisão, porquanto a noção de raça se modificou e hoje falamos apenas em raça humana. No entanto, por acreditar que há uma supremacia da raça branca sobre as demais, a humanidade menospreza as chamadas outras raças, especialmente a negra. Provas disso são: o antigo e “extinto” *Apartheid*, o histórico regime de segregação racial na África do Sul; a criação de grupos específicos, de extermínio de negros, por exemplo, o *Ku Klux Klan*, que apregoa a superioridade dos brancos, entre outros. Como sabemos, prevalece a discriminação contra negros em várias partes do mundo, e o Brasil não constitui exceção.

¹¹ Disponível em: <<https://www.jornaljurid.com.br/blog/jurid-web/conheca-5-leis-que-protegem-as-mulheres>>. Acesso em: 15 jan. 2021.

É impossível tratar da discriminação racial sem mencionar a escravidão e todas as injustiças praticadas, devido ao preconceito contra o negro. Teoricamente, com o processo de abolição da escravatura, iniciado em 1850, por meio da Lei Eusébio de Queirós, depois, com a Lei do Ventre Livre, de 1871, a Lei dos Sexagenários, 1885, e a decisiva Lei Áurea, em 1888, que aboliu o sistema de escravidão no Brasil. No entanto, a discriminação racial ainda se faz presente na sociedade brasileira, disfarçada, escamoteada sob outras práticas, camuflada em muitos lugares.

Como forma de amenizar essa verdade, os governos brasileiros tentaram criar maneiras e sistemas para promover a igualdade. Exemplos disso são o sistema de cotas para a inserção do negro nas universidades públicas – Lei Nº 12.711, de 29 de agosto de 2012 – e leis que determinam que a prática do racismo é crime, além de abrir espaço, dando voz ao negro, na mídia e na sociedade em geral. Contra o racismo, temos: a Lei Nº 12.288, de 20 de julho de 2010, que institui o estatuto da igualdade racial; Lei Nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989, que define os crimes resultantes de preconceito e raça ou de cor; Lei nº 9.459, de 13 de maio de 1997, que altera os artigos 1º e 20 da Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989.

O preconceito social fomenta a discriminação das pessoas pertencentes à classe social menos favorecida. Fundamentados na sua excelente condição financeira, muitos se julgam superiores aos menos favorecidos e cometem atrocidades, em nome da condição de poder de que se julgam detentores. Esse preconceito traz a discriminação que inclui a marginalização, quando determinados cidadãos são privados do acesso à saúde, educação, moradia, infraestrutura, mobilidade urbana.

Também o capacitismo – que ocorre quando você encontra uma pessoa deficiente fazendo alguma atividade e logo conclui que ela precisa de sua ajuda, sem antes mesmo perguntar-lhe se ela dela necessita. Indiretamente, essa ação diz que aquela pessoa é incapaz de realizar algo sozinha – reverbera o preconceito. Nessa linha, o preconceito contra as pessoas com deficiência ainda vem lhes causando transtornos.

No aspecto físico ou mental, as pessoas com deficiências já apresentam a autoestima abalada, e conviver com o preconceito, a intolerância às suas condições e a discriminação torna-se ainda mais difícil. É certo que ações de inclusão têm sido promovidas para sanar o problema, mas falta o engajamento necessário e investimento na educação, na mobilidade, para que tenhamos uma sociedade de fato inclusiva, de acordo com a Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015, o Estatuto da Pessoa com Deficiência.

Tão devastador quanto o racismo é o preconceito religioso. Iniciado em um longínquo passado com as cruzadas cristãs, a caça às bruxas, a Santa Inquisição, desembarcam

hoje nas divergências religiosas no Oriente Médio, nos mostrando como essa é uma guerra que está longe de se encerrar, haja vista que os conflitos se renovam continuamente. No Brasil, como o Estado é laico, podemos contar, geralmente, com a proteção do Art. 5º da Constituição Federal, inciso VI¹².

Além dessas, há as leis de combate às práticas de *bullying* nas escolas e na *internet*: Lei nº 13.185, de 6 de novembro de 2015, e o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (*Bullying*), e a Lei nº 12.735, de 30 de novembro de 2012, chamada de *Cyberbullying*.

Outro fator de preconceito e discriminação é a aparência fisiológica, que acarreta discriminação à pessoa obesa, à demasiadamente magra, à loira, à de baixa estatura, aos tatuados, de cabelos pintados. Enfim, sofre com a discriminação todo e qualquer indivíduo que, por algum motivo, destoa dos demais, é diferente, como se todos tivessem a obrigação de ser iguais, obedecendo a um estereótipo estipulado por uma minoria que controla o padrão de beleza e determina o que deve predominar na sociedade.

Por último, mas não menos importante, discorremos sobre o preconceito linguístico. Temos assistido a muitas campanhas de combate aos diversos tipos de preconceito. Muitos se acham no direito de produzir *charges*, *memes*, vídeos e várias outras situações que exploram a ingenuidade e a falta de conhecimento sobre a gramática normativa, constrangendo e humilhando as pessoas que fazem uso das variedades linguísticas consideradas sem prestígio social. No contexto discursivo, a exclusão, além de acontecer pelos usos indevidos de termos, palavras e expressões ofensivas, unidades lexicais desrespeitosas, pode vir também acompanhada da discriminação pelo uso de variedades linguísticas consideradas fora do padrão estabelecido e valorizado, como sendo a variedade de prestígio. Em decorrência disso, as variedades linguísticas usadas pela classe socioeconômica menos favorecida acabam não tendo valor dentro do circuito social considerado culto.

Como sabemos, a língua é vista como fator de identidade desde os tempos mais remotos, e nos mais recentes e atuais não seria diferente. Isso ficou evidente, desde os conflitos entre tribos distintas que lutavam, entre outras razões, pela ocupação de territórios e afirmação da fé. Merece destaque um episódio retratado no texto bíblico, no livro de Juízes, capítulo 12, especificamente nos versículos 4 a 6 (BÍBLIA, 2014, p. 285):

¹² “Estipula ser inviolável a liberdade de consciência e de crença, assegurando o livre exercício dos cultos religiosos e garantindo, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e as suas liturgias”.

⁴Então Jefté reuniu todos os homens de Galaad para lutar contra Efraim. Os homens de Galaad derrotaram os de Efraim, os quais diziam: “Vos. Os galaaditas, sois uns fugitivos de Efraim, entre os territórios de Efraim e de Manassés”. ⁵Galaad se apoderou dos vaus do rio Jordão pertencentes a Efraim. Quando algum dos efraimitas fugitivos dizia: “Deixa-me passar”, perguntavam-lhe os homens de Galaad: “És um efraimita?” ⁶Se respondesse “não”, mandavam que dissesse *xibolet*. * Se ele dissesse *sibolet* por não poder pronunciar certo, agarravam-no e o degolavam nos vaus do rio Jordão. Naquela ocasião tombaram quarenta e dois mil homens de Efraim.

Na nota de rodapé explicativa do supracitado versículo 6, a pronúncia diferente da palavra *xibolet* (espiga) revela a existência de sotaques ou dialetos em Israel. Outro episódio também esclarecedor do assunto surge já no Novo Testamento, quando da negação de Pedro sobre ele parte fazer da comitiva que acompanhava Jesus. Conta a história que Pedro falava o aramaico com sotaque da Galileia e isso o teria identificado como seguidor de Cristo, mesmo diante de suas negativas.

Ainda hoje, a identificação de um indivíduo como usuário da língua de uma determinada região brasileira é muito fácil para nós. Exemplo disso é que, normalmente, quem é do Rio de Janeiro, em seu discurso, realiza o /s/ como [ʃ], por isso costuma-se dizer que podemos identificar o falante como um carioca pela pronúncia da palavra ‘história’ [iʃ'tɔria]. Já o uso das vogais médias abertas, [ɔ, ɛ] é uma das características da região do Nordeste brasileiro.

Nesse sentido, Bagno (2019, p. 22) esclarece:

O preconceito linguístico é tanto mais poderoso porque, em grande medida, ele é “invisível”, no sentido de que quase ninguém se apercebe dele, quase ninguém fala dele, com exceção dos raros cientistas que se dedicam a estudá-lo. Pouquíssimas pessoas reconhecem a existência do preconceito linguístico, que dirá a sua gravidade, como um sério problema social. E quando não se reconhece sequer a existência de um problema, nada se faz para resolvê-lo.

Devido à extensão do alcance desse problema, como educadores, devemos estar sempre alertas e avaliar nossas atitudes para que não se tornem preconceituosas. Além desse monitoramento próprio, é preciso, nas escolas, trabalhar ações que promovam discussões alusivas ao tema, a fim de que os alunos possam opinar, após ouvirem o relato da experiência de quem convive com tais práticas. Também oficinas devem ser desenvolvidas de maneira tal que os alunos tenham condição de se inteirarem do assunto e se tornarem multiplicadores do respeito às diferenças e à multiculturalidade.

Diante do exposto, ficam evidentes as inúmeras possibilidades de prática de preconceito e discriminação e o quanto devemos lutar para educar nossos alunos. No que se refere às leis, podemos contar com vários instrumentos protetivos, a começar pela Constituição

Federal/1988, soberana a todas as outras leis, nacionais e internacionais, seguida das demais leis brasileiras. A Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 (CRFB/88) preconiza que um dos objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil é “[...] promover o bem de todos sem preconceito de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação” (BRASIL, 1988, art. 3º, inciso IV).

Esse amparo que a CRFB/88 oferece junto com as lutas de todas as classes tem favorecido a criação de outras leis, associações e desenvolvimento de projetos que asseguram e/ou proporcionam a inclusão, o reconhecimento das minorias como cidadãos com plenos poderes, deveres e igualdade de direitos.

Ainda sobre as leis, a Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948, p. 4), considera, em seu art. 1º, que “[...] todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotados de razão e consciência e devem agir em relação uns aos outros com espírito de fraternidade”.

Nesse sentido, fazem-se presentes, ainda, a Lei nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002, também conhecida por Código Civil, “aquele que, por ação ou omissão voluntária, negligência ou imprudência, violar direito e causar dano a outrem, ainda que exclusivamente moral, comete ato ilícito” (BRASIL, 2002), a Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003 - Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e, por fim, o Estatuto da Criança e do Adolescente - Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 – “Art. 5º Nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais” (BRASIL, 2005, p. 13).

Também, citamos a Lei nº 13.663, de 14 de maio de 2018, que “altera o art. 12 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para incluir a promoção de medidas de conscientização, de prevenção e de combate a todos os tipos de violência e a promoção da cultura de paz entre as incumbências dos estabelecimentos de ensino”. Ressalte-se que a Lei nº 9.394/96, supracitada, é a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Assim, nos colocamos lado a lado com a legislação vigente no cumprimento do nosso dever enquanto responsáveis pela formação integral dos educandos.

Assim, podemos avaliar a importância e necessidade da nossa pesquisa, quando a complementamos com o aporte jurídico e encontramos as leis que respaldam nossa investigação.

Discorremos, a seguir, sobre o respeito e tolerância na linguagem.

3.1 Respeito e tolerância na linguagem

A maioria das instituições escolares reproduz o modelo de ensino que há tempos vem propagando e respaldando o prestígio da norma culta como a única aceitável dentro do *continuum* variação linguística.

Como já mencionado na Introdução desta dissertação, a educação é direito de todos, é o que preconiza a CRFB/88, embora não seja disponibilizada com a mesma qualidade para todos, o que gera diferentes formas de apropriação social da linguagem e dos saberes. Isso provoca o surgimento de algumas ideologias fundamentadas em concepções que geram atitudes negativas que influenciam o ponto de vista e as perspectivas das pessoas, mudando a forma como elas se relacionam umas com as outras e com o mundo. Nessa concepção, faz-se mister usar respeito e tolerância frente às diversas formas de variação linguística.

Em relação ao respeito à linguagem, apresentamos a definição de Scherre (2019), na íntegra:

O Respeito Linguístico é a convivência harmoniosa entre as diferentes formas de falar, seja no plano das diferenças entre as línguas, seja no plano das diferenças entre as variedades no interior de uma mesma língua. As diferenças linguísticas, em qualquer plano, incluindo o social, caracterizam grupos de falantes e são mecanismos identitários. Então, o Respeito Linguístico implica a capacidade de ouvir o outro com seus traços característicos, sem emissão de julgamento de valor, sem brincadeiras de mau gosto, sem o imperioso desejo de mudar a fala do outro, sem silenciamento da voz do outro, sem preconceito, sem intolerância, sem *bullying* (cf., por exemplo, BAGNO, 2017; LEITE, 2008; SCHERRE, 2008, 2019). Para haver respeito linguístico, é necessário que haja respeito entre nós, animais humanos, dotados de instinto e razão, espécimes diferenciados da natureza. A partir da década de 80 do século XX, há textos escritos que clamam pelo respeito às diferentes línguas em especial, com a explicitação dos direitos linguísticos, 36 anos após a *Declaração Universal dos Direitos Humanos*, de 10 de dezembro de 1948.ⁱ A *Declaração Universal dos Direitos Linguísticos* objetiva influenciar a criação de legislação sobre os direitos linguísticos, norteadores do Respeito Linguístico. A primeira versão desta declaração foi publicada em março de 1984 pelo brasileiro Francisco Cardoso Gomes de Matos.ⁱⁱ Foi transformada em texto seminal no *12th Seminar of the International Association for the Development of Intercultural Communication*, em Recife, capital de Pernambuco, em 9 de outubro de 1987, com a denominação de *Declaração de Recife*. Ampliada em reunião em Barcelona, de 6 a 9 de junho de 1996, ficou conhecida como *Declaração de Barcelona*.ⁱⁱⁱ Os direitos linguísticos, com relação às diferentes línguas do mundo, são amplamente contemplados na documentação disponível. Com relação às variedades no interior de cada língua especificamente, sua explicitação está no item 5 da *Primeira Tipologia dos Direitos Linguísticos* da *Declaração de Recife* e no Artigo 26 da *Declaração de Barcelona*, com nossas respectivas traduções, abaixo, para o português brasileiro. 5. Escolha linguística: todo usuário de uma língua tem o direito de escolher uma variedade (regional, social, profissional) de acordo com suas necessidades de comunicação. Assim, ele tem o direito de escolher a pronúncia, o vocabulário, a gramática (construções sintáticas) e o estilo a ser usado. Ser poliglota na própria língua nativa deve ser um direito linguístico individual, como eloquentemente expresso pelo gramático brasileiro Evanildo Bechara em seu artigo O ensino da gramática: opressão, liberdade? (Boletim

da ABRALIN, Associação Brasileira de Linguística, dezembro de 1981, p. 38) (referências na nota 3). Artigo 26. Todas as comunidades linguísticas têm direito a uma educação que permita a seus membros adquirirem um domínio [amplo] de sua própria língua, incluindo as diferentes habilidades relacionadas a todas as esferas regulares de uso, bem como o domínio mais amplo possível de quaisquer outras línguas que desejem conhecer (referências na nota 3).

É com relação às diferenças sociais que o respeito linguístico precisa ser mais claramente fomentado, porque (1) as características linguísticas que são índices de pertencimento a classes sociais menos favorecidas são naturalizadas como erradas em todas as línguas do mundo e (2) o acesso amplo às variedades de prestígio é extremamente desigual. O Respeito Linguístico é, portanto, um ponto claro e preciso do Bem Viver, uma utopia, “[um sonho] de uma sociedade com um sistema social, político e econômico ideal, com leis justas e dirigentes e políticos verdadeiramente empenhados no bem-estar de seus membros”.^{iv} A utopia faz parte dos desejos dos animais humanos e deve nortear nossa busca pela convivência harmoniosa com a diversidade linguística, porque, na natureza, a diversidade é a seiva da vida. Nos processos de colonização e escravidão, culturas foram e são desfeitas, línguas e variedades linguísticas foram e são dizimadas, desrespeitadas, paralelamente ao extermínio e/ou à subjugação de seus falantes ou atores discursivos (cf., por exemplo, FREIRE, 2004; RODRIGUES, 1986; SCHERRE, 2006). Todos nós usamos as diferenças linguísticas como mecanismos de poder e de silenciamento, um uso perverso do nosso lado racional, lado racional este que precisa nos guiar para estabelecer trocas e escutas respeitadas, democráticas, pacíficas e pacificadoras. Só uma educação pela paz, no seio da família, na comunidade, na escola, na praça, na esquina, no debate público contra o preconceito e contra a intolerância linguística, pode nos conduzir ao respeito humano e, conseqüentemente, ao respeito linguístico. Se fizermos isto acontecer, será sinal de que avançamos na implementação do gene da civilidade^v (SCHERRE, 2019, no prelo).

Quanto à palavra tolerância, ao longo da história, ela vem recebendo vários significados e, segundo Dascal (1989, p. 4), a história filosófica da tolerância reflete as oscilações entre as conotações positiva e negativa associadas a esse termo. De acordo com Houaiss (2011, p. 913), o termo tolerância é definido como “característica de certas pessoas de admitir e respeitar ideias diferentes das suas”, definição que vai ao encontro do pensamento de Dascal (1989), quando este afirma que não se exige que a maioria respeite a opinião do outro, porque esta seria de fato verdadeira, mas basta que haja uma mínima possibilidade de verdade e já será motivo para que a opinião seja respeitada.

Considerando esse enfoque dentro do contínuo escolar, especialmente no que se refere às particularidades de cada aluno, fica evidente que todos devem ser respeitados de igual forma, de modo que ninguém sofra com a intolerância frente às diferenças em relação aos demais. A intolerância linguística, apesar de muitas vezes passar despercebida, é tão prejudicial quanto às outras formas de intolerância. Ela surge do desrespeito e do preconceito linguístico, transcende esse aspecto e atinge o aluno como um todo, o que gera sua exclusão por meio da discriminação.

A linguagem é um fenômeno social e, por isso, existem diferentes formas de falar, comunidades de fala denominadas urbanas, rural, os grupos juvenis urbanos, grupos de determinada ascendência étnica, entre outros. Dentro das comunidades de fala acontece ainda outra divisão, as comunidades de prática, que, segundo Faraco (2017), são agregados de pessoas que partilham as mesmas vivências nas escolas, igrejas, no trabalho, na família etc. Segundo esse autor, uma mesma pessoa pode pertencer a comunidades diversas e expressar-se de diferentes formas, levando em consideração a comunidade em que esteja inserida no momento da fala.

Todavia, pode acontecer de um falante não se ajustar a determinada comunidade de prática e sofrer com o preconceito e a discriminação por falar diferente dos demais. O julgamento crítico ofensivo provoca humilhação e constrangimentos. Conforme Leite (2020, p. 13), “não é exagero, portanto, dizer que uma crítica à linguagem do outro é uma arma que fere tanto quanto todas as armas”. A autora pontua que o preconceito com a linguagem do outro revela muito mais que o preconceito linguístico, retrata questões de “ordem social, política, religiosa, racial etc.” (LEITE, 2020, p. 13).

Diferentemente dos demais, o preconceito linguístico caminha silenciosamente, sem maiores alardes e, muitas vezes, fundamenta as brincadeiras desrespeitosas. Ele se alastra na sociedade por meio do deboche e pode levar da agressão verbal à física e à psicológica. A dificuldade para sociabilizar-se é uma das consequências negativas mais visíveis enfrentadas pelos sujeitos que sofrem com o preconceito linguístico.

Essa forma de preconceito tem por base a intolerância com os usuários da língua em seus contínuos de fala menos prestigiados por pessoas que não compreendem e não aceitam a diversidade linguística. Adotamos, neste trabalho, o conceito de intolerância segundo Leite (2020, p. 20), quando a define como “um comportamento, uma reação explícita a uma ideia ou opinião contra a qual se pode objetar”. Os intolerantes, ou seja, as pessoas que praticam atitudes preconceituosas presumem que podem depreciar, discriminar ou agir de forma ultrajante e grosseira com as outras pessoas.

Como forma de combater o preconceito e a intolerância, devemos, por um lado, ensinar os alunos a compreenderem as diferenças, e, por outro, a não revidarem às ofensas recebidas, mas a propagar a cultura da paz. Por fim, há que se educá-los no sentido de respeitar as pessoas e tratá-las com igualdade, considerar os valores éticos e morais, sem julgamentos prévios preconcebidos.

Salientamos que o desenvolvimento acerca dos termos cidadania e valores éticos e morais estão previstos em um dos documentos escolares, Parâmetros Curriculares Nacionais:

(PCNs) (BRASIL, 1997) e na Lei de diretrizes e Bases da Educação (1996). Os PCNs (BRASIL, 1997) orientam que o aluno deve conhecer a diversidade de valores presentes na sociedade multiplural brasileira, e a Constituição Federal Brasileira (1988) nos ampara, em seu Art. 5º, estabelecendo que todos são iguais perante a lei. Sendo assim, na sociedade e, principalmente, nas escolas, não deve haver espaço para qualquer tipo de preconceito, muito menos o linguístico. O Brasil é um país democrático; é o que preceitua a CFB/88:

Art. 1º A República Federativa do Brasil, formada pela união indissolúvel dos Estados e Municípios e do Distrito Federal, constitui-se em Estado Democrático de Direito e tem como fundamentos: I - a soberania; II - a cidadania; III - a dignidade da pessoa humana; IV - os valores sociais do trabalho e da livre iniciativa; V - o pluralismo político.

Consoante Houaiss (2011), o verbete *democrático* é um adjetivo e sua significação primeira é: “relativo à democracia”, e a segunda, “próprio do povo”. Entendemos como democracia, segundo Houaiss (201, p. 265): “S.f. 1. governo em que o povo exerce a soberania 2. sistema comprometido com a igualdade ou a distribuição igualitária de poder [ETIM: gr. *demokratía*, de demos ‘povo’ + *kratia* ‘força, poder’]”.

Dessa maneira, chamamos a atenção para a igualdade de todos perante a Constituição, pois ela estabelece, reiteramos, que “todos somos iguais perante a lei”. Diante disso, cabe à escola assumir um papel fundamental no gerenciamento dessa igualdade de condições, no sentido de resguardar o indivíduo de ser ofendido, ridicularizado ou humilhado com palavras e/ou expressões desrespeitosas.

Pensando nisso, o Estado cumpre seu papel quando disponibiliza o aporte teórico Pluralidade Cultural, constante nos PCNs, para dar suporte e incentivar a prática da diversidade em sala de aula, já que “a criança na escola convive com a diversidade e poderá aprender com ela” (BRASIL, 1997, p. 123). Esse documento, na parte que se refere aos Temas Transversais – Pluralidade Cultural, cita:

A diversidade marca a vida social brasileira. Diferentes características regionais e manifestações de cosmologias ordenam de maneiras diferenciadas a apreensão do mundo, a organização social nos grupos e regiões, os modos de relação com a natureza, a vivência do sagrado e sua relação com o profano. O campo e a cidade propiciam às suas populações vivências e respostas culturais diversas, que implicam ritmos de vida, ensinamentos de valores e formas de solidariedade distintas. Os processos migratórios colocam em contato grupos sociais com diferenças de fala, de costumes, de valores, de projetos de vida (BRASIL, 1997, p. 125).

Assim, a escola deve possibilitar ao aluno aprender a exercer sua cidadania, cumprindo com suas obrigações, mas, também, exigindo seus direitos. É o que preconiza a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional sobre o assunto:

- Art. 3º O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:
- i. igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;
 - ii. liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber;
 - iii. pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas;
 - iv. respeito à liberdade e apreço à tolerância;
 - v. coexistência de instituições públicas e privadas de ensino;
 - vi. gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais;
 - vii. valorização do profissional da educação escolar;
 - viii. gestão democrática do ensino público, na forma desta Lei e da legislação dos sistemas de ensino;
 - ix. garantia de padrão de qualidade;
 - x. valorização da experiência extraescolar;
 - xi. vinculação entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais;
 - xii. consideração com a diversidade étnico-racial;
 - xiii. garantia do direito à educação e à aprendizagem ao longo da vida. (BRASIL, 2020, p. 8).

Já no artigo 2º, a LDB determina que “a educação [...] tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (BRASIL, 2020, p. 8). Indubitavelmente, o que não falta no Brasil são leis que amparem a igualdade entre seus cidadãos e que assegurem e garantem seus direitos.

Abordamos, até o presente momento, os conceitos teóricos que nortearam nosso estudo. A seguir, descrevemos a metodologia e os procedimentos metodológicos adotados nesta pesquisa.

4 METODOLOGIA

Neste capítulo, estão descritos os procedimentos metodológicos que nortearam nossa pesquisa. Começamos com as definições de metodologia e métodos, propostos por Gil (1991, 2008) e Thiollent (1986). Explicamos as abordagens metodológicas da pesquisa bibliográfica, documental, qualitativa e da pesquisa-ação.

Na sequência, apresentamos o universo da pesquisa, a saber: a cidade de Montalvânia, a Escola Estadual de Montalvânia, os alunos partícipes da investigação e as unidades lexicais analisadas neste trabalho. Posteriormente, desenvolvemos a fase diagnóstica e procedemos à sua respectiva análise.

4.1 Metodologia

É dever do professor zelar para que o aluno receba uma educação de qualidade, inclusive no que se refere à sua formação ética e de valores. Com base nisso, propusemos a realizar esta investigação.

Gil (2008) afirma que o homem, por meio de suas habilidades, busca conhecer o meio em que vive e que grande parte desse conhecimento se dá por meio da observação. Em seguida, ele explica que conhecimento é o que denominamos ciência, embora não haja um consenso para essa definição entre diferentes estudiosos, pois existem conhecimentos que não pertencem à ciência, como o religioso, por exemplo. No entanto, Gil (2008) considera ser possível distinguir o conhecimento científico das outras formas, explicando que “a ciência tem como objetivo fundamental chegar à veracidade dos fatos. Neste sentido, não se distingue de outras formas de conhecimento. O que torna, porém, o conhecimento científico distinto dos demais é que tem como característica fundamental a sua verificabilidade” (GIL, 2008, p. 8). Essa verificabilidade Gil (1991, p. 8) define como um “procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos”. Para o desenvolvimento da pesquisa, um aspecto essencial, que deve ser abalizado, é a escolha do método científico que será usado na pesquisa.

De acordo com Thiollent (1986), o método científico é, muitas vezes, confundido com metodologia. Metodologia, para o autor, “é entendida como disciplina que se relaciona com a epistemologia ou a filosofia da ciência” (THIOLLENT, 1986, p. 24). Pois, além de estudar os métodos, é também o modo de conduzir a pesquisa. Poderíamos entender a metodologia como um todo no processo de desenvolvimento do trabalho, que vai desde a

formulação das hipóteses até a escolha dos métodos e técnicas a serem utilizadas na execução de todas as atividades concernentes à investigação. Nesse sentido, metodologia pode ser vista como “conhecimento geral e habilidade que são necessários ao pesquisador para se orientar no processo de investigação, tornar decisões oportunas, selecionar conceitos, hipóteses, técnicas e dados adequados” (THIOLLENT, 1986, p. 25).

Redigir um trabalho científico pode se tornar ainda mais difícil, quando não se tem conhecimento suficiente sobre a metodologia escolhida para o desenvolvimento da pesquisa. Thiollent (1986) pontua, nitidamente, o que é metodologia, porém não deixa clara a definição de método, mas elucida que “a diferença entre método e técnica reside no fato de que a segunda possui em geral um objetivo muito mais restrito do que o primeiro” (THIOLLENT, 1986, p. 26). Para Gil (2008, p. 8), método é “como o caminho para se chegar a determinado fim. E método científico como o conjunto de procedimentos intelectuais e técnicos adotados para se atingir o conhecimento”.

Para esta dissertação, adotamos a metodologia da pesquisa-ação, por ela tratar de um trabalho

social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (THIOLLENT, 1986, p. 14).

A pesquisa-ação busca a transformação, a partir do estudo e da reflexão sobre um determinado assunto e, conseqüentemente, o desenvolvimento de ações que vão proporcionar mudanças consideráveis, evidenciando o crescimento pessoal e profissional das partes envolvidas. “Nestas, os procedimentos analíticos são principalmente de natureza qualitativa” (GIL, 2008, p. 175).

Pimenta (2005) afirma que na pesquisa-ação o sujeito se envolve nas atividades. Assim, a pesquisa é seguida de atividades a serem desenvolvidas (ações), tendo por objetivo desafiar o sujeito a agir, a se arriscar. É feito um enfrentamento de determinada situação, sendo propostas possíveis alternativas resolutivas para que ocorram as mudanças necessárias. A autora pondera, ainda, que esse é o ponto chave da pesquisa-ação. Para que tudo isso aconteça de forma satisfatória, é imprescindível que haja uma relação de confiança entre as partes envolvidas, é preciso que os dois lados – quem pesquisa e quem é pesquisado – estejam buscando o mesmo resultado.

Além de qualitativa, nossa pesquisa é documental, por tratar e analisar documentos oficiais como a CFB/88 e as leis que defendem os direitos do cidadão protegendo-os contra o

preconceito e a discriminação. Ainda é bibliográfica, pois, conforme Gil (1991, p. 48), “a pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. Além disto, nenhum trabalho acadêmico que se pretenda sério pode prescindir dessa forma de pesquisa.

Diante disso, as etapas da pesquisa foram organizadas em duas fases, a saber: 1ª) *diagnóstica*, com identificação do problema e apresentação de possíveis aprendizagens. Levantamento de dados, aplicação de questionários e registro das observações. 2ª) *proposta de ensino*, com base na fase diagnóstica, abordando temas como crenças e atitudes e alguns tipos de preconceito; valores éticos e morais; cultura e cidadania; violação de direitos e convivência social.

Destacamos que, seguindo os parâmetros estabelecidos, nossa pesquisa foi submetida à análise do Comitê de Ética da Unimontes e aprovada pelo Parecer nº 3.650.694, em 18/10/2019, o qual se encontra na seção ANEXO.

Após a descrição da metodologia utilizada, passamos à explanação sobre o universo desta pesquisa.

4.2 Universo da Pesquisa

Esta pesquisa foi realizada na Escola Estadual de Montalvânia, na cidade de Montalvânia, no extremo norte do Estado de Minas Gerais, divisa com a Bahia, e que, de acordo com dados do IBGE 2020¹³, tem 14.747 habitantes. Fundada em 22 de abril de 1952, a pequena cidade tem história que esbanja curiosidades.

Montalvânia é uma cidade de pequeno porte. Tem uma agência do Banco do Nordeste, do Banco Bradesco e do Banco do Brasil. Para suprir essa necessidade, a população cochanina conta com diversos postos de atendimento do Banco do Brasil no comércio local.

Quanto à religiosidade, a predominância é do Catolicismo, com destaque para a *Igreja Matriz Cristo Rei* e a *Capela Nossa Senhora do Perpétuo Socorro*. Há, ainda, igrejas evangélicas e centros espíritas, entre outras manifestações. Há farmácias, lojas, supermercados, bares e restaurantes. No tocante à educação, há quatro escolas estaduais e uma municipal, além da creche que oferece Educação Infantil, na sede do município, e escolas estaduais e municipais em todos os distritos que a ela pertencem. O turismo oferece aos visitantes “grutas, lapas e

¹³ Disponível em: < <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/mg/montalvania.html?>>. Acesso em: 25 jan. 2021.

abrigos com inscrições e pinturas rupestres milenares. O município também é banhado por três rios, sendo eles o Concha, Carinhanha e Itaguari, além de balneários, praças bem cuidadas e o Memorial Montalvão”¹⁴.

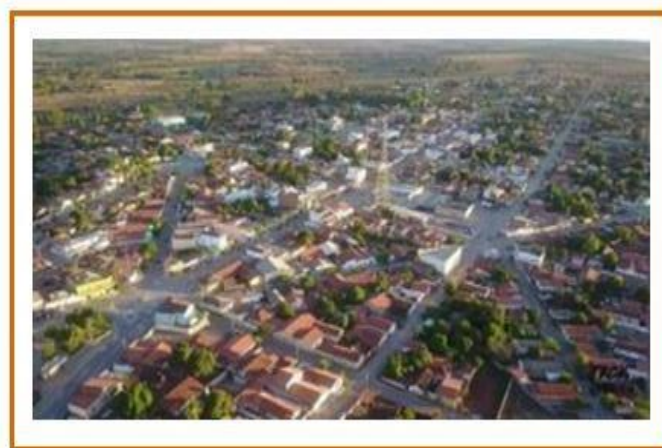
A Figura 5, a seguir, situa Montalvânia no mapa do estado de Minas Gerais, e a Figura 6 apresenta uma visão aérea da cidade.

Figura 5 - Localização do município de Montalvânia



Fonte: Wikipédia (2019).

Figura 6 - Uma visão panorâmica da cidade de Montalvânia



Fonte: Site Oficial de Montalvânia (2019).

4.2.1 A Escola Estadual de Montalvânia e os participantes da pesquisa

A Escola Estadual de Montalvânia (Figura 7), localizada na zona urbana da cidade de Montalvânia, atende os seguintes níveis de ensino: Fundamental II, Médio Regular e Médio

¹⁴ Disponível em: <<https://www.montalvania.mg.gov.br/gentequefaz/index.php>>. Acesso em: 7 ago. 2021.

EJA. A escola conta com uma ótima estrutura física, acessível aos portadores de deficiência física e de necessidades especiais. Tem biblioteca com acesso à *internet*, laboratório de informática, auditório com *datashow* instalado e quadra de esportes coberta.

Figura 7 - Escola Estadual de Montalvânia



Fonte: Página da escola no Facebook (2019).

No ano de 2019, a escola atendia a 17 (dezessete) turmas distribuídas nos turnos matutino, vespertino e noturno, em sua sede, no centro da cidade, e 3 (três) turmas de Ensino Médio Regular, no turno noturno, no segundo endereço da instituição, localizado na comunidade de Pitarana. Em 2020, foram formadas vinte e uma turmas.

Quanto ao quadro de pessoal, a escola conta com uma Diretora, um Vice-Diretor, três Especialistas em Educação Básica, uma Secretária Escolar, Assistentes Técnicos de Educação Básica, Auxiliares de Serviço de Educação Básicas, duas Professoras de Apoio para atender aos alunos que apresentam necessidades educativas especiais, e dar assistência aos Professores de Educação Básica de cada disciplina.

Os alunos participantes da pesquisa¹⁵ pertencem a uma turma de oitavo ano do Ensino Fundamental. Inicialmente, a turma era composta por 39 alunos, sendo 23 mulheres e 16 homens. Todavia, no decorrer no ano letivo, foram acrescentados mais quatro alunos, perfazendo um total de 43 alunos. Desse total, as 25 meninas representam 58% ficando, dessa forma, 42% representados pelos 18 meninos. Com idade entre 13 e 20 anos, 11 alunos (25,5%) são provenientes da zona rural e fazem uso do transporte escolar para chegar à escola. Dos 43 alunos envolvidos na pesquisa, 25 deles (58%) moram com o pai e a mãe, 11 (25,5%) moram

¹⁵ Vide quadro do perfil dos alunos no **APÊNDICE A** desta dissertação.

somente com a mãe, dois com os avós, dois com mãe e avó, um com o pai e a madrasta, um com a mãe e o padrasto, e um com a tia. Alguns são comprometidos com os estudos, outros nem tanto, por motivos diversos. Também, nessa turma, contamos com a presença de um aluno “com necessidades educativas especiais, retardo mental moderado e transtorno não especificado do desenvolvimento da fala ou da linguagem” (AST4), conforme consta no laudo médico apresentado à escola.

Na seção 4.3, a seguir, descrevemos a Fase Diagnóstica.

4.3 Descrição das Atividades da Fase Diagnóstica

Na primeira etapa da fase diagnóstica, fizemos a coleta de dados por meio do registro escrito de parte do conteúdo do debate e da aplicação de questionário, conforme especificado nas Atividades 01 e 02 que se seguem.

Fase Diagnóstica - Atividade 1 - Apresentação do vídeo e debate

Objetivo: Refletir sobre a diversidade linguística, conhecer a origem das palavras para evitar constrangimentos, mal-entendidos e conflitos, refutar o preconceito linguístico e desenvolver a prática consciente do uso da língua.

Data: A aula aconteceu no dia 07/05/2019, uma terça-feira, no primeiro horário do turno vespertino, das 13h às 13h50.

Desenvolvimento: Com o propósito de trabalhar a prática consciente do uso da língua, e favorecer uma relação amistosa no ambiente escolar dos alunos do oitavo ano da Escola Estadual de Montalvânia, desenvolvemos com a turma uma atividade diagnóstica, tendo como suporte metodológico a exibição de um vídeo¹⁶ com o tema “Aprendendo português sem palavras preconceituosas”, produzido por Maurício Ricardo (2019). Houve, por parte da turma, considerada indisciplinada, receptividade suficiente para que a aula transcorresse com tranquilidade.

Composta por trinta e nove alunos, como mencionado, boa parcela da turma é formada por jovens que moram na zona rural e fazem uso do transporte escolar para irem para

¹⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3XWUfuOv_Nk>. Acesso em: 29 mar. 2021.

a escola, sendo 11 alunos conduzidos pelo transporte público todos os dias. Nessa aula, estiveram presentes 25 alunos.

Após a recepção aos alunos e a conversa informal de todo começo de aula, iniciamos explicando que teríamos uma aula diferente, que conversaríamos sobre a maneira de nos expressarmos por meio da fala e que assistiríamos a um vídeo curto, em forma de *charge*, sobre o referido assunto – as diferentes formas de falar. Explanamos que a esse evento chamamos de variação linguística, mas, por vezes, também denominado diversidade linguística, momento em que esclarecemos os significados desses conceitos.

A turma foi organizada de forma que todos pudessem assistir ao vídeo. Este, por sua vez, foi exibido através de um *notebook* com a ajuda de duas caixinhas de som colocadas sobre uma cadeira, em cima da carteira, para que ficasse ao alcance da visão de todos, conforme pode ser observado na Figura 8, a seguir.

Figura 8 - Atividade 1 – Fase Diagnóstica – Exibição do vídeo



Fonte: Acervo da pesquisadora (2019).

A Figura 9, a seguir, apresenta uma parte da turma durante a exibição do vídeo, na fase diagnóstica.

Dando continuidade à aula, procedemos ao debate. Aos alunos foi perguntado “Você conhece esses termos?”, “Usa algum deles?”, “Conhece outros que possam fazer parte dessa lista?”. A classe toda se sentiu à vontade para participar, expondo sua opinião. Foi um momento descontraído, mas esclarecemos que se tratava de um assunto que requeria muito cuidado: o uso de termos pejorativos dentro do ambiente escolar e as consequências desse uso na vida das pessoas por meio de depoimentos dos próprios alunos.

À medida que uma palavra era mencionada e escrita na lousa, os alunos iam reagindo, de acordo com o grau de constrangimento que a palavra proporcionava. Às vezes, o riso se fazia presente na sala; outras vezes a indignação. Sob o olhar atento da professora, o debate foi conduzido de forma que nenhum aluno se sentisse ameaçado no seu modo de falar, de expressar seu ponto de vista.

Para finalizar a lição do dia, foi passada, como tarefa, uma produção textual escrita, solicitando que cada um escrevesse sua opinião sobre o conteúdo do vídeo – o uso de palavras preconceituosas.



Fase Diagnóstica – Atividade 2

A segunda atividade da Fase Diagnóstica aconteceu no dia 8 de maio de 2019, uma quarta-feira, no primeiro e terceiro horários do turno vespertino, sendo o primeiro das 13h às 13h50 e o terceiro das 14h40 às 15h30.

No primeiro horário, após a recepção e acomodação dos alunos, fizemos uma retomada da aula do dia anterior, com uma breve revisão sobre o assunto. Nesse momento, os alunos deveriam entregar à professora a produção textual solicitada no dia anterior, no entanto, eles não fizeram a produção escrita, comportamento que não era de se estranhar porquanto isso acontecia com frequência, apesar do incentivo e da cobrança por parte da professora. Diante disso, embora a atividade tenha sido programada para ser escrita, ela foi feita oralmente.

A turma foi disposta em círculo e a professora retomou o assunto da aula anterior citando as palavras que foram apresentadas durante a exibição do vídeo e explicando sobre as possíveis marcas negativas que as brincadeiras ofensivas podem deixar nas pessoas. Aos alunos foi pedido que comentassem sobre situações vividas ou presenciadas com outras pessoas que envolveram alguma forma de constrangimento devido ao uso indevido das palavras.

Em seguida, explicamos aos alunos sobre a necessidade de conhecer um pouco mais sobre o histórico e pensamento de cada um deles. Nesse dia, dos trinta e nove alunos matriculados (dezesseis homens e vinte e três mulheres), apenas vinte e dois estavam presentes, destes, sete homens e quinze mulheres. Alguns se ausentaram em razão do transporte escolar, que naquele dia não funcionou; outros, sem justificativa plausível, e outra parte deles por já ser, habitualmente, não frequentes às aulas.

Após os comentários concernentes ao teor do vídeo exibido anteriormente e o debate em sala de aula, escrevemos na lousa um questionário contendo sete questões (Apêndice A), para que as copiassem em seus cadernos, em folhas separadas – já que elas seriam recolhidas ao final daquela aula. Os alunos foram orientados para serem autênticos em suas respostas, pois, a partir das informações repassadas, seriam planejadas novas ações a serem desenvolvidas com a turma, sempre visando ao bem-estar geral, numa relação amistosa entre alunos/colegas e professores, gerando, conseqüentemente, uma melhoria no processo de ensino e aprendizagem. Os alunos escreveram o questionário em seus cadernos e finalizamos a aula com a chamada, propositadamente feita ao final da aula, na esperança de que outros alunos chegassem durante o decorrer do primeiro horário.

No terceiro horário, a aula foi destinada à resolução da atividade proposta na aula anterior, ou seja, responder ao questionário. Após a professora anotar a frequência, solicitou a todos que mantivessem o silêncio e procedessem ao cumprimento da tarefa, a qual deveria ser-lhe entregue ao final da aula. Assim foi feito.

4.4 Análise da Fase Diagnóstica

Nesta seção, procedemos à análise dos dados obtidos por meio da apresentação do vídeo *Aprendendo português sem palavras preconceituosas* e do questionário com posterior debate e registro das unidades lexicais apresentadas no curta metragem e, também, as usadas pelos alunos.

4.4.1 Atividade 1 – Apresentação do vídeo

Após a apresentação do vídeo *Aprendendo português sem palavras preconceituosas*, realizamos um debate a respeito das palavras mencionadas na obra, a partir desse contexto. Pedimos aos alunos que dissessem quais palavras eles usavam para ofender o outro, bem como as palavras com as quais eles se sentiam ofendidos. Diante da naturalidade

com que foi tratado o assunto, os alunos sentiram-se à vontade para conversar abertamente com a professora e indicaram as unidades lexicais: *amarelo, baitola, beijo de mula, beijola, cabelo duro, gilete, gordo, macumbeiro, negrinho, orelhão, papagaio de carvoeira, pretão, quatro olhos, testa de amolar facão, tiziu, vara de arrancar mamão e veado*.

Ao analisarmos os enunciados expressos pelos alunos, percebemos as questões ideológicas que permeavam seus discursos, a naturalização das atitudes desrespeitosas exteriorizadas por meio das vozes que reverberam preconceito e/ou intolerância em relação aos aspectos etnicorraciais, fisiológicos, sexuais e religiosos. Diante disso, fez-se uma breve explanação sobre as unidades lexicais mencionadas por considerar que haveria um momento de conscientização dos alunos por meio da Proposta de Ensino a ser desenvolvida.

Apresentamos no Quadro 1, a seguir, a definição dicionarística dos enunciados, indicando a qual aspecto eles fazem referência.

Quadro 1 - Definição dicionarística das unidades lexicais analisadas

Nº	Dados linguísticos	Definição dicionarística	Fonte	Referência
1	Amarelo	[Do b. -lat. hispânico <i>amarellu</i> .]Adj. 1. Da cor do ouro, da gema do ovo, do topázio, do enxofre. 2. Diz-se dessa cor. 3. Pálido, descorado, amarelado. 4. Diz-se da pele de pigmentação mediana e coloração castanho-amarelada, característica de povos asiáticos orientais. 7. <i>Bras.</i> Pessoa que tem amarelão.	Aurélio (2010, p. 121)	Etnicorracial
2	Baitola	S. m. <i>Bras.</i> N.O. Pej. Homossexual masculino; baitolo.	Aurélio (2010, p. 267)	Orientação sexual
3	Beijo de mula	Significado de Beijo de mula: <i>Sujeito com o beijo grande</i> . Exemplo do uso da palavra Beijo de mula: <i>Ronaldinho gaúcho tem um beijo de mula</i> .	https://www.dicionarioinformal.com.br ¹⁷	Aspecto Fisiológico

¹⁷ <https://www.dicionarioinformal.com.br/significado/bei%C3%A7o%20de%20mula/>. Acesso em: 19 ago. 2021.

Quadro 2 - Definição dicionarística das unidades lexicais analisadas

Continuação...

4	Beijola	[De <i>beijo</i> + <i>-ola</i> (q. v.).] <i>S. f.</i> 1Beijo grande, grosso e proeminente; beijoca, beijorra. <i>S. 2g.</i> 2. Beijudo (2).	Aurélio (2010, p. 297)	Aspecto fisiológico
5	Cabelo duro	<i>Cabelo duro</i> : palavras relacionadas a cabelo duro: <i>cabelo, preconceito, racismo, cabelo ruim.</i>	https://www.dicionarioinformal.com.br ¹⁸	Aspecto fisiológico
6	Gilete	[Do antr. Gillete, marca registrada.] <i>S. f.</i> 1 lâmina de barbear. <i>Bras.</i> Chulo Indivíduo que se relaciona sexualmente com homens e mulheres. [Nesta acepç., por analogia com lâminas que cortam dos dois lados.]	Aurélio (2010, p. 1030-1031)	Orientação sexual
7	Gordo	(ô) [Do lat. <i>gurdu</i> , ‘grosseiro’, ‘rude’, ‘estúpido’, ‘tolo’.] <i>Adj.</i> 1. que tem gordura, untuoso, gordurento, grassento, grasso, graxo. 2 Que tem excesso de tecido adiposo desenvolvido.	Aurélio (2010, p. 1042)	Aspecto fisiológico. Gordofobia
8	Macumbeiro	<i>Adj.s.m.</i> 1 REL. praticante ou frequentador assíduo da macumba. 2 p.ext. (aquele) que realiza feitiços; feiticeiro [ETIM: macumba+ -eiro].	Houaiss (2011)	Denominação religiosa
9	Negrinho	1 Criança ou jovem negro. 2 CUL Chouriço escuro, preparado com sangue. 3 REG (SP), COLOQ Café preto. 4 REG (RS), CUL V brigadeiro, acepção 2. 5 ZOOL V chupim, acepção 1.	Michaelis (Dicionário Online)	Racismo
10	Orelhão	[De <i>orelha</i> + <i>-ão</i> .] <i>S.m.</i> 1. Puxão de orelhas, orelhada. 2. Inflamação em torno das parótidas. <i>Bras. Pop.</i> Tipo de cabine de telefone público, instalada ao ar livre, que consiste numa peça conoidal em cujo interior está o aparelho.	Aurélio (2010, p. 1517)	Aspecto fisiológico
11	Papagaio de carvoeira	Não encontrado	Não encontrado	Racismo

¹⁸ <https://www.dicionarioinformal.com.br/relacionadas/cabelo%20duro/>. Acesso em: 19 ago. 2021.

Quadro 3 - Definição dicionarística das unidades lexicais analisadas

Continuação...

12	Pretão	S.m. 1 a cor do piche ou do carvão. 2 (o) que tem essa cor 3 (indivíduo) de pele escura 4 diz-se dessa cor 5 diz-se do que tem cor escura 6B <i>infrm.</i> complicado ou perigoso, a situação ficou p.>	Houaiss (2011)	Racismo
13	Quatro olhos	“ ¹⁹ qua·tro·-o·lhos ó . <i>substantivo dedois gêneros e de dois números.</i> 1. [Informal] Indivíduo que usa óculos. = CAIXA-DE-ÓCULOS. <i>substantivo masculino de dois números.</i> 2. [Ictiologia] Espécie de peixe do Brasil cujos olhos apresentam dupla curvatura que lhe permite, colocandose à superfície da água, ver simultaneamente o que se passa dentro e fora desta. = TARIOTA, TRALHOTO. "quatro-olhos".”	Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2021. (Dicionário Online)	Aspecto fisiológico
14	Testa de amolar facão	Não encontrado	Não encontrado	Aspecto fisiológico
15	Tiziu	S.m. ZOOL Ave passeriforme (Volatiniajacarina), da família dos emberizídeos, amplamente distribuída pelas Américas do Sul e Central, sobretudo pelo Brasil. O macho tem o dorso negro, levemente azulado e brilhante, enquanto na fêmea o dorso é pardo tirante a amarelo, com listras escuras no peito e nos flancos. Sua alimentação consiste em capim, e quando emite seu canto, tem o hábito de dar um salto vertical e retornar ao seu lugar de repouso; alfaiate, bate-estaca, Chico-preto, jacarina, papa-arroz, pinéu, saltador, salta-toco, serrador, serra-serra, tiã-tiã-preto, veludinho. VAR: tiziu	Michaelis (Dicionário Online)	Racismo
16	Vara de arrancar mamão	Não encontrado	Não encontrado	Aspecto fisiológico

¹⁹ Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2021. Disponível em: < <https://dicionario.priberam.org/quatro-olho> >. Acesso em: 20 ago. 2021.

Quadro 4 - Definição dicionarística das unidades lexicais analisadas

Conclusão.

17	Veado	S.m. 1 denominação comum a vários mamíferos cervídeos de coloração acastanhada, pernas longas e caudas curtas.2. <i>fig. gros.</i> homossexual do sexo masculino.	Houaiss (2011)	Orientação sexual
----	-------	---	----------------	-------------------

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2021).

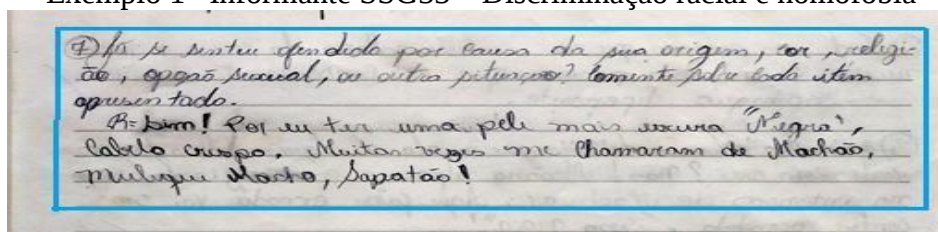
Considerando que aos treze anos, idade média dos alunos participantes dessa pesquisa, o sujeito já tem consciência de seus atos, concluímos que eles sabem que o contexto é de ofensa, todavia, as vozes que eles reverberam estão naturalizadas na sociedade e, isso, eles pareciam desconhecer. É possível que as vozes que afloraram de seus discursos fossem as de membros da família, ou das amizades.

4.4.2 Atividade 2 - Questionário

A Atividade 2 está organizada em duas partes. Na primeira, aplicamos um questionário cujo objetivo principal identificar se os alunos já haviam tido algum tipo de experiência com preconceito e como eles haviam lidado com a situação. Como conclusão das respostas obtidas com o questionário, temos que: a) não é correto afirmar que alguém fala errado e que, sim, as pessoas falam diferentemente umas das outras; b) cada um conversa como se sente à vontade para fazê-lo; c) o jeito de falar interfere de forma negativa na relação com os colegas, porque sofrem humilhação e ouvem insultos dos colegas, mas com os professores isso não acontece; d) eles sentem-se à vontade para falar na escola; e) todos conhecem alguém que, de alguma forma, fala diferente, e f) 45% dos alunos que responderam ao questionário afirmaram que passaram por diferentes tipos de preconceito. Os outros 55% afirmaram que nunca sofreram com esse problema. Vale destacar que os homens mencionaram ofensas sobretudo em relação à cor da pele, enquanto as mulheres citaram que se sentiram ofendidas principalmente, quanto à origem, cor da pele e orientação sexual.

A seguir, apresentamos como exemplos as respostas de duas alunas à questão sete do questionário aplicado, seguidas das respectivas versões digitadas, que evidenciam a ocorrência das práticas discriminatórias nos aspectos discriminação racial, homofobia, gordofobia e intolerância religiosa.

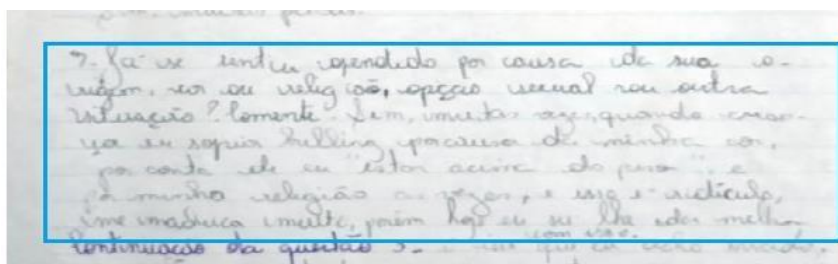
Exemplo 1 – Informante SSG33 – Discriminação racial e homofobia



Versão digitada

7. Já se sentiu ofendido por causa da sua origem, cor, religião, opção sexual ou outra situação? Comente sobre cada item apresentado.
 R: Sim! Por eu ter uma pele mais escura "Negra", cabelo crespo. Muitas vezes me chamaram de Machão, muleque, Macho, Sapatão!

Exemplo 2 - Informante JSC13 – Discriminação racial, gordofobia e intolerância religiosa



Versão digitada

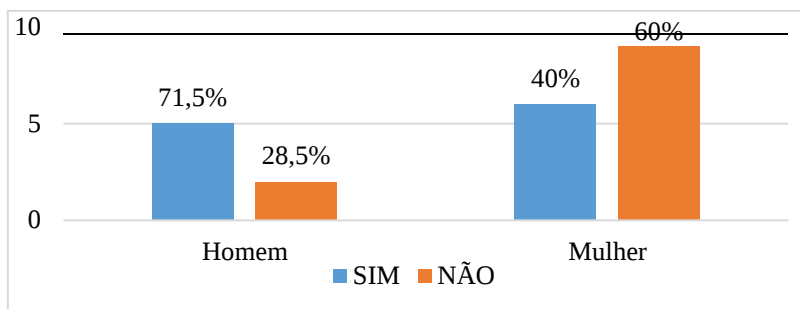
7. Já se sentiu ofendido por causa da sua origem, cor, religião, opção sexual ou outra situação? Comente sobre cada item apresentado.
 Sim, muitas vezes, quando criança eu sofria bullying por causa da minha cor, por conta de eu "estar acima do peso", e por minha religião as vezes, e isso é ridículo, me machuca muito, porém hoje eu sei lidar melhor com isso.

Esses e outros exemplos, com a totalidade das respostas, se encontram no Apêndice C, no final desta dissertação. Segue-se a identificação do informante, devidamente codificada para preservar sua identidade e, por fim, o aspecto que reverbera a discriminação. Tivemos, também, o cuidado de sombrear o nome do aluno com uma tarja azul para resguardar a fonte. Esse processo é adotado em todas as análises feitas neste trabalho.

Continuamos com a Análise da Atividade 2 – Questionário, segunda parte. Observando cada questão, procedemos à tabulação dos dados.

A pergunta 1 “É correto afirmar que alguém fala errado?” obteve como resposta os dados apresentados no Gráfico 1, a seguir.

Gráfico 1 - Sobre afirmar que alguém fala errado

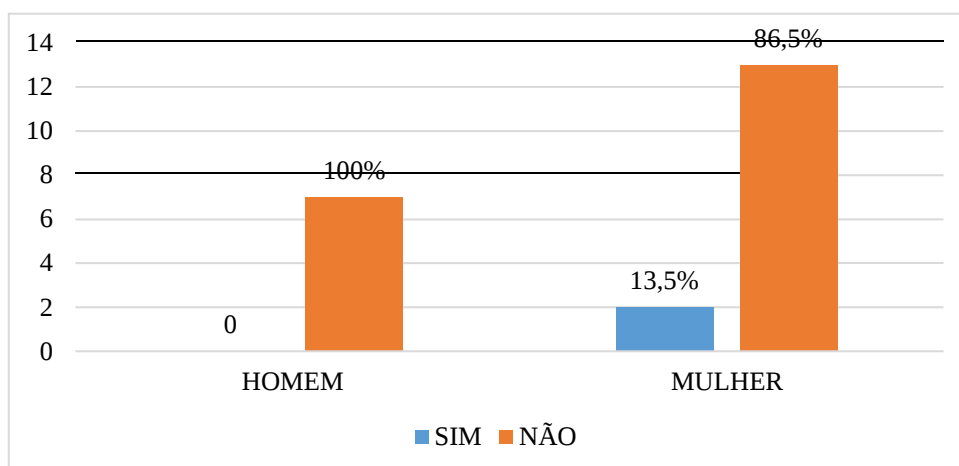


Fonte: Elaborado pela pesquisadora, (2019).

No que se refere ao total de respostas positivas e negativas, percebemos que houve um empate, pois do total de 22 alunos que responderam ao questionário, 11 (50%) responderam de forma afirmativa e 11 (50%) de forma negativa. No entanto, quando observadas as respostas em relação a homens e mulheres, verificamos que entre os homens, a maioria (71,5%) disse que é correto afirmar que alguém fala errado e apenas dois alunos (28,5%) disseram que não é correto. Entre as mulheres, 6 alunas (40%) disseram que sim e 9 alunas (60%) não consideraram correta essa afirmação. Segundo os alunos, não é correto afirmar que alguém fala errado porque, na verdade, “todos nós erramos na hora de falar” (MGLN24), “nem todo mundo sabe o português” (CAS7), “nem todo mundo é estudado” (LMS22), entre outras respostas. Aqueles que defendiam a resposta positiva ao questionamento, disseram que “eles não percebem o erro e devem, sim, ser corrigidos” (SLS30), “sim, porque a gente não vai ficar ouvindo toda hora aquela pessoa falando as palavras erradas” (RMP27).

Para a questão 2 “Todas as pessoas que você conhece falam da mesma maneira?”, podemos observar no Gráfico 2, a seguir,

Gráfico 2 - Sobre como as pessoas falam

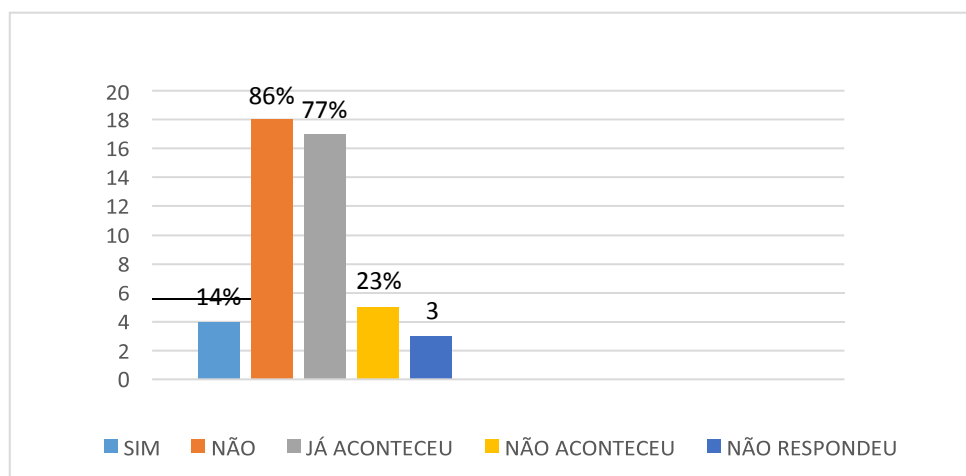


Fonte: Elaborado pela pesquisadora, (2019).

Aqui os alunos foram quase unânimes ao afirmar que as pessoas falam de formas diferentes. Sete (7) homens (100%) e 13 mulheres (86,5%) responderam que as pessoas que eles conhecem não falam da mesma maneira e duas alunas (13,5%) responderam que, sim, as pessoas falam de igual modo. Os principais argumentos foram que “as pessoas são diferentes” (LMS22), “moram em lugares diversos” (ALSF2) e, portanto, “têm sotaques diferentes” (RPRO29). Além disso, disseram ainda que “algumas pessoas usam, também, gírias” (GFJ11).

Ao ser perguntado “Você considera certo corrigir a fala de alguém? Isso já aconteceu com você?”, observe o Gráfico 3, a seguir,

Gráfico 3 - O ato de corrigir a fala do outro ou ser corrigido

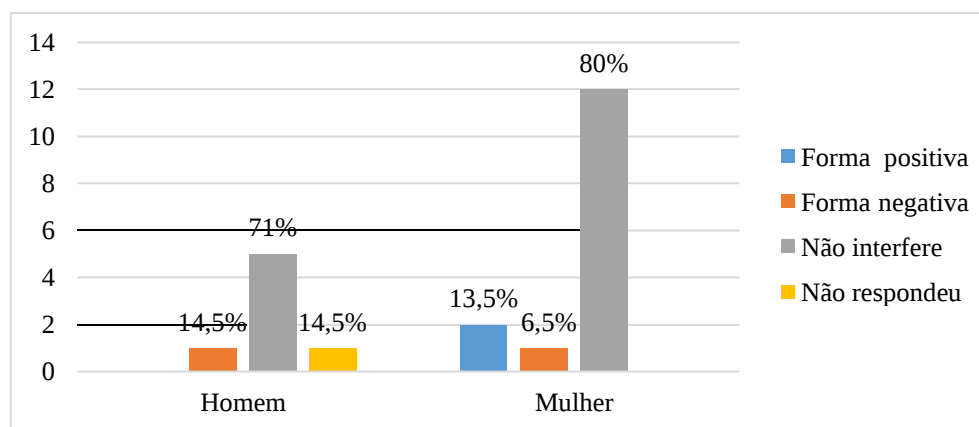


Fonte: Elaborado pela pesquisadora, (2019).

Para quatro (18%) dos vinte e dois alunos que responderam ao questionário, devemos, sim, corrigir a fala do outro, a fim de que ele possa aprender e, assim, “evitar o preconceito” (RMP27), “pode ser uma forma de ajudá-lo” (GFJ11). Para a maioria restante (82%), a resposta foi “não”, pois “cada um conversa como se sente à vontade” (LCO20), “é falta de educação corrigir a fala do outro” (LRFC21) e a “pessoa vai sentir-se ofendida” (SSG33). Em relação à segunda pergunta da questão, a maioria declarou que já foi corrigida por alguém, e, do total de 22 alunos, apenas cinco (23%) disseram que nunca sofreram correção em suas falas. Entre os homens, 6 alunos (86%) disseram que sim e um que não; já entre as mulheres, 8 alunas (53%) responderam que sim e 4 (27%) que não. Observe-se, ainda, que três pessoas não responderam à pergunta.

À questão 4, “De que forma o seu modo de falar interfere na relação com os colegas e professora?”, os alunos responderam conforme o Gráfico 4, a seguir.

Gráfico 4 - A interferência do modo de falar na relação com os colegas e professora

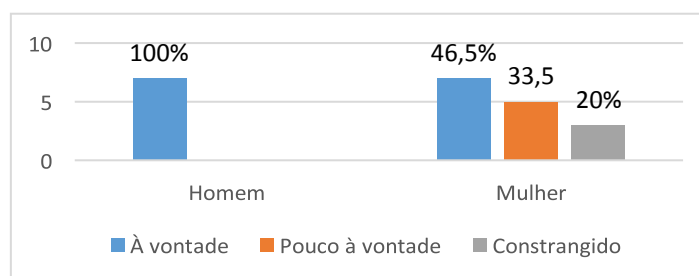


Fonte: Elaborado pela pesquisadora, (2019).

De modo geral, a maioria (77%) afirma que o jeito de falar entre professores e colegas é compatível e não interfere na relação entre docente e discente. Do total de 22 alunos, um aluno (4,5%) não respondeu à questão e duas alunas (9%) disseram que a interferência é positiva. Sobre a interferência ser negativa, entre os homens, um aluno (14,5%) achava que sim e entre as mulheres, uma aluna (13,5%) declarou que não. Para a maioria dos homens (71%) e das mulheres (80%), o modo de falar não interfere na relação com os colegas e professora. Dois alunos ainda disseram que a interferência negativa se refere aos “insultos e à humilhação” (GFJ11).

A questão 5, “Ao conversar na escola, sente-se”, pedia que o aluno marcasse uma das alternativas apresentadas, conforme apontadas no Gráfico 5, a seguir.

Gráfico 5 - Como o aluno se sente ao conversar na escola

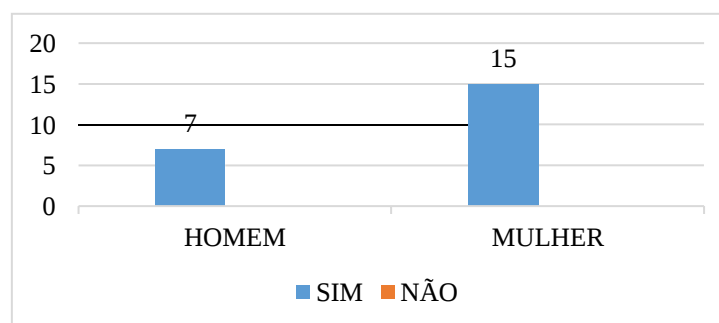


Fonte: Elaborado pela pesquisadora, (2019).

Do total de respostas, os homens, em sua totalidade, escreveram que se sentiam à vontade ao conversarem na escola. No entanto, entre as 15 mulheres que responderam à questão, 7 alunas (46,5%) afirmaram que se sentiam à vontade, mas 5 (33,5) disseram sentir-se pouco à vontade e 3 alunas (20%) responderam que se sentiam constrangidas. Justificaram afirmando que se sentiam à vontade ao conversar, na escola, porque “todos são conhecidos, são colegas, são sorridentes, inclusive a professora” (RMP27, WGS41). Os que se sentiam pouco à vontade ou constrangidos era porque “alguns colegas não os entendem” (RPR29), ou porque “falam rápido, falam idiotice” (SHAN32) ou “não têm intimidade com os demais” (LCO20).

De acordo com o Gráfico 6, a seguir, os alunos são unânimes ao responderem à questão “Conhece alguém que fala diferente de você?”.

Gráfico 6 - Identificando a diferença na fala das pessoas

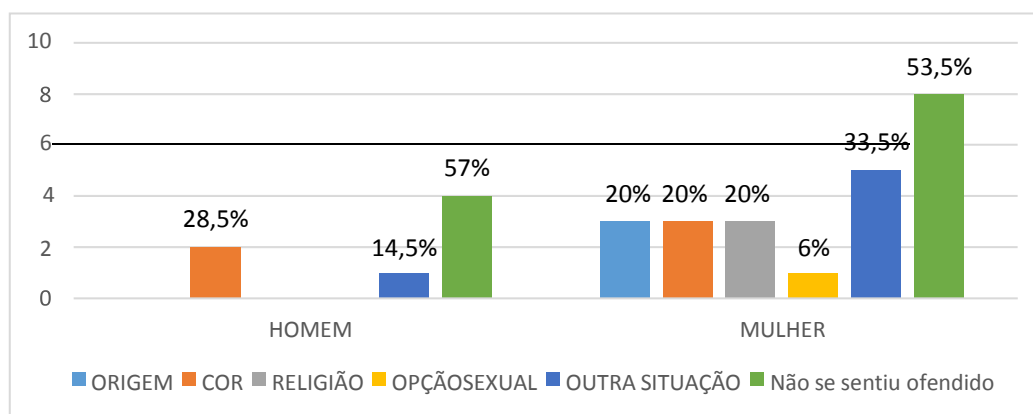


Fonte: Elaborado pela pesquisadora, (2019).

Todos afirmaram conhecer alguém que fala diferente deles, e o principal motivo para essa diversidade é o fato de as pessoas morarem em lugares diferentes. Mencionaram, ainda, que “tem algumas pessoas que trocam o ‘s’ por ‘x’ e o ‘r’ por ‘l’ e assim fica difícil de entender” (SSG33). Houve, também, um aluno que respondeu “eu tenho um amigo que é mudo e conversa muito embolado, mas respeito ele como todos” (WGS41).

A questão 7 aborda a percepção da ofensa em diversos aspectos. Observem no Gráfico 7, a seguir, os dados referentes à pergunta “Já se sentiu ofendido por causa de sua origem, cor, religião, orientação sexual ou outra situação?”.

Gráfico 7 - Percepção da ofensa por causa da origem, cor, religião, orientação sexual ou outra situação



Fonte: Elaborado pela pesquisadora, (2019).

De forma geral, uma parcela considerável (54%) declara não se sentir ofendida, sendo quatro homens (18%) e oito mulheres (36,5%). Analisando, em separado, 4 alunos (57%) e 8 alunas (53,5%) relataram que não, nunca se sentiram ofendidos em relação aos tópicos abordados. Em relação à origem, os homens não mencionaram tal percepção, mas 3 alunas (20%) identificaram esse aspecto.

Em relação à cor, 2 homens (28,5%) e 3 mulheres (20%) apontaram que sim, já se sentiram ofendidos no tocante à cor da pele. Sobre religião, os homens nada disseram e as 3 mulheres (20%) pontuaram que já se sentiram ofendidas, devido à intolerância religiosa. Quanto à percepção da ofensa devida à orientação sexual, os homens não a apontaram e somente uma mulher disse já ter sofrido esse tipo de ofensa. Dos 22 alunos que responderam ao questionário, 6 pessoas (28%), sendo um homem e cinco mulheres, escreveram que já se sentiram ofendidos por outras situações diferentes das apresentadas.

No tocante às respostas da última questão do questionário analisado, no que concerne a não se sentir ofendido, há quem diga que é porque não se importa com o que os outros dizem, “nunca me ofendi com isso, na verdade, entra em um ouvido e sai no outro” (NVSM26). Porém, há quem relate já ter passado por diversas situações constrangedoras, sofrendo com diferentes tipos de preconceito, “sim, já fui ofendida por causa da minha pele, por ser alta, por ter espinhas, também já fui zoada por ser da classe baixa” (GFG11).

Resumindo, “claro que sempre vai ter alguém querendo te magoar, mas *né*, tanto faz; não *tô* nem um pouco me ‘lixando’. Eu acho que cada um tem o direito de ser o que quiser e tem coisas que não podem mudar, que a gente não escolhe para nós e todos deveriam respeitar as nossas diferenças” (NVSM26).

Diante do exposto, e considerando as palavras elencadas pelos partícipes da pesquisa, durante a Fase Diagnóstica, fica evidente que precisamos desenvolver uma proposta de ensino com esses alunos, para promovermos a educação linguística, de forma que possamos desconstruir os significados desrespeitosos que favorecem a disseminação de crenças e atitudes que reverberam o preconceito e/ou a discriminação.

Descrevemos, no próximo capítulo, a nossa Proposta de Ensino.

5 PROPOSTA DE ENSINO

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional em seu Art. 12, preceitua que “Os estabelecimentos de ensino, respeitadas as normas comuns e as do seu sistema de ensino, terão a incumbência de [...] X – estabelecer ações destinadas a promover a cultura de paz nas escolas (BRASIL, 1996), o que nos impulsiona a zelar pela não disseminação da violência em quaisquer circunstâncias.

No tocante ao ambiente escolar a atenção deve estar centrada no respeito linguístico a fim de se evitar a propagação do preconceito linguístico, que segundo Leite (2020) é a porta de entrada para os outros tipos de preconceito. De acordo com a autora, “a linguagem é social, plena de valores, é axiológica e, por meio dela, consciente ou inconscientemente, o falante mostra a sua ideologia” (LEITE, 2020, p. 14). Nesse sentido destacamos que, segundo Scherre (2019, no prelo) “o respeito linguístico é, portanto, um ponto claro e preciso do Bem Viver”.

Diante disso, inferimos que a principal forma de se evitar a violência na escola é propagar a cultura do respeito, visto que a falta de respeito em qualquer que seja o ambiente ou relação gera transtornos, desarmonia e mal estar entre as pessoas.

A presente proposta de ensino fundamenta-se na perspectiva dialógica interacionista bakhtiniana, considerando a interação entre um *eu* e o *outro*, cuja relação ancora-se no enunciado. Bakhtin (2018) pontua que somos moldados a partir do outro desde que nascemos, por meio dos hipocorísticos usados pela mãe e pelas demais pessoas íntimas a nós. Assim, continuamos por toda a vida, sob o olhar do outro, considerando que “os diversos atos de atenção, amor e reconhecimento do meu valor a mim dispensados por outras pessoas e disseminados em minha vida como que esculpíram para mim o valor plástico do meu corpo exterior” (BAKHTIN, 2018, p. 46).

Analisando essas assertivas dentro de um recorte temporal na vida de uma pessoa – a adolescência –, podemos perceber quão importante e necessário é propagar a educação linguística aliada ao conceito de respeitabilidade, buscando consolidar a empatia entre os pares. Durante todo o tempo, nos preocupamos com a avaliação que o outro faz de nós, no entanto, nesse período, essa avaliação se torna mais severa, pois é o momento da insegurança, das mudanças, das definições estético-corporais. Ressalte-se que as pessoas não são obrigadas a gostarem de tudo e de todos, porém, devem aprender a respeitar a todos, ou seja, aceitá-los com os traços que os diferem um do outro e compreender que é exatamente nessa diversidade que consiste a beleza da humanidade.

Seguindo Bakhtin (2018, p. 30), “tentamos vivificar e enformar a nós mesmos a partir do outro”. Nesse sentido, justificamos nossa preocupação com o uso da linguagem de nossos alunos, no que concerne ao emprego de unidades lexicais linguístico-discursivas desrespeitosas, no contexto escolar, e as consequências negativas desses usos na vida das pessoas. Diante disso, o professor deve direcionar adequadamente os discentes, quanto aos modos de lidar com a face homogênea dos fenômenos linguísticos em uso, bem como conduzir satisfatoriamente a heterogeneidade presente em sala de aula.

Pautada pelo estudo das unidades lexicais e pela pesquisa sobre as vozes sociais que atravessam o discurso, especialmente as unidades lexicais discursivas usadas pelos alunos do oitavo ano de uma escola pública estadual, em Montalvânia, e que geram atitudes desrespeitosas, esta proposta de ensino tem como objetivo mais amplo prover conhecimentos para a desconstrução de significados desrespeitosos e naturalizados no discurso dos alunos com vistas à construção de uma relação de respeito mútuo, por meio de um minicurso e uma oficina.

Especificamente, pretendemos, com o minicurso, apresentar e discutir com os alunos as leis que tipificam cada caso de discriminação e desrespeito como crimes, bem como sua aplicabilidade; orientando-os quanto aos seus direitos e deveres e instruindo-os a exigir e dar-se ao respeito de forma a exercerem a cidadania plena em condições de igualdade, respeitando suas diferenças.

Com a realização da oficina, almejamos analisar a prática discursiva adotada entre eles, desconstruir o significado naturalizado e disseminado por meio do discurso depreciativo proferido por eles e oferecer conhecimentos quanto ao uso adequado de vocabulário específico extraído de dicionários e/ou outras fontes confiáveis.

Acreditamos que esta proposta de ensino em muito contribuirá para a formação dos nossos alunos. Por meio da educação linguística, das orientações, do conhecimento adquirido por meio do estudo das leis pertinentes ao assunto, bem como dos debates sobre os temas abordados, os quais tipificam as vozes que reverberam as mais distintas formas de preconceito, discriminação e/ou intolerância.

Nesse contexto, a proposta busca orientar os alunos quanto à necessidade de se respeitar o outro para que, também, sejam respeitados, além do fato de que a ideologia que disseminamos gera a concepção de determinadas crenças e estas, por sua vez, geram atitudes. Devemos, pois, cuidar para que nossas atitudes sejam positivas, de forma a evitar o preconceito e a intolerância.

5.1 Descrição da proposta de ensino

Esta proposta inclui um minicurso e uma oficina, ambos descritos conforme a sequência em que devem ser desenvolvidos:

1. **Minicurso** Conhecer as leis para exercer os direitos de cidadão – *Conhecer as leis é direito de todo cidadão*;
2. **Oficina** Ver para crer – *O uso de unidades lexicais desrespeitosas*.

Para a execução das atividades propostas, tanto na oficina quanto no minicurso, a professora deverá, com a devida antecedência, preparar o local, os recursos humanos e materiais necessários, o lanche a ser servido e a música ambiente para o momento de resolução das tarefas. Deverá, ainda, contar com o imprescindível apoio do Setor Pedagógico, durante todo o período de execução desta proposta de ensino.

Descrevemos, a seguir, as atividades, iniciando pelo minicurso.

5.1.1 Minicurso - *Conhecer as leis para exercer os direitos de cidadão*

A sociedade é organizada por meio de leis que resguardam os direitos das pessoas, mantêm a ordem e garantem a segurança de todos. É importante que os cidadãos tenham conhecimento de seus direitos tanto quanto das leis que os amparam. Diante disso, elaboramos um minicurso para possibilitar aos alunos o acesso ao conhecimento teórico das leis que protegem seus direitos.

Preceitua o Art. 5º da Constituição (BRASIL, 1988) que todos nós somos iguais perante a lei, e isso implica que temos os mesmos direitos. No entanto, o bom senso nos faz concordar com o dito popular “seu direito acaba onde começa o do outro”. Podemos ouvir uma música tão alto quanto o limite do nosso aparelho de som permite, todavia, vale lembrar que o outro, o nosso vizinho, tem direito ao silêncio. Esse é apenas um exemplo da liberdade que temos. Isso posto, devemos zelar pela boa convivência, de forma que prevaleçam a ética e o respeito. É importante que todos saibam que conhecer as leis é direito de todo cidadão.

Atividade – Conhecer as leis é direito de todo cidadão

Escola Estadual de Montalvânia

Disciplina: Língua Portuguesa

Turma: 8ºA1

Mestranda: Professora Raimunda Pereira da Silva Baliza

Ano: 2019

Além da Lei Maior, a Constituição Brasileira de 1988, existem outras leis que asseguram nossos direitos e regulamentam as relações sociais de forma a presumir que todos sejam tratados com respeito, independentemente de sua cor, etnia, orientação sexual ou denominação religiosa, e buscam combater as diferentes atitudes preconceituosas, discriminatórias e/ou intolerantes, e a violação de direitos.

É hora de conhecer essas leis:

- a) Constituição da República Federativa do Brasil, 1988;
- b) Lei nº 9.394/96 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação;
- c) Lei nº 3.353, 13/05/1888 – Lei Áurea;
- d) Art. 140 do Código Penal – Injúria Racial;
- e) Lei nº 7716, de 05/01/1989 – Lei do Crime Racial;
- f) Lei nº 9.459/97 – Define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor;
- g) Lei nº 12.288, de 20/07/2010 – Estatuto da Igualdade Racial;
- h) Lei nº 12.711 e Lei nº 13.409 – Lei de Cotas;
- i) Declaração Universal dos Direitos Humanos – Adotada e proclamada pela Assembleia Geral das Nações Unidas (resolução 217 A III) em 10 de dezembro 1948;
- j) Estatuto da Criança e do Adolescente – Lei Nº 8.069, de 13 de julho de 1990;
- k) Código Penal – Artigo 138 – Calúnia; Artigo 139 – Difamação; Artigo 140 – Injúria;
- l) Projeto de Lei nº 4742, de 2001 (já aprovado pela Câmara dos Deputados) – classifica como crime a prática de assédio moral.
- m) Estatuto do Idoso – Lei Nº 10.741, de 1º de outubro de 2003.

O estudo das leis supracitadas dar-se-á por meio de palestras ministradas por advogados e pessoas de notório saber sobre o assunto, tais como Inspetor Escolar e Assistente Social. Deve-se reservar um momento para que os alunos possam acessar as leis impressas, realizar leituras, explorar dicionários, registrar pontos que julgarem importantes, bem como tirar dúvidas com a professora e os palestrantes.

Em seguida, os alunos deverão produzir relatórios sobre a palestra. Ato contínuo, aula expositiva dialogada, para *feedback*, com a leitura dos relatórios e as considerações pertinentes ao minicurso.

Durante a análise da Atividade 2 da Fase Diagnóstica, subseção 4.4.2 percebemos alguns problemas em relação à produção escrita dos nossos alunos, quanto à ortografia, sintaxe, pontuação, uso indevido de inicial minúscula, entre outros. Apesar de não ser esse o foco do nosso trabalho, não podemos deixar esses equívocos passarem despercebidos. Acreditamos que podemos unir correção textual à atividade usada para alcançar nossa meta de educação linguística, e esta, por si só, não admitiria que se negligenciasse a norma-padrão, porquanto ela facilita o acesso aos vários níveis e bens. Sendo assim, os alunos serão avisados sobre a correção gramatical dos textos que produzirão.

Com os alunos informados sobre as atitudes negativas que resultam em tratamentos desrespeitosos e suas respectivas consequências perante o próximo e a justiça, torna-se necessário oportunizar-lhes um momento de reflexão, por meio da Oficina com vistas a promover sua educação linguística, com uma abordagem que ajude a desconstruir os significados das vozes que reverberam o preconceito, no recinto escolar.

A educação linguística que sugerimos nesta proposta de ensino refere-se, primeiramente e em especial, ao ato de fala entre os pares, à escolha das unidades lexicais, à desnaturalização de vozes sociais que discriminam, humilham e constroem o outro e, em segundo lugar, à valorização do respeito. Essas orientações devem ser repassadas durante a introdução da Oficina, e discutida a realização da atividade. Respaldamo-nos no Currículo Referência de Minas Gerais (MINAS GERAIS, 2018, p. 11), o qual apregoa:

Espera-se, portanto, que ao final da trajetória escolar todos os estudantes [...]. Exercitem a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, suas identidades, suas culturas e suas potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.

Buscamos orientar os alunos sobre a importância da aplicação dos princípios éticos e morais em nossas vidas. O trabalho de conscientização requer mudanças de posturas; é preciso, portanto, que o aluno faça parte do processo de construção dessa mudança e seja um disseminador dessa transformação em sua comunidade.

A seguir, descrevemos a Oficina – Ver para crer.

5.1.2 Oficina – VER PARA CRER

Viver bem, em condições de igualdade de direitos, é o que todos querem. No entanto, esse querer nem sempre é possível, em virtude de determinadas atitudes preconceituosas e/ou discriminatórias. Sobre a preservação do direito, Bakhtin (2018, p. 45) elucida que “uma coisa é defender de fato a própria vida contra um ataque real – até os animais fazem assim – e outra coisa inteiramente distinta é vivenciar seu próprio direito à vida e à segurança e a obrigação de que os outros respeitem esse direito”, isso, porque, para nosso direito ser respeitado, dependemos do agir do outro. Por isso, haja com respeito, e terá o direito de exigir que seja respeitado.

OFICINA VER PARA CRER

Atividade – O uso de unidades lexicais desrespeitosas

As unidades lexicais, a seguir, foram apresentadas pelos alunos participantes desta pesquisa, durante a fase diagnóstica desta investigação. São elas: *amarelo, baitola, beijo de mula, beijola, cabelo duro, gilete, gordo, macumbeiro, negrinho, orelhão, papagaio de carvoeira, pretão, quatro olhos, testa de amolar facão, tiziu, vara de arrancar mamão e veado*.

A professora fará exposição de cada enunciado, exibindo-o por meio do *datashow*. Com o enunciado exposto, a docente tecerá comentários e convidará a turma para o debate com base nas perguntas, conforme a peculiaridade da palavra:

- a) O que este enunciado significa para você?
- b) Você conhece o real significado desta palavra?
- b) Com que frequência você a usa?
- c) Onde você costuma usá-la?
- c) Quando você a usa, qual é a sua intenção?

- d) Você já pensou que pode estar ofendendo a pessoa a quem a palavra é dirigida?
- e) Se alguém usasse esta palavra dirigindo-se a você, como se sentiria?
- f) Deve-se continuar com o uso desse enunciado?

Dependendo da participação da turma, podem-se explorar esses questionamentos com todos os enunciados, para depois apresentar as imagens e a definição, de acordo com o dicionário. Outra forma de dar prosseguimento com o debate é apresentar a unidade lexical acompanhada da definição dicionarística e depois continuar com o debate exibindo a imagem relativa a cada unidade lexical. Na sequência, as unidades lexicais ordenadas alfabeticamente.

Unidades lexicais

1. AMARELO

Observem a definição segundo o dicionário: “Adj. 1. Da cor do ouro, da gema do ovo. 2. Diz-se dessa cor. 3. Pálido, descorado. 4. Diz-se da pele de pigmentação mediana e coloração castanho-amarelada, característica dos mongóis e outros povos asiáticos orientais. 5. Relativo a esses povos ou à raça a que pertencem. S.m. 6. A cor amarela. 7. Indivíduo da raça amarela” (Aurélio (2010, p. 121). Leiam as informações que acompanham a Figura 11, a seguir.

Figura 11 - Etnia do Leste Asiático



Fonte da imagem²⁰: Pete P. Fonte do texto²¹: Yago Ferreira.

2. BAITOLA

Conforme Houaiss (2009, p. 244):

“Adj.2g.s.m homossexual passivo – uso no Nordeste do Brasil, pronuncia-se fechado \ô\ o o tônico; já no Sudeste, o timbre é aberto \ó\ - ETIM uma tradição nordestina,

²⁰ Disponível em: < <https://www.flickrriver.com/photos/peteza/1064084278/>>. Acesso em: 6 nov. 2020.

²¹ Disponível em: < <http://www.uff.br/?q=noticias/22-01-2020/multiplas-faces-do-racismo-projetos-da-uff-levam-historia-e-cultura-da-asia-para>>. Acesso em: 6 fev. 2021.

prov. Etimologia popular, atribui a orig. desta pal. A um engenheiro inglês, homossexual, que, na construção de uma via férrea local, referia-se à bitola pronunciando-a dessa maneira. SIN/VAR baitolo”.

3. BEIÇO DE MULA

Sem definição dicionarística. Expressão usada, indevidamente, para designar as pessoas que possuem beijos grandes, lábios grossos ou, ainda, carnudos, como ilustra a Figura 12, a seguir. Do dicionário informal²², “Significado de Beijo de mula: *Sujeito com o beijo grande*. Exemplo do uso da palavra Beijo de mula: Ronaldinho gaúcho tem um beijo de mula”.

Figura 122 - Jovem com lábios grossos



Fonte²³: @adanielasantos

4. BEIÇOLA

Houaiss (2011, p. 118) define o enunciado beíçola como “sf. 1 lábio grosso e grande. s.2g. 2. beíçudo GRAM/USO *aum.irreg.* de beijo”.

5. CABELO DURO (FIGURA 13)

Sem definição dicionarística. Informalmente, “*Cabelo duro*: palavras relacionadas a Cabelo duro: *cabelo preconceito racismo cabelo ruim*.”²⁴

²² Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br>²². Acesso em: 19 ago. 2021.

²³ Disponível em: <<https://twitter.com/santtosfdaniela/status/1283973176628846594>>. Acesso em: 11 abr. 2021.

²⁴ Disponível em: <<https://www.dicionarioinformal.com.br>>²⁴. Acesso em: 19 ago. 2021.

Figura 133 - Carolina Monteiro²⁵ reage ao bullying



Fonte²⁶: Gabriel Toueg.

6. GILETE

De acordo com o Aurélio (2010), a palavra gilete é de origem “[Do antr. Gillete, marca registrada.] S. f. 1 lâmina de barbear. Bras. Chulo Indivíduo que se relaciona sexualmente com homens e mulheres. [Nesta acepç., por analogia com lâminas que cortam dos dois lados.]” (p. 1030-1031).

7. GORDO

Conforme Aurélio (2010, p. 1042), “(ô) [Do lat. *gurdu*, ‘grosseiro’, ‘rude’, ‘estúpido’, ‘tolo’.] Adj. 1. que tem gordura, untuoso, gordurento, grassento, grasso, graxo. 2. Que tem excesso de tecido adiposo desenvolvido.”. Para Houaiss (2011, p. 479), “Adj. 1. Quem tem gordura; obeso. 2. Que contém gordura na composição, gorduroso oleoso. 3. Grande; volumoso. 4. Que tem excesso de peso”. Da mesma forma, para o Ministério da Saúde (2006), o conceito de obesidade está diretamente ligado ao excesso de peso e “Quase 20% dos adultos brasileiros estão obesos e metade da população está acima do peso”. (BRASIL, 2021). Ver Figura 14 a seguir.

²⁵ Carolina Monteiro – menina de oito anos que sofreu *bullying* por causa da textura do seu cabelo. Disponível em: @carolinamonteirooficial. Acesso em: 7 nov. 2020.

²⁶ Disponível em: <<https://gabrieltoueg.com/2015/07/28/sem-mais-menina-de-8-anos-da-recado-a-racistas-e-ignorantes-meu-cabelo-nao-e-duro-video/>>. Acesso em: 7 nov. 2020.

Figura 14 - Pessoa obesa



Fonte: Blog Estadão.com.²⁷

8. MACUMBEIRO

Segundo Houaiss (2011, p. 601), no aspecto religioso, é um “praticante ou frequentador de macumba” e, por extensão, “aquele que realiza feitiços, feitiçeiro”.

Não se sabe ainda o número de práticas religiosas no universo. Há indivíduos que não têm alguma escolha religiosa. São considerados ateus, não religiosos. Citamos algumas vertentes de práticas religiosas no Brasil, catolicismo, protestantismo, hinduísmo, adventismo, batista, evangelicalismo, luteranos, metodismo, presbiterianismo, pentecostais, espíritas, neopaganismo, islamismo, Santo Daime, religiões ameríndias, religiões afro-brasileiras, e não religiosos etc.

Figura 15 - Denominação religiosa - Umbandista



Fonte²⁸: Marcos Aurélio.

²⁷ Disponível em: <<https://emails.estadao.com.br/noticias/comportamento,o-que-e-gordofobia-saiba-quais-sao-os-efeitos-para-quem-sofre-discriminacao,70003391269>>. Acesso em: 6 fev. 2021.

²⁸ Disponível em: <http://www.famososquepartiram.com/2019_04_27_archive.html>. Acesso em: 11 out. 2020.

9. NEGRINHO

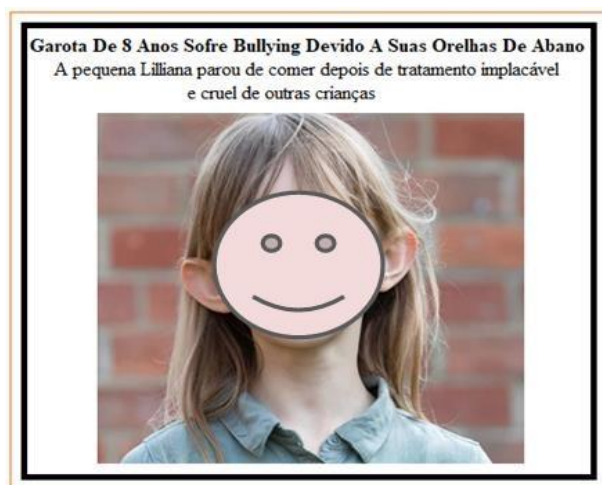
Segundo o Michaelis *online*, “1 Criança ou jovem negro. 2 CUL Chouriço escuro, preparado com sangue. 3 REG (SP), COLOQ Café preto. 4 REG (RS), CUL V brigadeiro, acepção 2. 5 ZOOL V chupim, acepção 1”.

10. ORELHÃO

Aurélio (2010), p. 1517) define “[De *orelha* + *-ão*.] S.m. 1. Puxão de orelhas, orelhada. 2. Inflamação em torno das parótidas. *Bras. Pop.* Tipo de cabine de telefone público, instalada ao ar livre, que consiste numa peça concoidal em cujo interior está o aparelho”. Do dicionário de Houaiss (2011, p. 685) a palavra significa, “s.m. *infrm.* Cabine de telefone público em forma de concha”. No sentido pejorativo, a expressão é usada para ofender quem tem orelhas de abano (FIGURA 16). Segundo o médico Guilherme Webster²⁶,

As orelhas de abano são um dos principais alvos de *bullying*. Se antes as pessoas buscavam realizar a otoplastia por uma questão de vaidade, atualmente, o motivo principal é o *bullying*. Muitas crianças desenvolvem problemas psicológicos e/ou sociais devido às “brincadeiras” relacionadas às suas **orelhas de abano**. Inclusive, de acordo com a **Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica**, existem estudos que demonstram que o *bullying* pode, ainda, levar a um *déficit de desempenho escolar* ²⁹.

Figura 15 - Garota com orelhas de abano



Fonte³⁰: Marianna Halle.

²⁹Dr. Guilherme Webster, CRM 15905 / RQE 11880, Otorrinolaringologista. Disponível em: <<https://cdo.com.br/orelhas-de-abano/>>. Acesso em: 6 fev. 2021.

³⁰Disponível em: <<https://eloscomvoce.com.br/noticias/garota-de-8-anos-sofre-bullying-devido-a-suas-orelhas/>>. Acesso em: 10 maio 2021.

11. PAPAGAIO DE CARVOEIRA

Expressão usada para depreciar pessoas de pele escura. Trata-se de um comportamento linguístico preconceituoso racista.

12. PRETÃO

De acordo com Houaiss (2011, p. 756), “s.m. 1. a cor do piche ou do carvão. 2. (o) que tem essa cor 3. (indivíduo) de pele escura 4. diz-se dessa cor 5 diz-se do que tem cor escura 6 *infrm.* complicado ou perigoso, a situação ficou p.>”. Figura 17 a seguir.

Figura 16 - Preconceito racial



Fonte³¹: Ana Paula Santos.

13. QUATRO OLHOS

Expressão usada para apelidar negativamente pessoas que usam óculos. Trata-se de um comportamento linguístico não adequado. O dicionário Priberam define da seguinte maneira:

“³²qua·tro·-o·lhos [ó], substantivo de dois gêneros e de dois números.
1. [Informal] Indivíduo que usa óculos. = CAIXA-DE-ÓCULOS. Substantivo masculino de dois números.
2. [Ictiologia] Espécie de peixe do Brasil cujos olhos apresentam dupla curvatura que lhe permite, colocandose à superfície da água, ver simultaneamente o que se passa dentro e fora desta. = TARIOTA, TRALHOTO. "quatro-olhos".

³¹Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/05/20/estudante-e-vitima-de-racismo-em-troca-de-mensagens-de-alunos-de-escola-particular-da-zona-sul-do-rio.ghtml>>. Acesso em: 6 fev. 2021.

³²Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2021, <https://dicionario.priberam.org/quatro-olho>. Acesso em: 20 ago. 2021.

Figura 17 - Problemas de visão

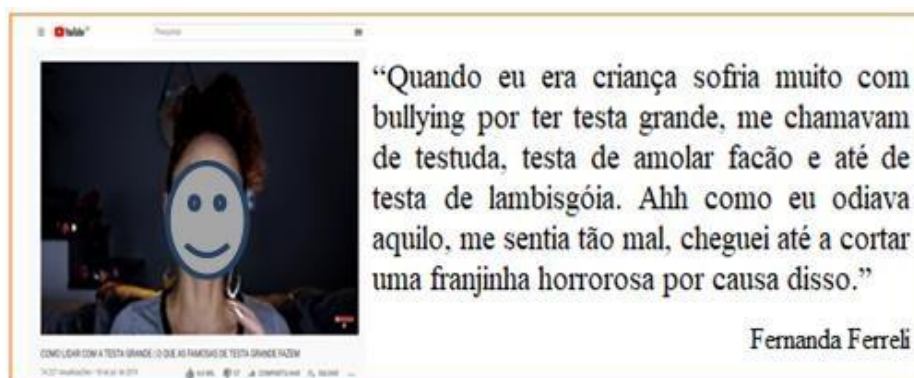


Fonte³³: Carol Oliveira.

14. TESTA DE AMOLAR FACÃO

Sem definição dicionarística. Caracterização inconveniente da pessoa com testa grande, como mostra a foto na Figura 19.

Figura 189 - Característica física



Fonte³⁴: Fernanda Ferreli.

15. TIZIU

Caracterização indevida da pessoa com pele negra. Faz-se referência à cor da pele negra por associação à cor do pássaro.

Definição segundo o Michaelis *online*:

Sm. ZOOL Ave passeriforme (*Volatinia jacarina*), da família dos emberizídeos, amplamente distribuída pelas Américas do Sul e Central, sobretudo pelo Brasil. O macho tem o dorso negro, levemente azulado e brilhante, enquanto na fêmea o dorso é pardo tirante a amarelo, com listras escuras no peito e nos flancos. Sua alimentação consiste em capim, e quando emite seu canto, tem o hábito de dar um salto vertical e retornar ao seu lugar de repouso; alfaiate, bate-estaca, chico-preto, jacarina, papa-arroz, pinéu, saltador, salta-toco, serrador, serra-serra, tiã-tiã-preto, veludinho. VAR: tiziu.

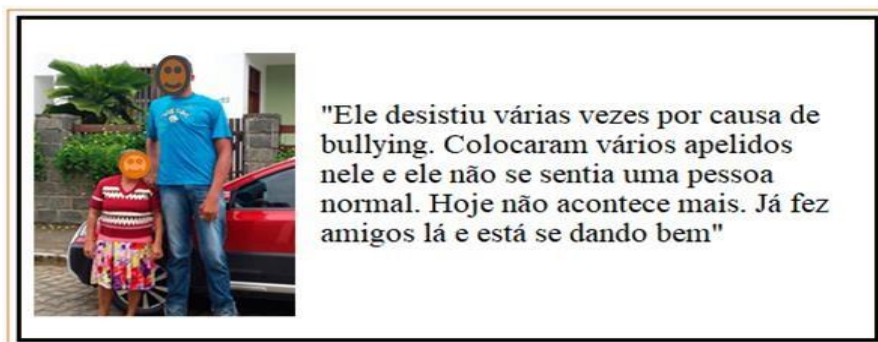
³³ Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/folhinha/2016/03/1744601>>. Acesso em: 10 maio 2021.

³⁴ Disponível em: <<https://youtu.be/VF3Ha44QDQk>>. Acesso em: 10 maio 2021.

16. VARA DE ARRANCAR MAMÃO

Tratamento usado para pessoas com altura fora dos padrões previstos pela organização mundial de saúde (FIGURA 20).

Figura 20 - Jovem muito alto devido à genética ou disfunção hormonal



Fonte³⁵: G1.globo.com.

17. VEADO

“s.m. 1 denominação comum a vários mamíferos cervídeos de coloração acastanhada, pernas longas e caudas curtas. 2. fig. gros. Homossexual do sexo masculino” (HOUAISS, 2011, p. 950).

Discutimos, anteriormente, vários exemplos de situações constrangedoras às quais muitas pessoas são submetidas no dia a dia. Constatamos, ainda, que a prática discriminatória não é algo distante da nossa realidade, ao contrário, ela faz parte também do contexto da escola onde vocês estudam, tendo em vista que vocês a evidenciaram durante nossas aulas.

Conhecedor dos transtornos que o uso das unidades lexicais desrespeitosas provoca, qual sua opinião sobre esse assunto?

Após a delinear a proposta de ensino, apresentamos, a seguir, as nossas considerações finais.

³⁵ Disponível em: <<https://www.98fmcuitiba.com.br/jovem-de-220-m-volta-a-escola-apos-bullying-e-busca-diagnostico-de-doenca/>>. Acesso em: 9 nov. 2020.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa investigou as unidades lexicais discursivas e as vozes sociais que atravessam o discurso dos alunos do 8º Ano da Escola Estadual de Montalvânia, localizada no município de Montalvânia-MG e, por extensão, outras unidades lexicais que são de uso comum no Brasil e geram atitudes desrespeitosas. A análise diagnóstica desenvolvida por meio de um debate fundamentado no conteúdo exibido em um curta-metragem e um questionário aplicado aos alunos da mencionada escola identificou como objeto de estudo expressões e palavras do português brasileiro que expressam crenças equivocadas que, por sua vez, geram atitudes negativas, culminando em tratamentos desrespeitosos.

As atitudes ora estudadas reverberam preconceito e discriminação sob o viés da raça, etnia (xenofobia), do gênero (homofobia) da aparência física (fobia contra: pessoas gordas muito magras, estatura, formato e tamanho de orelhas, olhos e lábios, entre outros), condição social e religião. Selecionado o objeto de estudo, elaborou-se o questionamento: as atitudes desrespeitosas que reverberam o preconceito e a discriminação estariam fundamentadas na ideologia que respalda a formação discursiva da língua em uso?

Consoante a esse questionamento, foram levantadas as hipóteses a seguir: i) os alunos ignoram ou negligenciam os significados e conceitos desrespeitosos de unidades lexicais e as naturalizam, por estarem no imaginário coletivo, por serem reproduzidas na sociedade, ofendendo, assim, seus colegas; ii) as ideologias socio-histórica e culturalmente construídas, e cognitivamente impregnadas na memória discursiva, originam atitudes insultuosas resultantes do uso de uma linguagem violenta e de desprezo motivadas pelo preconceito que aflora do discurso dos alunos em estudo.

Comprovamos as hipóteses por meio da análise da fase diagnóstica ao concluirmos que na faixa etária entre 13 e 20 anos as pessoas já têm consciência de seus atos e, portanto, sabem que o contexto é de ofensa, todavia, as vozes que eles reverberam estão naturalizadas na sociedade e, isso, eles pareciam desconhecer. É possível que as vozes que afluíram de seus discursos fossem as de membros da família, ou das amizades.

Com o intuito de responder ao questionamento da pesquisa, definimos como objetivo geral: prover conhecimentos para a construção de uma relação de respeito mútuo, e a desconstrução de significados desrespeitosos e naturalizados no discurso dos alunos do ensino fundamental da Escola Estadual de Montalvânia.

Consideramos que os estabelecimentos de ensino são compostos por pessoas com personalidades e percepções diferentes, e que o professor deve estar qualificado para assegurar

um ensino de qualidade a turmas compostas por alunos que apresentem diferenças tanto em relação às competências linguísticas quanto às possíveis atipicidades. Nesse caso, o professor assume a função de mediador da convivência entre os alunos, para que ela seja a mais harmoniosa possível.

Especificamente, propusemos discutir as teorias sociodiscursivas sobre léxico, vocabulário, crenças, atitudes, (des)respeito e preconceito linguísticos, cidadania, valores éticos e morais; inventariar unidades lexicais fornecidas pelos alunos e outras coletadas em referências que tratam do uso do léxico para reverberar o preconceito e a discriminação.

Dessa forma, cremos ter cumprido o objetivo do Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional, que visa a oferecer conteúdos pertinentes ao profissional de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental, e assegurar aos discentes uma educação de qualidade.

Diante do exposto, consideramos que os objetivos propostos foram alcançados. Especificamente, as teorias foram discutidas, a proposta de ensino foi devidamente elaborada, e no que se refere ao objetivo específico três, qual seja: demonstrar aos alunos as consequências negativas advindas de usos indevidos das unidades lexicais, fizemos isso ainda na fase diagnóstica por meio do debate sobre o vídeo *Aprendendo português sem palavras preconceituosas* e a sondagem por meio de um questionário para identificar de que maneira esses aspectos interferem na vida dos alunos. Por fim, para o alcance do quarto objetivo: construir, por via da proposta de ensino, uma relação de respeito mútuo, a proposta de ensino apresenta uma oficina e um minicurso com atividades voltadas para a desconstrução de significados desrespeitosos e naturalizados em seus discursos e instrução no sentido de respeitar as diferenças.

As contribuições advindas da realização desta pesquisa são imensuráveis, instigantes, principalmente no tocante às relações pessoais, profissionais e estudantis estabelecidas na comunidade escolar. Apesar de todos os percalços, fica a sensação de dever cumprido, de desprendimento para o cumprimento das ações e superação das adversidades.

Esperamos que esta pesquisa possa contribuir, de forma satisfatória, para o mundo acadêmico, reconhecendo-se que ela representa um pequeno ponto de partida para buscar compreender as pessoas que insistem em desafiar o bom senso, a humanidade, e se considerarem superiores aos outros, sob qualquer pretexto ou alegação.

Não descartamos a possibilidade de retomarmos esses estudos, à fonte do saber, no Doutorado.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Ana Márcia Ruas de. **A “Cura Gay” e a patologização das “minorias”**: o processo de significação das (anti-) hegemonias por meio de esquemas de imagem metafóricos do corpo rótulo. 2019. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Letras, Belo Horizonte, 2019.

AURÉLIO, Marcos. **Umbandista**. Disponível em: http://www.famososquepartiram.com/2019_04_27archive.html. Acesso em: 11 out. 2020.

AZURITA, Brígida. **Gordofobia existe?** Disponível em: <https://senhorasdesi.files.wordpress.com/>. Acesso em: 9 nov. 2020.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**. 56. ed. 6ª reimpressão. São Paulo: Parábola Editorial, 2019.

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov; introdução e tradução do russo Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2018.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12. ed. São Paulo: Hucitec Editora, 2006.

BARBOSA, Maria Aparecida. Lexicologia, lexicografia, terminologia, terminografia, identidade científica, objeto, métodos, campos de atuação. **Anais...** Brasília: CNPq/Ibict, 1992.

BARCELOS, Ana Maria Ferreira. Crenças sobre aprendizagem de línguas, Linguística Aplicada e ensino de línguas. In: **Linguagem & Ensino**, v.7, n. 1, p. 123-156, 2004.

BARROS, Diana Pessoa de. Intolerância, preconceito e exclusão. In: LARA, Gláucia Proença, LIMBERTI, Rita Pacheco (Orgs.). **Discurso e (des)igualdade Social**. São Paulo: Contexto, 2015.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 39. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Teoria lexical e linguística computacional**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós chegemu na escola, e agora?** Sociolinguística e educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística- IBGE - **Montalvânia**. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/mg/montalvania.html>>. Acesso em: 25 jan. 2021

BRASIL. LDB. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. 4. ed. Brasília, DF: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2020. Disponível em: <<https://www2.senado.gov.br/bdsf/handle/id/572694>>. Acesso em: 30 maio 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Obesidade**. Disponível em: <<https://www.gov.br/pt-br/noticias/saude-e-vigilancia-sanitaria/2020/03/ministerio-da-saude-alerta-para-doencas-desencadeadas-pela-obesidade>>. Acesso em: 18 jun. 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. **Obesidade**. Cadernos de Atenção Básica n. 12. Brasília: Ministério da Saúde, 2006. Disponível em: <http://189.28.128.100/dab/docs/publicacoes/cadernos_ab/abcad12.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2021.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)**. Tema transversal. Pluralidade cultural. Brasília: MEC/SEC, 1997. Disponível em: <http://189.28.128.100/dab/docs/publicacoes/cadernos_ab/abcad12.pdf>. Acesso em 18 jun. 2021.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. São Paulo. Parábola, 2002.

CHARAUDEAU, Patrick. Identidade linguística, identidade cultural: uma relação paradoxal. In: LARA, Gláucia Proença, LIMBERTI, Rita Pacheco (Orgs.). **Discurso e (des)igualdade Social**. São Paulo: Contexto, 2015.

CHAUÍ, Marilena. **O que é ideologia**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2008.

COLOMBO-GOMES, Gysele da Silva. O discurso pedagógico: entre crenças, reflexões, mudanças e ação. **Revista Eletrônica do ISAT**, v. 5, p. 1, 2014.

CORREA, Djane Antonucci. (Org.). **A relevância social da linguística: linguagem, teoria e ensino**. São Paulo / Ponta Grossa: Parábola / Editora UEPG, 2007.

COSERIU, Eugênio. **Sistema, norma e fala**. Comunicação enviada ao VI Congresso Internacional de Linguistas. Coimbra: Livraria Almedina, 1959-60.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. 4. ed. Revista e atualizada. 2ª impressão. Rio de Janeiro: Lexicon, 2010.

DASCAL, Marcelo. Tolerância e interpretação. **Crítica: Revista Hispanoamericana de Filosofia**, v. 21, n. 62, p. 3-28. ago., 1989.

ESCOLA ESTADUAL DE MONTALVÂNIA. **E. E. Montalvânia**. Disponível em: <<https://www.facebook.com/EEMTV/>>. Acesso em: 25 jun. 2019.

FARACO, Carlos Alberto. **Bakhtin: Filosofia da Linguagem e da Cultura**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=d0bGI5W4fI>>. Acesso em: 8 abr. 2021.

FARACO, Carlos Alberto. **Norma culta brasileira**: desatando alguns nós. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

FERREIRA, Yago. **Múltiplas faces do racismo**. Disponível em: <<http://www.uff.br/?q=noticias/22-01-2020/multiplas-faces-do-racismo-projetos-da-uff-levam-historia-e-cultura-da-asia-para>>. Acesso em: 6 fev. 2021.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio Século XXI Escolar**: o minidicionário da língua portuguesa. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2000.

FERRELI, Fernanda. **Bullying por ter testa grande**. Disponível em: <<https://youtu.be/VF3Ha44QDQk>>. Acesso em: 10 maio 2021.

FIORIN, José Luiz. A linguagem politicamente correta. **Linguasagem**, São Carlos, v.1, n.1, p. 1-5, ago. 2008. Disponível em: <http://www.letras.ufscar.br/linguasagem/edicao01/artigos_alinguagempoliticallycorreta.htm>. Acesso em: 7 set. 2019.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2011.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

G1.GLOBO.COM. **Jovem de 2,20 m volta à escola após bullying e busca diagnóstico de doença**. Disponível em: <<https://www.98fmcuitiba.com.br/jovem-de-220-m-volta-a-escola-apos-bullying-e-busca-diagnostico-de-doenca/>>. Acesso em: 9 nov. 2020.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991.

GNERRE, Maurizio. **Linguagem, escrita e poder**. 3. ed. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda. 1991.

GRUPO DE LEXICOLOGIA, LEXICOGRAFIA E TERMINOLOGIA DA ANPOLL. **Lexicologia**. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/gtlex/>>. Acesso: 21 maio 2020.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALLE, Mariana. **Garota de 8 anos sofre Bullying devido a suas orelhas**. Disponível em: <<https://eloscomvoce.com.br/noticias/garota-de-8-anos-sofre-bullying-devido-a-suas-orelhas/>>. Acesso: 10 maio 2021.

HOUAISS, Antônio. (Org.). **Dicionário Houaiss conciso**. São Paulo: Moderna, 2011.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística- IBGE - **Montalvânia**. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/mg/montalvania.html>>. Acesso em: 25 jan. 2021.

JESUS IMORTAL. **Preconceito linguístico**. Disponível em:
<<http://naplnb.blogspot.com/2015/>>. Acesso em: 9 nov. 2020.

JORNALISMO JÚNIOR/ECA-USP. **Jovens brasileiros mostram os comentários mais cruéis que já ouviram por serem homossexuais**. Disponível em:
<<https://www.hypeness.com.br/2015/07/jovens-brasileiros-mostram-os-comentarios-mais-cruéis-que-ja-ouviam-por-serem-homossexuais/>>. Acesso em: 9 nov. 2020.

KOCH, Ingedore Grufeld Villaça. **O texto e a construção dos sentidos**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

LEITE, Marli Quadros. Preconceito e intolerância na linguagem. **Coleção linguagem & ensino**. São Paulo: Editora Contexto, 2012.

LEITE, Marli Quadros. **Preconceito e intolerância na linguagem**. São Paulo: Contexto, 2008.

MAURÍCIO, Ricardo; DUARTE, Fernando; DAHORA, Toni. **Aprendendo português sem palavras preconceituosas**. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=3XWUfuOv_Nk>. Acesso em: 5 abr. 2021.

MONTALVÂNIA. Prefeitura Municipal de Montalvânia. **Conhecendo mais Montalvânia**. Disponível em: <<http://montalvania.mg.gov.br/site/a-cidade/#>>. Acesso em: 22 dez. 2019.

MONTALVÂNIA. Site oficial da cidade de Montalvânia. Disponível em
<<http://montalvania.com.br/index.php?id=8>>. Acesso em: 25 jan. 2021.

NAÇÕES UNIDAS DO BRASIL. **Educação de qualidade**. Disponível em:
<<https://nacoesunidas.org/tema/ods4/page/3/>>. Acesso em: 11 jun. 2020

OLIVEIRA, Carol. Menina que sofreu *bullying* por usar óculos recebe apoio na *internet*. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/folhinha/2016/03/1744601>>. Acesso em: 10 maio 2021.

ONU. **Declaração Universal De Direitos Humanos**. Disponível em:
<<https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>>. Acesso em: 11 jun. 2020.

PAULUS. **Nova bíblia pastoral**. São Paulo: Paulus, 2014.

PETEZPAN. **Menino asiático amarelo**. Disponível em:
<<https://www.flickrriver.com/photos/peteza/1064084278/>>. Acesso em: 6 nov. 2020.

PÊCHEUX, Michel. **Memória discursiva**. Disponível em:
<<https://colunastortas.com.br/memoria-discursiva/>>. Acesso em: 18 nov. 2020.

PÊCHEUX, Michel. Papel da Memória. IN: **Papel da Memória**. Pierre Achard *et al.* Tradução: José Horta Nunes. Campinas, SP: Pontes, 1999, p. 49-50.

PIMENTA, Selma Garrido. Pesquisa-ação crítico-colaborativa: construindo seu significado a partir de experiências com a formação docente. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 521-539, set./dez. 2005.

PRECONCEITO. In: **DICIONÁRIO** online de português. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/preconceito/>>. Acesso em: 15 jan. 2021.

RÁDIO CÂMARA. **Leis que protegem as mulheres**. Disponível em: <<https://www.jornaljurid.com.br/blog/jurid-web/conheca-5-leis-que-protegem-as-mulheres>>. Acesso em: 15 jan. 2021.

REIS, Zenilda Mendes dos. **A variação de “tu” e “você” no português falado e escrito em Lontra-MG**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Montes Claros, Programa de Pós-Graduação Mestrado profissional em Letras, Montes Claros, 2019.

SANTOS, Ana Paula. **Preconceito racial**. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/05/20/estudante-e-vitima-de-racismo-em-troca-de-mensagens-de-alunos-de-escola-particular-da-zona-sul-do-rio-gh.html>>. Acesso em: 6 fev. 2021.

SANTOS, Daniela. **Eu era zoada de “beijo de mula”, às vezes não acredito que o jogo virou**. <Disponível em: <https://twitter.com/santtosfdaniela/status/1283973176628846594>>. Acesso em: 11 abr. 2021.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística geral**. São Paulo, Cultrix 1993.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. **Respeito linguístico**. Verbete a sair publicado in *Dicionário: rumo à civilização da religião e ao bem viver*, organizado por ARNT, Rosamaria de Medeiros; SCHERRE, Paula Pereira. ONG Semente dos Sonhos (<http://sementedossonhos.org/wp/>). (No prelo.)

SIGNORINI, Inês. (Org.). **Lingua(gem) e identidade**: elementos pra uma discussão no campo aplicado. São Paulo: Mercado de Letras, 2001.

SIMÕES, Nathan. **Racismo não é doença nem maldade, muito menos coisa rara**. Disponível em: <https://medium.com/@brasilyhr/racismo-n%C3%A3o-%C3%A9-doen%C3%A7a-nem-maldade-muito-menos-coisa-rara-6bed5f61942c>. Acesso em: 09 nov. 2020.

TAILLE, Ives de La. **Formação ética**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 2002.

TOUEG, Gabriel. **Menina de 8 anos dá recado a racistas**: ‘meu cabelo não é duro’. Disponível em: <<https://gabrieltoueg.com/2015/07/28/sem-mais-menina-de-8-anos-da-recado-a-racistas-e-ignorantes-meu-cabelo-nao-e-duro-video/>>. Acesso em: 7 nov. 2020.

TUHLINSKI, Camila. **O que é Gordofobia? Saiba quais são os efeitos para quem sofre discriminação**. Disponível em: <<https://emails.estadao.com.br/noticias/comportamento,o-que-e-gordofobia-saiba-quais-sao-os-efeitos-para-quem-sofre-discriminacao,70003391269>>. Acesso em: 6 fev. 2021.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS. **Objetivo do ProfLetras.**

Disponível em: <<https://www.posgraduacao.unimontes.br/profletras/profletras/>>. Acesso em: 11 jun. 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE. Conselho Gestor.

Resolução Nº 003/2020. Define as normas para a elaboração do Trabalho de Conclusão do Curso para a sexta turma do Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Letras – ProfLetras. Natal, RN. 2 jun. 2020.

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem:** problema fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo; ensaio introdutório de Sheila Grillo. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2018.

ZAVAGLIA; WELKER, 2008, Grupo de Trabalho de Lexicologia, Lexicografia e Terminologia da ANPOLL. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/gtlex/>>. Acesso: 21 maio 2020.

WEBSTER, Guilherme. **Orelhas de abano.** Disponível em: <<https://cdo.com.br/orelhas-de-abano/>>. Acesso em: 6 fev. 2021.

WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. **Localização de Montalvânia em Minas Gerais.**

Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Montalv%C3%A2nia#/media/Ficheiro>>. Acesso em: 25 jun. 2019.

APÊNDICE A - Quadro perfil dos alunos participantes da pesquisa

ALUNO	SEXO	DATA	IDADE 2019	ASPECTO GEOGRÁFICO		SITUAÇÃO FAMILIAR MORA COM		
		NASCIMENTO		URBANO	RURAL	PAI	MÃE	OUTROS
ACCR1	F	21/11/2005	14	X		X		Madrasta
ALSF2	F	21/10/2005	14		X			Avós
ALFSR3	F	25/12/2005	14	X			X	Avó
AST4	M	12/08/2006	13		X			Avós
CSS5	M	04/04/2005	14		X	X	X	
CHSA6	F	06/05/2006	13	X		X	X	
CAS7	M	16/04/2005	14		X	X	X	
ED8	M	13/09/2003	16	X		X	X	
ESL9	M	12/09/2004	15	X			X	
FVS10	F	12/05/2004	15	X			X	
GFJ11	F	29/08/2006	13	X		X	X	
GPJS12	F	18/01/2006	13				X	
JSC13	F	21/04/2005	14	X			X	Avós
JNS14	M	19/02/2005	14		X	X	X	
JB15	M	03/06/2005	14		X	X	X	
JVBS16	M	04/08/2005	14	X		X	X	
JVRC17	M	17/06/2006	13	X			X	
KSS18	F	08/06/2006	13	X		X	X	
LNB19	M	12/12/2004	15		X	X	X	
LCO20	M	12/11/2003	16		X	X	X	
LRFC21	M	01/08/2005	14	X			X	
LMS22	F	04/03/2006	13		X	X	X	
LCS23	F	13/10/2003	16	X			X	
MGLN24	F	25/03/2006	13	X		X	X	
NSS25	F	13/08/2004	15	X			X	
NVSM26	F	21/10/2005	14	X		X	X	
RMP27	F	22/07/2005	14	X		X	X	
RRS28	F	13/08/2005	14	X		X	X	
RPRO29	F	30/06/2005	13	X			X	
SLS30	F	29/09/2005	14	X			X	
SLFC31	M	29/01/2006	13	X		X	X	
SHAN32	F	16/08/2005	14	X			X	Padrasto
SSG33	F	17/03/1999	20	X				Tia
TMS34	F	21/08/2005	14		X	X	X	
TPB35	F	22/06/2005	14	X		X	X	
TSM36	F	28/04/2005	14	X		X	X	
TFM37	M	23/04/2003	16	X			X	
VMLS38	M	21/06/2005	13	X		X	X	
VGT39	F	31/07/2004	15		X	X	X	
WSR40	M	05/06/2005	14	X		X	X	
WGS41	M	17/06/2006	13	X		X	X	
YNP42	F	29/10/2005	14	X		X	X	
YRB43	M	23/05/2006	13	X			X	

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2020).

APÊNDICE B - Questionário**Escola Estadual de Montalvânia****Disciplina:** Língua Portuguesa**Turma:** 8ºA1**Mestranda:** Professora Raimunda Pereira da Silva Baliza**Ano:** 2019**QUESTIONÁRIO**

Ontem conversamos sobre o preconceito linguístico e a diversidade linguística e social. Levando em consideração essa conversa e a reflexão sobre o conteúdo da charge/vídeo exibido, responda com justificativas.

1. É correto afirmar que alguém fala errado?

2. Todas as pessoas que você conhece falam da mesma maneira?

3. Você considera certo corrigir a fala de alguém? Isso já aconteceu com você?

4. De que forma o seu jeito de falar interfere em sua relação com os colegas? E com a professora?

5. Ao conversar na escola, sente-se:

a) () à vontade

b) () pouco à vontade

c) () constrangido

6. Conhece alguém que fala diferente de você? Explique.

7. Já se sentiu ofendido por causa da sua origem, cor, religião, opção sexual ou outra situação? Comente sobre cada item apresentado.

APÊNDICE C - Exemplos de respostas ao questionário

Exemplo 01-A – Informante SSG33 – Discriminação racial e homofobia

[Redacted] 8211
08/05/19

Atividade

Ontem conversamos sobre o preconceito linguístico, a diversidade linguística e social.

Levando em consideração sua conversa e a reflexão sobre o conteúdo da charge lida, responda com suas próprias palavras.

① É correto afirmar que alguém fala errado?

R= Não! Porque cada um tem o seu jeito de falar, não devemos sair corrigindo o jeito da pessoa.

② Todas as pessoas que você conhece falam da mesma maneira? Sim! Toda pessoa que eu conheço tem um sotaque diferente.

③ Você considera certo corrigir o fala de alguém? Isso já aconteceu com você? Não! Mesmo a pessoa corrigindo sem na intenção de machucar, Alguém falou errado vai se sentir ofendida, "Sem graça".

④ De que forma o seu jeito de falar interfere na sua relação com os colegas? E com o professor?

R= Positivo, eu sei o certo para de falar com as pessoas, falo o que acho melhor para ajudar as pessoas.

⑤ Ao conversar na escola, sente-se:

- a vontade
- pouco à vontade

tilibra

Exemplo 01-B – Informante SSG33 – Discriminação racial e homofobia

06/30/80

— Inostrangido

Por quê?

R= Algumas pessoas repararam bem na sua fala, se a fala um pouco estressada, fala rápido de mais e as palavras quase não saem corretas.

6) Conhece alguém que fale diferente de você? Explique sim! Sim, alguns que trocam o 's' por 'x', o 'x' por 's' e assim ficam difícil de entender.

7) Já se sentiu ofendido por causa da sua origem, cor, religião, opção sexual, ou outra pituço? Comente sobre cada item opusculado.

R= Sim! Por eu ter uma pele mais escura 'Negra', cabelo crespo. Muitas vezes me chamaram de Machão, Mulque Macho, Sepatão!

Versão digitada – Exemplo 01 – Informante SSG33

ATIVIDADE

Ontem conversamos sobre o preconceito linguístico e a diversidade linguística e social. Levando em consideração essa conversa e a reflexão sobre o conteúdo da charge/video exibido, responda com justificativas.

1. É correto afirmar que alguém fala errado?

R: *Não! Porque cada um tem o seu jeito de falar. Não devemos sair sorrindo o jeito da pessoa.*

2. Todas as pessoas que você conhece falam da mesma maneira?

Sim! *Cada pessoa que eu conheço tem um sotaque diferente.*

3. Você considera certo corrigir a fala de alguém? Isso já aconteceu com você?

Não! *Mesmo a pessoa corrigindo sem na intenção de machucar, Aque falou errado cai se sentir ofendida. "Sem graça"!*

4. De que forma o seu jeito de falar interfere em sua relação com os colegas? E com a professora?

R: *Positivas. Eu sei o certo bom de falar com as pessoas, falo o que acho melhor sem ofender as pessoas.*

5. Ao conversar na escola, sente-se:

- a) ☐ à vontade
- b) ☐ pouco à vontade
- c) ☐ constrangido

Por quê?

R: *Algumas pessoas reparam bem na sua fala, e eu falo um pouco estressada, falo rápido demais e as palavras quase não saem corretas.*

6. Conhece alguém que fala diferente de você? Explique.

Sim! *Tem algumas que trocam o "s" por "x", o "r" por "L" e assim fica difícil de entender.*

7. Já se sentiu ofendido por causa da sua origem, cor, religião, opção sexual ou outra situação? Comente sobre cada item apresentado.

R: *Sim! Por eu ter uma pele mais escura "Negra", cabelo crespo. Muitas vezes me chamaram de Machão, muleque, Macho, Sapatão!*

Exemplo 02-A – Informante YNP42 - Aspecto fisiológico

DOM	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SÁB
DOM	LUN	MAR	MEI	JUN	VIE	SAB
☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

02/05/19

Português

Atividade

Entregar hoje

Então conversamos sobre o preconceito linguístico e a diversidade linguística e social.

Levando em consideração esta conversa e a reflexão sobre o conteúdo da charge lida, responda com justificativas.

1- É correto afirmar que alguém fala errado?

Sim. No Brasil há muita diversidade de pessoas e cada uma tem um sotaque diferente como na Bahia um gaúcho e em outros estados.

2- Todas as pessoas que você conhece falam da mesma maneira? Não. Meus tios moram em outro estado e tem um sotaque bem diferente das pessoas que moram aqui em Minas Gerais.

3- Você considera certo corrigir a fala de alguém? Sim já aconteceu com você? Não. Por que a pessoa passa muita vergonha e é constrangida em público.

Sim. Eu fiquei com muita vergonha por estar com a boca aberta de gente.

4- De que forma o seu jeito de falar interfere na sua relação com os colegas? E com o professor? interfere positivo não temos problema no meu modo de falar pois todos falamos com o mesmo sotaque. Também não tenho problemas com os meus professores.

5- Ao conversar na escola, sente-se:

- à vontade + - constrangido

- pouco à vontade

Versão digitada – Exemplo 02 - Informante YNP42

ATIVIDADE

Ontem conversamos sobre o preconceito linguístico e a diversidade linguística e social. Levando em consideração essa conversa e a reflexão sobre o conteúdo da charge/video exibido, responda com justificativas.

1. É correto afirmar que alguém fala errado?

Sim. No Brasil a muita diversidade de pessoas e cada uma tem um sotaque diferente como na Bahia em Goiás e em outros estados.

2. Todas as pessoas que você conhece falam da mesma maneira?

não. meus tios moram em outro estado e tem um sotaque bem diferente das pessoas que moram aqui em Minas Gerais.

3. Você considera certo corrigir a fala de alguém? Isso já aconteceu com você?

não. Por que a pessoa passa muita vergonha e é constrangida em público.

sim. Eu fiquei com muita vergonha pois estava cercada de gente

4. De que forma o seu jeito de falar interfere em sua relação com os colegas? E com a professora?

interfere positivo não temos problema no meu modo de falar pois todos falamos com o mesmo sotaque. Também não tenho problemas com os meus professores.

5. Ao conversar na escola, sente-se:

a) ☒ à vontade

b) ☐ pouco à vontade

c) ☐ constrangido

Por quê?

Porque conheço todos e não temos dificuldades ao falar uns com os outro pois temos o mesmo sotaque

6. Conhece alguém que fala diferente de você? Explique.

Sim! Meus tios moram em outro estado por isso tem o sotaque diferente.

7. Já se sentiu ofendido por causa da sua origem, cor, religião, opção sexual ou outra situação? Comente sobre cada item apresentado.

sim! Por eu ter duas berugas de nascença no pé da orelha já sofri muito preconceito por isso. Eu nunca sofri preconceito por esses itens citados em cima mas sei que muitas pessoas sofrem preconceito por escolher o destino da sua vida tanto na escola como na rua. Mas temos que ser fortes nesse momento e erger a cabeça e seguir em frente é um sentimento muito ruim quando sofremos preconceito pois nos sentimos umilhados.

Exemplo 03-A – Informante SHAN32 - Discriminação pela condição social

Atividade - Entregas hoje!

Untem conversamos sobre o preconceito linguístico
e a diversidade linguística e social

Levando em consideração essa conversa e a reflexão
sobre o conteúdo da charge / vídeo exibido, responda
com justificativas

1. É correto afirmar que alguém fala errado?

Não, porque muitas das vezes as pessoas que gostam de
corrigir os outros são as pessoas que mais falam errado

2. Todas as pessoas que você conhece falam da mesma
forma?

Não, cada pessoa tem um jeito de falar mesmo sendo da
mesma cidade, pode até ter a sotaque do lugar
onde vivem, todos nós temos uma maneira diferente de
agir

3. Você considera certo corrigir a fala de alguém? Isso
já aconteceu com você?

Não. Uma vez minha mãe estava lavando louça
e ela mandou eu lavar a louça, na verdade eu fui falar
pra ela que não se fala lavar e sim colocar a louça
na água e eu fui e eu fiquei um tempo lá porque
ela achou que eu falava mais errado que ela.

4. De que forma o seu jeito de falar interfere na sua
relação com os colegas? E com o professor?

Exemplo 03-B – Informante SHAN32 - Discriminação pela condição social

Entre os colegas é bem engraçado porque eu tenho um modo de falar é engraçado e com os professores é bom porque é melhor a minha pronúncia

5. Ao começar na escola, sente-se:

- à vontade
- pouco à vontade
- constrangido

Por que? Constrangido, porque eu falo muita idiotice e falo errado então todo mundo fica me quando

6. Conhece alguém que fala diferente de nós? Explique sim. Eu tenho muitos parentes espalhados por aí e as regiões deles são umas mais diferente que as outras tem uns que falam tu, outros tem a sutileza da coisa e assim vai

7. Já se sentiu ofendido por causa da sua origem, cor, religião, opção sexual, ou outra situação? Comente sobre cada item apresentado:

Sim, como o povo do MTV e tudo sem costume eles ficam falando que eu sou riquinho filhinho de mãe e essas coisas lá uma coisa

Versão digitada – Exemplo 03 - Informante SHAN32

ATIVIDADE

Ontem conversamos sobre o preconceito linguístico e a diversidade linguística e social. Levando em consideração essa conversa e a reflexão sobre o conteúdo da charge/video exibido, responda com justificativas.

1. É correto afirmar que alguém fala errado?

Não, porque muita das vezes as pessoas que gostam de corrigir os outros são as pessoas que mais falam errado.

2. Todas as pessoas que você conhece falam da mesma maneira?

Não, cada pessoa tem um jeito de falar mesmo sendo da mesma cidade pode até ter o sotaque do lugar onde vivem todos nós temos uma maneira diferente de agir

3. Você considera certo corrigir a fala de alguém? Isso já aconteceu com você?

Não. Uma vez minha vó estava lavando louça e ela mando eu botar o ovo na geladeira ai eu falei pra ela que não se fala botar e sim colocar ai ela me deu um pito e eu fiquei mo sem graça porque ela disse que eu falo mais errado que ela.

4. De que forma o seu jeito de falar interfere em sua relação com os colegas? E com a professora?

Entre os colegas e bem engraçado porque o meu modo de falar e engraçado e com os professores é bom porque o melhor o minha pronuncia.

5. Ao conversar na escola, sente-se:

a) () à vontade

b) () pouco à vontade

c) () constrangido

Por quê?

Constrangido, porque eu falo muita idiotice e falo errado então todo mundo fica me zutando.

6. Conhece alguém que fala diferente de você? Explique.

Sim. Eu tenho muitos parentes espalhados por ai e as regiões deles são umas mais diferente que a outra tem uns que falam tu, outros temo sotaque do ceara e assim vai.

7. Já se sentiu ofendido por causa da sua origem, cor, religião, opção sexual ou outra situação? Comente sobre cada item apresentado.

Sim, como o povo de MTV e tudo sem costume eles ficam falando que eu sou riquinha filhinha de mamãe e essas coisas da uma raiva.

Exemplo 04-A – Informante RPRO29 – Xenofobia e intolerância religiosa

08/05/19

Atividade - Entregar hoje

Nome: [REDACTED]

Vontem conversamos sobre o preconceito linguístico e a diversidade linguística e social.

Quando em consideração sobre conversas e a reflexão sobre o conteúdo do charge / vídeo exibido, responda com justificativas.

1. É certo afirmar que alguém fala errado?

Não, porque a pessoa pode ficar magoada com aquilo, porque muitas pessoas ficam magoadas fácil.

2. Todos as pessoas que você conhece falam da mesma maneira? Não, algumas tem os sotaques diferentes umas das outras.

3. Você considera certo corrigir o falar de alguém? Isso já aconteceu com você? Não, sim mesmo que foi levado pelo lado da brincadeira, eu me senti triste.

4. De que forma o seu jeito de falar interfere na sua relação com os colegas? E com o professor?

Dependendo dos lugares eu falo com respeito, com os professores eu falo com o maior respeito.

5. Na conversa na escola, sente-se:

- à vontade

- pouco à vontade

tillbra

Exemplo 04 -A – Informante RPRO29 – Xenofobia e denominação religiosa

1 / 1

↳ Estrangeiro

Porquê?

Pouco é verdade, porque tem muitos colegas que não entende a gente.

6. Conhece alguém que fale diferente de você? Explique

Sim, dependendo desse jeito de falar, se for pelo assunto, mais muitas pessoas não falam com as mesmas palavras que eu.

7. Já se sentiu ofendido por causa do sua origem, ser, religião, opção sexual, ou outra situação? Comente sobre cada item apresentado

Sim.

Já sofri bullying por ter vindo do Pará e foi lá que eu nasci.

Pelo cor nunca sofri nada.

Já sofri bullying por ser evangélica, as pessoas me zombam.

Opção sexual até hoje não, mais eu acho ridículo o preconceito.

Versão digitada - Exemplo 04 – Informante RPRO29

ATIVIDADE

Ontem conversamos sobre o preconceito linguístico e a diversidade linguística e social. Levando em consideração essa conversa e a reflexão sobre o conteúdo da charge/video exibido, responda com justificativas.

1. É correto afirmar que alguém fala errado?

Não, porque a pessoa pode ficar magoado com aquilo, porque muitas pessoas ficam magoadas fácil.

2. Todas as pessoas que você conhece falam da mesma maneira?

Não, algumas temos sotaques diferentes umas das outras.

3. Você considera certo corrigir a fala de alguém? Isso já aconteceu com você?

Não, sim mesmo que foi levado pelo lado da brincadeira, eu me senti triste.

4. De que forma o seu jeito de falar interfere em sua relação com os colegas? E com a professora?

Dependendo dos colegas eu falo com respeito, com os professores eu falo com o maior respeito.

5. Ao conversar na escola, sente-se:

a) () à vontade

b) () pouco à vontade

c) () constrangido

Por quê?

Pouco à vontade, porque tem muitos colegas que não entende a gente.

6. Conhece alguém que fala diferente de você? Explique.

Sim, dependendo desse jeito de falar, se for pelo assunto, mais muitas pessoas não falam com as mesmas palavras que eu.

7. Já se sentiu ofendido por causa da sua origem, cor, religião, opção sexual ou outra situação? Comente sobre cada item apresentado.

Sim. Já sofri bullying por ter vindo do Pará e foi lá que eu nasci. Pela cor nunca sofri nada. Já sofri bullying por ser evangélica, as pessoas me zuaava. Opção sexual até hoje não, mais eu acho ridículo o preconceito.

Exemplo 05-A – Informante JSC13 – Discriminação racial, gordofobia e intolerância religiosa.

Atividade

Então vamos falar sobre sobre o assunto linguístico e a diversidade linguística e social.

Vamos fazer uma consideração essa semana e a reflexão sobre o conteúdo da charge / vídeo enviado, respondendo com justificativas.

1. É errado supor que alguém fala errado?

Não, porém depende, pois existem pessoas que pronunciam a palavra errado, mas existem pessoas que têm um sotaque diferenciado, então, depende.

2. Todas as pessoas que você conhece falam da mesma maneira?

Não.

3. Você considera certo corrigir a fala de alguém? Já aconteceu com você?

Não, eu não acho certo corrigir ninguém, porém depende, mas, isso já aconteceu muito comigo. Eu acho que é preciso corrigir na indicação de ensinar a pessoa, mas não de corrigir a fala.

4. De que forma você gosta de falar com as pessoas? Com a sua sotaque com o sotaque? E com o português?

Eu acho que no meu caso com o sotaque não, mas com o português, às vezes, sim, porque eu uso muitas das gírias e a pronúncia "errada" da palavra.

tilibra

Exemplo 05-B – Informante JSC13 – Discriminação racial, gordofobia e intolerância religiosa.

5. Como você se sente em relação a isso?

- se incomoda
- por ser a vontade
- incomodado

Por que?

Eu me sinto a vontade, porque é um ambiente que me deixa confortável, e eu também tendo bastante liberdade em expressar minhas opiniões.

6. Contou alguém que fala de você?

Sim, muitas pessoas.

7. Já se sentiu exposto por causa de sua origem, cor ou religião, opinião sexual ou outra vulnerabilidade? Como?

Sim, muitas vezes, quando eu vou ao super mercado por causa da minha cor, por conta de eu "estar acima do peso", e por minha religião às vezes, e isso é muito, me machuca muito, pois há de se ter uma melhor compreensão da questão. É um que eu vejo muito, e eu sei a verdade que não é certo ter que ninguém.

Versão digitada - Exemplo 05– Informante JSC13

ATIVIDADE

Ontem conversamos sobre o preconceito linguístico e a diversidade linguística e social. Levando em consideração essa conversa e a reflexão sobre o conteúdo da charge/video exibido, responda com justificativas.

1. É correto afirmar que alguém fala errado?

Não, porém depende, pois existem pessoas que pronunciam a palavra errado, mas existem pessoas que tem um sotaque diferenciado, então depende.

2. Todas as pessoas que você conhece falam da mesma maneira?

Não.

3. Você considera certo corrigir a fala de alguém? Isso já aconteceu com você?

Não, eu não acho certo corrigir ninguém, porém depende, mas, isso já aconteceu muito comigo. Eu acho que é preciso corrigir na intenção de ensinar a pessoa não de constrange-la, que é isso que eu acho errado, e me leva a entender que não é certo corrigir ninguém.

4. De que forma o seu jeito de falar interfere em sua relação com os colegas? E com a professora?

Eu acho que no meu caso com os colegas não, mas como professor, às vezes, sim, porque eu uso muitas gírias e a pronúncia "errada" da palavra.

5. Ao conversar na escola, sente-se:

a) (☒) à vontade

b) (☐) pouco à vontade

c) (☐) constrangido

Por quê?

Eu me sinto à vontade, porque é um ambiente que me deixa confortável, e eu também tenho bastante facilidade em expressar minhas opiniões.

6. Conhece alguém que fala diferente de você? Explique.

Sim, muitas pessoas.

7. Já se sentiu ofendido por causa da sua origem, cor, religião, opção sexual ou outra situação? Comente sobre cada item apresentado.

Sim, muitas vezes, quando criança eu sofria bullying por causa da minha cor, por conta de eu "estar acima do peso", e por minha religião às vezes, e isso é ridículo, me machuca muito, porém hoje eu sei lidar melhor com isso.

ANEXO - Parecer Consubstanciado do CEP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE
MONTES CLAROS -
UNIMONTES



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Diversidade linguística: a valorização do protagonismo juvenil na escola

Pesquisador: RAIMUNDA PEREIRA DA SILVA BALIZA

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 22548719.0.0000.5146

Instituição Proponente: Universidade Estadual de Montes Claros - UNIMONTES

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.650.694

Apresentação do Projeto:

Vivemos o momento da inclusão em todos os segmentos da sociedade e a diversidade linguística é o ponto de partida para se estabelecer uma nova forma de ensino e de aprendizagem, tornando real a inclusão nas escolas. Diante disso, propomos estudar a diversidade linguística e os valores socioculturais de forma a promover a autoaceitação e a valorização da vida. O desenvolvimento dessa pesquisa é importante porque através dela poderemos discutir a seguinte questão central: como se poderia contribuir para a conscientização sobre a linguagem e a educação dos alunos participantes desta pesquisa, em relação ao reconhecimento das crenças e atitudes discursivas que podem gerar intolerância e preconceito no convívio com seus semelhantes? Por fim, essa pesquisa pode constituir uma oportunidade única para intervir positivamente na formação dos nossos jovens e na qualidade do ensino ministrado na Escola Estadual de Montalvânia, tornando-o mais eficaz.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Estudar as concepções, as crenças e as atitudes concernentes aos usos indevidos de vocábulos, termos e expressões pejorativas pelos alunos do 8º ano da Escola Estadual de Montalvânia na convivência escolar.

Objetivo Secundário:

Endereço: Av. Dr. Rui Braga s/n-Camp. Univers. Prof. Darcy Ribeiro
Bairro: Vila Mauricéla **CEP:** 39.401-089
UF: MG **Município:** MONTES CLAROS
Telefone: (38)3229-8180 **Fax:** (38)3229-8103 **E-mail:** smelocosta@gmail.com

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS - UNIMONTES



Continuação do Parecer: 3.650.894

1. Discutir as teorias linguísticas sobre diversidade linguística, crenças, atitudes e preconceitos linguísticos; cidadania, valores éticos e morais. 2. Inventariar vocábulos e expressões arrolados na pesquisa pelos alunos e coletados em referências que tratam da temática em estudo. 3. Elaborar uma proposta de ensino que trabalhe os conhecimentos do tema em questão e, a partir disso conscientizar a respeito das consequências negativas advindas de usos indevidos dos vocábulos e das expressões. 4. Produzir vídeos educativos em parceria com os alunos para divulgação na comunidade escolar, pautados pelo trabalho desenvolvido por Batista Júnior (UFPI) .

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Durante a gravação das conversas e/ou resolução de questionários, o aluno poderá se sentir constrangido. No entanto, ele será informado que será preservado o anonimato e que ele poderá sair da pesquisa quando quiser.

Benefícios:

Espera-se com o desenvolvimento deste trabalho, oportunizar aos envolvidos uma reflexão sobre a importância de se respeitar o próximo compreendendo e aceitando as diferenças existentes na linguagem falada no que se refere ao uso das variantes menos prestigiadas, bem como nos quesitos socioeconômicos, culturais, estéticos, de crenças, raça e gênero. Porquanto, o uso de palavras pejorativas, tendenciosas ou preconceituosas podem originar uma dupla interpretação, e, conseqüentemente, causar constrangimentos imediatos e traumas futuros. Espera-se, ainda que os alunos reconheçam que toda a vivência deve ser pautada nos valores éticos, morais e sociais, resguardando os fundamentos da democracia e dignidade humana.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A proposta possui mérito e relevância científica, podendo contribuir para o avanço do conhecimento científico, gerando produtos de importância para a pesquisa, ensino e extensão.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Adequados.

Recomendações:

Enviar relatório final em 'notificação' na Plataforma Brasil

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Aprovado.

Endereço: Av. Dr. Rul. Braga s/n-Camp. Univers. Prof. Darcy Rib.			
Bairro: Vila Mauricéa		CEP: 38.401-089	
UF: MG	Município: MONTES CLAROS		
Telefone: (38)3229-8180	Fax: (38)3229-8103	E-mail: smelocosta@gmail.com	

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE
MONTES CLAROS -
UNIMONTES**



Continuação do Parecer: 3.850.894

Considerações Finais a critério do CEP:

O projeto respeita os preceitos éticos da pesquisa em seres humanos, sendo assim somos favoráveis à aprovação do mesmo.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_P ROJETO_1403879.pdf	01/10/2019 12:13:31		Aceito
Folha de Rosto	folha_de_rosto.pdf	01/10/2019 12:12:43	RAIMUNDA PEREIRA DA SILVA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	consentimento_livre.pdf	30/09/2019 11:04:06	RAIMUNDA PEREIRA DA SILVA BALIZA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	assentimento.pdf	30/09/2019 11:03:03	RAIMUNDA PEREIRA DA SILVA BALIZA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_Final_180919.pdf	25/09/2019 00:10:44	RAIMUNDA PEREIRA DA SILVA BALIZA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_responsabilidade_240919.pdf	25/09/2019 00:07:04	RAIMUNDA PEREIRA DA SILVA BALIZA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

MONTES CLAROS, 18 de Outubro de 2019

Assinado por:
SIMONE DE MELO COSTA
(Coordenador(a))

Endereço: Av. Dr. Rui Braga s/n-Camp. Univers. Prof. Darcy Ribeiro
Bairro: Vila Mauricéia CEP: 39.401-089
UF: MG Município: MONTES CLAROS
Telefone: (38)3229-8180 Fax: (38)3229-8103 E-mail: smelocosta@gmail.com

ⁱ **Versão em inglês disponível em:**

<https://www.jus.uio.no/lm/en/pdf/universal.declaration.of.human.rights.1948.portrait.letter.pdf>; uma das traduções em português disponível em: <https://nacoesunidas.org/wp-content/uploads/2018/10/DUDH.pdf>, acesso em: 16/10/2019.

ⁱⁱ **Breve biografia de Gomes de Matos em inglês, disponível em:**

<https://unlimitedloveinstitute.org/bios/francisco-de-matos.php>, acesso em 14/10/2019, e entrevista com Gomes de Matos disponível em: <http://www.humiliationstudies.org/documents/MatosDialogiaInterview2009.pdf>, acesso em: 22/10/2019.

ⁱⁱⁱ **Versão em inglês de *Duas Tipologias de Direitos Linguísticos*, de Gomes de Matos, disponível em:**

<http://www.humiliationstudies.org/documents/MatosTwoTypologiesofLinguisticRights.pdf>, acesso em: 14/10/2019, ampliada de 6 a 9 de junho de 1996, em Barcelona, disponível em:

<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000104267>; tradução em português disponível em:

http://www.dhnet.org.br/direitos/deconu/a_pdf/dec_universal_direitos_linguisticos.pdf, acesso em: 14/10/2019.

^{iv} **Disponível em:** <http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=utopia>, acesso em: 14/10/2019.

^v Agradecemos a André Poltroniere Santos, a Anecir Scherre e a Carolina Queiroz Andrade pela leitura atenta de nosso verbete. As sugestões feitas permitiram que o texto ganhasse mais coesão textual, leveza e clareza.